

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

**MARCEL CHAVES DA SILVA
THAÍS DE SOUZA FARIAS**

**JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A
SOCIEDADE - OS DESAFIOS E
RESPONSABILIDADES DA ROTINA DOS
JORNALISTAS PERUANOS E BRASILEIROS**

BAURU
2014

**MARCEL CHAVES DA SILVA
THAÍS DE SOUZA FARIAS**

**JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A
SOCIEDADE - OS DESAFIOS E
RESPONSABILIDADES DA ROTINA DOS
JORNALISTAS PERUANOS E BRASILEIROS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, sob orientação da Prof.^a Ma. Deborah Cunha Teodoro.

BAURU
2014

S5861j	<p>Silva, Marcel Chaves da.</p> <p>Jornalismo: um compromisso com a sociedade - os desafios e responsabilidades da rotina dos jornalistas peruanos e brasileiros / Marcel da Silva Chaves; Thais de Souza Farias. -- 2014. 141f.</p> <p>Orientadora: Profa. Ma. Deborah Cunha Teodoro.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.</p> <p>1. Jornalismo. 2. Documentário. 3. Jornalista. 4. Bauru. 5. Cusco. I. Farias, Thais de Souza. II. Teodoro, Deborah Cunha. III. Título.</p>
--------	--

**MARCEL CHAVES DA SILVA
THAÍS DE SOUZA FARIAS**

**JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A
SOCIEDADE - OS DESAFIOS E
RESPONSABILIDADES DA ROTINA DOS
JORNALISTAS PERUANOS E BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob orientação da Prof. Ma. Deborah Cunha Teodoro.

Banca Examinadora:

Prof. Ma. Deborah Cunha Teodoro
Universidade Sagrado Coração

Prof. Ms. Lucas Azevedo
Docente - Universidade Sagrado Coração

José Luiz Lacerda
Editor da TV Tem – Afiliada Rede Globo

Bauru, 5 de dezembro de 2014.

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me incentivaram a ir em busca dos meus sonhos e realizaram o impossível para que estes se tornassem realidade. (Marcel Chaves).

Dedico esse trabalho aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e não mediram esforços para a realização dos meus sonhos. (Thaís Farias)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente a Deus pelo dom da vida e por todas as outras graças que me concedeu inclusive as pessoas que colocou em meu caminho tornando este documentário concreto. Muito obrigado por sempre me ouvir e preparar o melhor possível para a minha vida.

Sincera gratidão aos meus pais, Antônio e Gislene, que me apoiaram desde o início e que se sacrificaram diversas vezes para que tudo isso fosse possível, além do amor incondicional que é, sem dúvida, recíproco. Em especial minha mãe, que desde os primeiros dias de universidade me incentivou e acreditou em mim mais do que ninguém, foi extremamente paciente durante estes cinco anos de estudos e hoje, assim como meu pai, me motiva a continuar em busca dos meus sonhos. Vocês dois me inspiram pelo caráter, força, bondade, e carinho para com os que os cercam.

Gostaria de agradecer também aos meus irmãos, Camila e Rafael, e a minha sobrinha Gabriela, que conviveram comigo durante a maior parte destes cinco anos me apoiando e sendo pacientes por todo o tempo. Amo vocês.

Aos meus tios, e primos, em especial minha tia Gilda, que concretamente possibilitou que eu conseguisse dar início a uma carreira de sucesso.

Aos meus amigos de classe, tanto no Brasil, quanto no Canadá, que me suportaram e compartilharam momentos incríveis nestes cinco anos, em especial a Kariline e a Isabela que estiveram por perto a maior parte do tempo me motivando e me ouvindo sempre que necessário. Assim como meus amigos fora da universidade, que também ofereceram total apoio. A amizade é verdadeira e espero que duradoura.

Aos professores brasileiros e canadenses que tive contato em todos estes anos de estudo e que pude aprender muito diariamente com suas infinidades de conhecimento.

Aos funcionários da USC e da Kwantlen que quase sempre estiveram dispostos a ajudar, em especial os funcionários do departamento de jornalismo destas duas universidades, os quais convivi diariamente nestes anos.

E obrigado a Thais Farias pela sua dedicação e paciência para que conseguíssemos produzir este documentário e finalizar nosso ciclo universitário

da melhor forma possível. Aprendi demais com você neste processo todo. Sem dúvida, uma amizade infinita. Allthebest for you!!! Te amo! (Marcel Chaves)

Agradeço a Deus por ter me proporcionado paciência, sabedoria e discernimento. Obrigada por fazer com que eu vivesse o melhor da vida, me preparando para enfrentar as dificuldades.

Agradeço aos meus pais por sempre acreditarem nos meus sonhos, por depositarem em mim toda a confiança que tinham e por me instruírem para que eu obtivesse êxito na busca dos meus maiores objetivos. Eu amo vocês mais do que qualquer outra pessoa que eu venha amar um dia.

Agradeço a minha irmã que sempre me apoiou e me atendeu prontamente, apesar das brigas.

Agradeço a Thabata por ter sido, antes de qualquer coisa, companheira. Por ter aguentado os meus dias mais chatos, cansativos e tensos. Sem você eu haveria pirado. Eu te amo.

Agradeço a Jacque e a Juliana por serem companheiras, aguentarem os meus surtos e desabafos. A amizade de vocês foi extremamente essencial no último ano.

Agradeço a Juliana Midená por trazer doçura a minha vida e, mesmo longe, me mostrar amizade, compreensão e afeto. Agradeço também a Julia do Prado e a Beatriz Avalone por todo conhecimento compartilhado.

Agradeço a Tamira, por ter sido companheira nas horas mais difíceis do curso e por ter me apoiado quando nem eu mesma acreditava em mim.

Agradeço a Joyce Guadagnucci e a Erica Moraes por terem me feito acreditar no meu potencial e por terem me ensinado a amar ainda mais fotografia e revista. Vocês são demais, mestres.

Agradeço a galera Alto Astral que, mesmo sem perceberem, mudaram completamente a minha vida no último ano. Vocês são os melhores.

Agradeço ao meu amigo, companheiro e amor de uma vida toda, Marcel Chaves. Sem você eu não haveria crescido tanto. Obrigada por tudo, você é um príncipe. Vai e mostra para o mundo o que é capaz de conquistar, menino. Eu te amo, é infinito. (Thaís Farias)

A jornada desse trabalho foi interessante, pois no decorrer dele descobrimos o quão importante é o incentivo de profissionais competentes. Foi exatamente isso que não faltou em nossa orientadora, Deborah da Cunha Teodoro. Obrigada por acreditar que éramos capazes desde o primeiro instante.. Obrigada por ter apoiado a ideia e por ter a encarado até o fim.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.” (Arthut Schopenhauer)

RESUMO

Tendo em vista que o documentário é um produto em que a realidade é documentada e ainda poderá ser útil em outras gerações, o presente trabalho tem como objetivo a produção de um documentário sobre as rotinas jornalísticas e os desafios de exercer a profissão. Para o enriquecimento do trabalho e conhecimento dos futuros profissionais, houve a decisão de elaborar um produto em que a rotina que envolve o jornalista, desde a coleta de dados, ainda na redação, até a saída para as ruas, fosse retratada. Houve o acompanhamento de duas empresas jornalísticas: Jornal da Cidade, localizado na cidade de Bauru, SP, Brasil, e Diário Correo, localizado na cidade de Cusco, no Peru. Para colaborar com o desenvolvimento teórico, utilizou-se de autores com conhecimento em televisão e documentário. Ao final, o produto responde três perguntas básicas a cerca do jornalismo: qual a principal função do jornalista? Existe diferença entre o jornalismo praticado no Brasil e no Peru, já que as culturas e economias são distintas? Por que os jornalistas ainda insistem na profissão mesmo sendo desafiador e desvalorizado?

Palavras-chave: Jornalismo; Documentário; Jornalista; Bauru; Cusco.

ABSTRACT

Knowing that a documentary is a production where the reality is filmed, archived and consequently useful and accessible to other generations, this Project itself intends to produce a documentary about the journalists' routines and the challenges that they face everyday. Willing to enrich this paper and the knowledge of future professionals, it was decided to create a product that evolves the journalists' routine illustrating from the data collection, through the interviewing, writing and editing process. Two journalists' stories were followed belonging to two separate companies: Jornal da Cidade, located in Bauru, in the state of São Paulo, Brazil, and Diario Correo, located in Cusco, Peru. To enhance this paper, the usage of authors specialized in television and documentary was required. It is believed that this product responds to three basic questions: What is the main responsibility of a journalist? Is there any distinction in the practice of journalism in Bauru and Cusco, regarding the cultural and economical differences between these two cities? Why do journalists still keep on working with it when there are so many challenges and devaluation in this profession?

Palavras-chave: Journalism; Documentary; Journalist; Bauru; Cusco.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVO	16
3	HISTÓRIA DA IMPRENSA	17
3.1	BRASIL COLONIAL	17
3.2	BRASIL INDEPENDENTE	19
3.3	PERU COLONIAL	20
3.4	PERU PÓS-DITADURA	22
4	REPORTAGEM	27
4.1	REPORTAGEM COMO GÊNERO JORNALÍSTICO	28
4.2	PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE REPORTAGEM	30
4.2.1	PAUTA	30
4.2.2	REPÓRTER DE RUA	31
4.2.3	PRODUTO FINAL	32
5	TEORIAS DO JORNALISMO	34
6	DOCUMENTÁRIO	37
6.1	HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO NO BRASIL	37
6.1.2	CINEMA NOVO	38
6.1.3	CINEMA CONTEMPORÂNEO	40
7	PRE-PRODUÇÃO	42
8	FINANCIAMENTO	44
9	PESQUISA	45
11	FILMAGEM	50
12	EDIÇÃO	54
13	VEICULAÇÃO	59
13.1	INTERNET	59
13.2	TELEVISÃO DIGITAL	59

14	PRODUTO PRONTO.....	62
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	74
	ANEXOS.....	80

1 INTRODUÇÃO

Com o objetivo mostrar a rotina de profissionais de jornal impresso diário, o presente trabalho pretende mostrar também a função social da profissão, contextualizando e os fatos nesse gênero midiático, o documentário, que proporciona o desenvolvimento do aspecto crítico do receptor.

O documentário, entre as inúmeras tendências audiovisuais, pode então passar a ser considerado como uma das adaptações culturais desenvolvidas na evolução da espécie humana, onde a questão do conhecimento e da realidade assume posição destacada. Sua forma de produção aproxima-o do fazer investigativo que também está presente na ciência. (GODOY DE SOUZA, 1999).

Ainda segundo Godoy (1999), em um documentário há a valorização da realidade e também do conhecimento. O produto apresentado tem também como finalidade mostrar algo que não faz parte do conhecimento de algumas pessoas, ainda está oculto para elas. Além de valorizar a profissão, mostrando que, por trás das páginas impressas existe o desejo de cumprir a função social que cabe a profissão. Focamos em mostrar o dia a dia, incluindo a opinião dos personagens principais em relação a profissão e aos sonhos.

As primeiras produções desse gênero no Brasil foram feitas por dono de cinemas, mas houve destaque logo em seguida para nomes como Eduardo Hirtz, que é tido como pai do cinema gaúcho, e Anibal Rocha Requião, que iniciou a fama ao documentar o desfile militar de 15 de novembro. Silvino dos Santos merece destaque já que, de 1913 até 1930, documentou a região amazônica. Segundo Altafini (1999), Silvino foi o primeiro a montar sequências de trás para frente ou decupar as tomadas em ângulos e enquadramentos diferentes. Nessa época, os documentários eram integralmente financiados por empresas e cine-jornais.

Ao longo dos anos o gênero passou por modificações e evoluiu. Já na década de 50 houve a criação da Companhia Cinematográfica Vera Cruz que tinha como lema uma produção brasileira de padrão internacional. E, nos anos 60 houve a reformulação no modo de fazer documentário, isso diz respeito à

aspectos estéticos e à linguagem. O tema explorado passa a ser relacionado aos problemas sociais enfrentados pela população, sem o olhar institucional, procurando dar voz ao que não tem. Segundo Fernão Ramos (2008), existe momentos na história em que a conjunção de fatores antes dispersos cristaliza potencialidades. “Surgem então manifestações artísticas especialmente vigorosas. Para o cinema brasileiro a década de 1960 parece ter sido um destes momentos privilegiados”.

Em meados de 1990 ocorreu a implantação de canais a cabo no Brasil e, com isso, houve a possibilidade de veiculação de trabalhos documentais, já que surgiram também canais especializados e a possibilidade de venda do produto para canais internacionais.

O gênero documentário foi escolhido por haver a possibilidade de documentar, com verdade, a visão sobre a profissão que será exercida pelos autores do presente trabalho.

Tendo escolhido o gênero e o desenvolvendo teoricamente, foi decidido que a filmagem ocorreria em Bauru, cidade em que se encontra a Universidade Sagrado Coração, onde os autores do trabalho concluem a graduação em jornalismo. Mas para que o tema fosse mais explorado, houve a possibilidade de explorar novas culturas e, foi escolhida a cidade de Cusco, no Peru. O Peru foi o primeiro país da América Latina a receber a imprensa, portanto seria o país ideal. Já Cusco é a cidade com a quantidade de habitantes mais próxima de Bauru. O presente trabalho visa mostrar a realidade em que o profissional de jornalismo está enquadrado nos dois países. O documentário, fruto desse trabalho, se torna relevante não apenas por mostrar a realidade que, até então, é oculta, mas também para fins acadêmicos, servindo de base para outros estudos. Intitulado Jornalismo: Um Compromisso com a Sociedade – Os desafios e responsabilidades da rotina dos jornalistas peruanos e brasileiros, o documentário acompanhou a rotina de três jornalistas, dentro e fora da redação, e é um recorte de como a profissão é exercida nos países. Tornou-se essencial falar sobre credibilidade, já que, no Brasil era período de eleição presidencial e as notícias sem veracidade surgiam com frequência. Outro assunto igualmente importante foi sobre a censura em jornais: há a proibição de abordar algum tema ou assunto? Alguma notícia deixa de ser passada a

população por não atender aos interesses da empresa jornalística? No produto há a respostas necessárias para sanar não só as dúvidas dos autores, mas também da comunidade acadêmica, que será inserida no mercado em algum momento.

Para auxiliar na compreensão detalhada deste documentário, assim como enriquecer em conhecimento os próprios produtores deste filme, buscou-se desde o primeiro capítulo a compreensão histórica e atual do jornalismo brasileiro, peruano e geral.

Por conta disso, encontra-se, no início desta pesquisa, uma descrição do surgimento da imprensa e do jornalismo brasileiro e peruano desde o período colonial até a atualidade, buscando levantar os principais acontecimentos que, de alguma forma, influenciaram o fazer jornalístico nestes países. Com o suporte de diversos autores, como Nelson Werneck Sodré e Juan Gargurevich, é possível dar início a uma compreensão mais ampla da profissão e do profissional por meio do conhecimento histórico.

Em seguida, se fez necessário um conhecimento mais aprofundado sobre reportagem, uma vez que este documentário se propôs a detalhar a rotina dos jornalistas, que sem dúvida, vivenciam a reportagem diariamente. Devido a isto, o capítulo sobre reportagem apresenta um debate entre diferentes autores sobre os gêneros jornalísticos e os processos de produção de uma notícia, desde a elaboração de uma pauta até a finalização da matéria, e os diferentes comportamentos dos jornalistas nestes processos.

Devido ao formato do produto proposto, documentário, houve a necessidade de conhecimento histórico do mesmo, para que assim existisse uma familiarização dos criadores deste produto com os momentos de origem e renovação do documentário. Por conta da localidade destes produtores, encontra-se neste capítulo uma descrição dos principais acontecimentos na história do documentário como gênero audiovisual no Brasil, desde o surgimento no fim do século XIX, início do século XX, até o cinema contemporâneo, facilitado pelo desenvolvimento tecnológico e pelos programas de apoio desenvolvidos pelo governo brasileiro.

Para complementar, foi imprescindível o estudo, a compreensão e exposição nos capítulos seguintes, do processo de produção de um

documentário. Processo este que parte da definição precisa e certa do assunto a ser tratado no filme; de uma intensa pesquisa - esta iniciada com a busca dos principais acontecimentos históricos no cenário jornalísticos nos dois países e de documentário –; da busca por financiamento, o que não foi necessário para esta produção; assim como das técnicas de filmagem e edição que facilitam a criação de um produto efetivo. Neste capítulo apresentam-se diversos autores como Alan Rosenthal e Barry Hampe que buscam detalhar, para todos os interessados, os procedimentos na criação de um documentário, além de levantar debates e questionamentos sobre o comportamento dos profissionais e os riscos que se corre na produção deste formato audiovisual, muitas vezes, imprevisível.

Os meios para a veiculação deste produto foram apresentados no capítulo seguinte, onde há um relato do surgimento e desenvolvimento da internet e da TV digital para o que encontramos disponível hoje.

O método de abordagem desta pesquisa será o indutivo. Buscaremos por meio de pesquisa histórica e de campo, chegarmos a um ponto de convergência entre os dados levantados e a teoria utilizada, que serve de premissa maior, porém, mantendo em mente que as premissas não se assumem como verdade absoluta, mas sim, são complementadas conforme as conclusões obtidas.

Procedimentos:

- Pesquisa bibliográfica
- Entrevista
- Pesquisa de campo
- Método monográfico

Como pré-requisito para a elaboração deste projeto, optou-se pelo levantamento bibliográfico em livros e artigos que serviram como principal alicerce desta pesquisa. Logo após foi feita uma pesquisa de campo onde, por meio desta, foi possível agregar ao produto informações relevantes que contribuíram para a qualidade do mesmo, assim como enriqueceram-nos de conhecimento.

De acordo com Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos em sua obra, Fundamentos de Metodologia Científica (2010):

A pesquisa de campo consiste na observação dos fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Esta coleta de dados consistiu na elaboração de entrevistas com cerca de onze fontes distintas, que contribuíram das mais variadas formas para esta pesquisa.

Em seguida analisar o levantamento de dados e as entrevistas, comparar a realidade dos dois locais selecionados, relacionar os resultados com a teoria selecionada, e por fim, concluir a pesquisa com base em todas as etapas anteriores.

2 OBJETIVO

O objetivo principal deste estudo é elaborar um documentário que colabore para a discussão e reflexão dos desafios que os jornalistas enfrentam na América Latina.

Para isso, escolhemos o Brasil, país mais importante economicamente e com maior população na América Latina. Nele, optamos por nossa cidade natal, Bauru, onde nos graduaremos jornalistas.

Para realizar a comparação, escolhemos o Peru, mais especificamente Cusco. Levamos em consideração a quantidade populacional e a importância econômica da cidade para o país. A escolha do país foi inspirada pelo desejo de conhecimento de outras realidades jornalísticas pouco exploradas por mídias brasileiras, mas que representam importante papel na história da comunicação latino americana. Nelson Werneck Sodré, por exemplo, ressalta em sua obra, “História da Imprensa no Brasil” (1999) que o Peru, foi o primeiro país na América do Sul a ter contato com a imprensa.

Em adendo, vale relembrar que o XII congresso da Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC) foi realizado neste ano entre os dias 6 e 8 de agosto na Faculdade de Ciências e Artes da Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP), na capital Lima. O congresso teve como tema central “Pensamento crítico latino-americano e os desafios da atualidade”.

São exatamente estes desafios que buscaremos ilustrar ao acompanhar dois jovens jornalistas durante a produção de reportagens para seus respectivos veículos, instigando-os a descrever e refletir o dia a dia jornalístico na realidade em que vivem.

Este produto pretende ainda responder a três perguntas que surgiram aos dois alunos no decorrer dos anos universitários, são elas: Qual a principal função do jornalista? Existe diferença entre o jornalismo praticado no Brasil e no Peru, já que as culturas e economias são distintas? Por que os jornalistas ainda insistem na profissão mesmo sendo desafiador e desvalorizado?

3 HISTÓRIA DA IMPRENSA

Com o intuito de contextualizar nossa produção do vídeo-documentário e permitir uma compreensão mais exata do que apresentaremos, será traçado um panorama da imprensa brasileira, desde o período colonial, quando teve início o jornalismo impresso, de acordo com Nelson Werneck Sodré, em sua obra *História da Imprensa no Brasil*, até a fase moderna, na qual encontramos uma variedade de meios de comunicação, como rádio, televisão e internet.

Realizaremos também uma breve descrição do jornalismo do país que visitaremos, Peru, tentando traçar um comparativo histórico entre ele e o Brasil, para facilitar a compreensão do nosso produto final.

3.1 BRASIL COLONIAL

Logo no início de sua obra, Nelson Werneck levanta o questionamento do porque da tardia inserção da imprensa no Brasil Colônia e na América Portuguesa.

Muito se indagou sobre os motivos do contraste apresentado pela América espanhola, sem falar na inglesa: México e Peru conheceram a Universidade colonial; por outro lado, o México conheceu a imprensa, em 1539; o Peru, em 1583; as colônias inglesas, em 1650 (SODRE, 1999, p.10)

Ainda de acordo com o autor, após tentativas frustradas que reporta a 1706, o Brasil conheceu oficialmente a imprensa em 13 de maio de 1808, quando a oficina da Typografia Régia no Brasil foi instituída por D. João VI.

Tendo-me constado que os prelos, que se acham nesta capital, eram destinados para a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra; e atendendo à necessidade que há da Oficina de impressão nestes meus Estados, sou servido que a casa onde eles se estabeleceram sirva interinamente de Impressão Régia, onde se imprimam exclusivamente toda a legislação e papéis diplomáticos que emanarem de qualquer repartição do meu real serviço, e se possam imprimir todas e quaisquer obras, ficando inteiramente pertencendo seu governo e administração à mesma Secretaria. (BARRA, apud. MORAES, 1979, p. 99/100).

Entretanto, fica claro nas palavras do então rei que não surgia ali a liberdade de imprensa, já que era proibida a publicação de outros documentos que não fossem referentes à coroa. Consequentemente, naquele período, extinguiu a possibilidade do surgimento de um periódico que apresentasse opinião divergente do governo, já que o veículo poderia inflar e incentivar o povo contra a monarquia.

Com a Imprensa Régia, já em 24 de junho de 1808, foi instaurada uma junta oficial – era o órgão oficial de censura do reino. A junta censora funcionou na mesma oficina onde, em setembro de 1808, foi impresso o primeiro exemplar da *Gazeta do Rio de Janeiro*, que tinha como missão informar os acontecimentos ligados a Portugal e os fatos mais importantes do Brasil, sem ferir a Coroa.

Sodré (1999) explica que a tardia instalação da imprensa e da universidade no Brasil deveu-se à necessidade de Portugal, país colonizador, manter a população colonial afastada de qualquer fonte de conhecimento e informação. Tal atitude era tomada para que o país colonizado não o impedisse de explorar os recursos naturais presentes no território dominado.

Clandestinamente, antes mesmo da primeira publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1º de junho de 1808, chegava ao Brasil o *Correio Braziliense*, periódico de responsabilidade de Hipólito da Costa, primeiro jornalista brasileiro. Produzido e publicado na Inglaterra, era comercializado de forma clandestina em território nacional, por se esperar que a censura coibisse a sua impressão e circulação. O conteúdo do periódico expunha a opinião pública e veiculava críticas à monarquia.

Este jornal, para Sodré (1999), apesar de importante para a nossa história, não deve representar o pioneirismo da imprensa brasileira, como alguns autores defendem, já que, além de ser produzido na Europa, apresentava também opinião externa sobre os acontecimentos aqui existentes.

É essencial lembrar que, no período de 1808 a 1898, a imprensa tinha como característica o atraso, o oficialismo e, principalmente, a censura. Ainda assim, outras produções periódicas que surgiram com o decorrer dos anos, como a *Idade de Ouro do Brasil*, criado em 14 de maio de 1822, na Bahia, apoiava o governo e suas decisões. Segundo Sodré (1999), o jornal apenas

anunciava os fatos sem impor qualquer reflexão. Em várias outras cidades foram criados jornais, com características distintas, que buscavam, em sua maioria, criticar a corte (quando não censurados) ou defender com *unhas e dentes* a família real – estes últimos criados pela própria corte portuguesa.

3.2 BRASIL INDEPENDENTE

A partir de 07 de setembro de 1822, tornávamo-nos, teoricamente, um país independente e isso não era totalmente aceito em território nacional, já que a nossa extensão territorial é de grande dimensão e eram muitos os interesses e grupos sociais existentes.

De acordo com Sodré (1999), a luta pela independência era confundida com a luta pela liberdade e, com a chegada da imprensa, os cidadãos conquistaram a independência e caminharam para a liberdade. Se, no princípio da imprensa, clamava-se pelo fim da censura, já que as perseguições eram prejudiciais, naquele momento, os militares desejavam preservar o “estar-bem” do Estado Independente.

Então, finalmente, agosto de 1827 foi marcado pelo fim da censura e início do período da imprensa conhecido como “Imprensa panfletária e atrevida”. Foi a fase dos pasquins, jornais com uma linguagem atrevida, mas com vida breve. Ainda neste ano, a imprensa brasileira contou com o apoio financeiro dos franceses. Entre 1830 e 1850, apogeu dos pasquins, o Brasil possuía mais de 50 títulos. Nesse mesmo período, segundo Sodré (1999, p.180), a imprensa tinha técnica fraca e a distribuição era restrita. Mesmo com essas características, ela ainda cumpria o seu papel, sendo atuante e ativa.

Em São Paulo, em 1874, era inaugurada a Tipografia Alemã, marcando o início de uma nova fase do jornalismo: a impressão de jornais em grandes formatos. O pioneiro foi o *Diário de São Paulo*.

Finalmente, em 15 de novembro de 1889, o Brasil tornava-se República e as tipografias, por toda a nossa extensão territorial, tiveram seus equipamentos renovados, tornando-se mais sofisticadas. Iniciava-se o período profissional da imprensa.

Já vivendo em uma monarquia independente, em 1825, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, além de estados como Bahia e Pernambuco, sediavam jornais e tipografias. Após a difusão da imprensa, houve a necessidade de regularizá-las. A lei criada determinou a proibição de qualquer publicação que fosse contra a moral e os bons costumes, a Constituição e o Imperador.

Tomando S. A. Real em consideração quanto é injusto que, depois do que se acha regulado pelas Cortes Gerais Extraordinárias da Nação Portuguesa sobre a liberdade de imprensa, encontrem os autores e editores inesperados estorvos à publicação dos escritos que pretenderem imprimir: É o mesmo Senhor servido mandar que se não embarace por pretexto algum a impressão que se quiser fazer de qualquer escrito, devendo unicamente servir de regra o que as mesmas Cortes têm determinado sobre este objeto. (SODRÉ, 1999, p. 41).

Os artigos deveriam ser assinados e as provas tipográficas analisadas pelo procurador da Coroa. A imprensa livre era um engano. Com o passar dos anos, o autoritarismo caiu e, aos poucos, alguns periódicos clamavam por mais liberdade, a qual era concedida aos poucos.

3.3 PERU COLONIAL

Como citado no capítulo anterior, as colônias espanholas conheceram a imprensa antes do Brasil, única colônia portuguesa na América Latina.

O Peru, um dos nossos objetos de estudo, teve seu primeiro contato com a imprensa em 1583, de acordo com Nelson Werneck.

Alexandre Budaibes, em sua obra *Origem e evolução do jornalismo colonial peruano no século XVIII: A Gazeta de Lima (1744)*, explica que, o italiano Antônio Ricardo foi “o primeiro a obter licença para ocupar a função de impressor em 1584,” e que graças a ele, “apareceu em Lima o primeiro dos textos impressos, a *Pragmática sobre los diez días delaño.*”

Para Werneck, a instalação rápida da imprensa no Peru fomentou a necessidade da corte espanhola reeducar os povos indígenas – já

desenvolvidos e conscientes das riquezas que possuíam em suas terras – para, então, dar continuidade à exploração daquela região.

As primeiras expressões de jornalismo nas colônias hispano-americanas surgiram com as *hojas volantes*, também conhecidas como *relaciones*, e os *noticiários*. Ambas desempenharam papel primordial na construção da comunicação social nestes países com seu formato informativo (BUDAIBES, 2011).

As *relaciones* eram em sua maioria narrativas e publicadas apenas em ocasiões especiais. Gargurevich (2006) explica que as primeiras *relaciones* só foram impressas e comercializadas no Peru após forte censura política e religiosa, o que se assemelha ao Brasil colonial e demonstra a necessidade da corte espanhola controlar o aprendizado dos povos locais.

Enquanto isso, os *noticiários* caracterizavam-se pelo seu formato boletim, com diversas notícias curtas relacionadas, principalmente, ao continente europeu e suas conquistas pelo mundo (BUDAIBES, 2011).

Ambos foram primariamente criados com a intenção de informar a administração do governo colonial a respeito dos acontecimentos locais e da metrópole. Porém, a partir do século XVIII, tais publicações passaram a não cumprir o papel para o qual foram criadas.

Com o início do século XVIII, houve no Peru uma modificação da forma de disseminação de notícias. Esta propagação começou na oficina de José Contreras y Alvarado, a partir de 1715, com a reimpressão da Gazeta de Madrid, tanto no México como no Peru, onde foi publicada sob o nome de Gazeta de Lima. Poucas são as informações sobre estes primeiros anos do periódico, desta reimpressão se conhece somente o exemplar, que levou o seguinte título: “*Gazeta reimpressa em Lima: de las novedades más sobresalientes de la Europa, del mes de febrero de 1715*”. (Budaibes, 2011, p.15)

Budaibes explica, no decorrer de sua obra, que a Gazeta de Lima extinguiu-se por um período e voltou a ser publicada quase 30 anos depois. Não se sabe também quantos foram os redatores, muito menos a quantidade de publicações realizadas, já que os registros são bastante escassos.

Quando retornou, em 1744, a publicação foi marcada por uma nota emitida pelo editor no papel impresso, de acordo com Budaides.

É a Gazeta uma breve história dos sucessos, em que imediata e progressivamente se divulguem as notícias. É um sumário das novidades, com que se estabelece, e cultiva a policia das pessoas; resultando muitas vezes a comum utilidade desta politica inventada; porque mediante ela circulam pelo corpo do mundo racional as noticias dos sucessos, e sem o custo da viagem, nem o afã dos correspondentes, se adianta o comercio das mais sobressalentes novidades. (GAZETA DE LIMA, n.1, 1744, p.1).

Esta Gazeta ficou marcada como o primeiro informativo a publicar maior quantidade de notícias locais, acompanhando a Europa. A distribuição das notícias seguia sempre um intervalo de um a dois meses. E buscava informar a população, assim como “manter o sistema mediante o engrandecimento da vida dos reis e nobres e da ação espanhola.” (BUDAIBES, 2011).

Entre 1744 e 1776, este jornal tornou-se um meio eficiente de propagação de notícias na colônia peruana. Não tinha o interesse de formar opinião pública, visto que sua existência era puramente voltada à descrição de fatos e transmissão de informações, as quais chegavam apenas à parte mais rica da colônia, devido aos custos, e a uma porção pequena de pessoas mais educadas da época.

Esta publicação hoje é considerada um importante objeto de estudo da imprensa colonial peruana, já que foi a primeira a publicar com periodicidade e variedade de temas, e porque, segundo Gargurevich (1991, p.39), “a Gazeta era, enfim, a testemunha da realidade do reino espanhol; e para os *criollos*, em particular, era a certeza de seu pertencimento a realidade”.

3.4 PERU PÓS-DITADURA

Durante toda sua história política, foram diversas as vezes que os peruanos sofreram com um governo controlador, ditatorial. Uma das mais recentes teve início no fim da década de 60, mais exatamente em 1968, com o golpe militar das forças armadas retirando o então presidente do país,

Fernando Belaunde Terry, para que o general Juan Velasco Alvarado assumisse o cargo.

O golpe foi justificado como a melhor forma de combater a corrupção e criar novas estruturas que assegurassem dignidade e justiça, no entanto, surpreendente era a abordagem violenta nos discursos revolucionários colocados diretamente pelo presidente Velasco, ou pelos meios de comunicação, de acordo com Juan Gargurevich, na obra *Los Medios Masivos de Informacion en el Peru, 1980-2012*.

Como característica das ditaduras latino americanas, os meios de comunicação se opuseram desde o início a quase todas as atitudes tomadas pelo regime, principalmente, quando prejudicavam diretamente os proprietários dos veículos de comunicação.

Gargurevich (2012) resume a relação dos meios de comunicação com os militares golpistas da seguinte forma:

- 1968-1970: primeiro fechamento dos jornais *Expreso Extra*.
- 1970-1974: expropriação dos jornais *Expreso* e *Extra*; tentativa de instituir um modelo cooperativista para os meios; nova lei de telecomunicações que expropriou as principais emissoras de rádio e canais de televisão.
- 1974-1980: expropriação e tentativa de implantar um modelo de propriedade social para a imprensa nacional, cuja tiragem era maior que 20 mil exemplares diários; fracasso e devolução dos meios aos seus antigos proprietários. (Gargurevich, 2012, pg.13, tradução nossa)

Com o fim do governo militar, em 1980, houve uma interrupção nas mudanças políticas então em andamento e, algumas vezes, uma revisão das novas leis.

A comunicação, por sua vez, passou a focar-se em mudanças até então vistas como desnecessárias. Notou-se que, desde a década de 1970, a maior parte das notícias proliferadas no hemisfério sul era produzida por agências de notícias do hemisfério norte. Foi então que criaram a agência de notícias Andina, responsável pela elaboração de materiais jornalísticos nacionais.

Paralelamente a isso, seguia uma discussão entre o governo que buscava controlar os conteúdos informativos, limitando a liberdade de

imprensa, e os meios de comunicação que lutavam para reconquistar a liberdade de expressão, quase inexistente durante a ditadura. (Gargurevich, 2012)

Em um cenário então democrático, os meios de comunicação (com propagandas políticas e transmissão de debates) passaram a exercer papel importante no meio político, sendo parcialmente responsáveis pela eleição de Fernando Belaunde (1980-1985) e de Alan García Pérez (1985-1990).

Em 1980, com a entrada do presidente Belaunde, a imprensa voltou a ser controlada pelos seus respectivos proprietários, como citado acima. A televisão, em especial, passou por outra mudança, quase que concomitantemente. Chegava ao Peru a televisão em cores, o que elevou os custos do aparelho, mas marcou positivamente este novo momento dos meios de comunicação no país (VIVAS, 2001).

De acordo com Gargurevich, outra mudança quase inevitável para o momento pós-ditadura nos meios de comunicação foi a demissão de muitos jornalistas que, durante o governo militar, tornaram-se pró-regime ditatorial. “Na prática, os jornais se desfizeram de dezenas de profissionais com o propósito de refazer as visões informativas para recuperar os velhos leitores perdidos pelo baixo nível de credibilidade da imprensa nos anos militares”. (GARGUREVICH, 2012, p.15).

Outro momento importante na história do jornalismo peruano ocorreu durante a década de 1980, quando houve uma batalha sangrenta entre o governo de Belaunde e a guerrilha criada por Sendero Luminoso, chamada de Partido Comunista do Peru. Neste período, 60 mil pessoas morreram, entre elas, muitos jornalistas, assassinados sem saber ao certo por quem. Tal cenário tornou o Peru um dos países mais perigosos para exercer a profissão jornalística na época, de acordo com Gargurevich (2012).

Durante o governo seguinte, de Alan Garcia, a inflação aumentou drasticamente, prejudicando severamente os meios de comunicação. Os canais televisivos, por exemplo, deixaram de produzir telenovelas como antes. Por outro lado, houve também maior liberdade de expressão concedida pelo governo, o que permitiu o surgimento de novos meios informativos.

Logo após, surgiu o que se tornaria um dos presidentes mais conhecidos, internacionalmente, na história peruana, Alberto Fujimori (1990-2000). Gargurevich resume claramente o que foi o jornalismo durante o governo de Fujimori:

Talvez como um exercício para simular informação, mentindo, exagerando, escondendo notícias, distorcendo outras, espalhando boatos ou alimentando-os, promovendo o medo, garantindo a lealdade dos jornalistas e meios de comunicação, eliminando a concorrência, criando campanhas para lança-las através da mídia sob seus controle, intimidando e despedindo jornalistas. (Gargurevich, 2012).

No entanto, existia no Peru, pela maior parte da população, a crença de que Fujimori exercia como ninguém a política de liberdade de expressão nos meios de comunicação.

Durante seus dez anos no poder, Fujimori invadiu diversos canais televisivos e edições de jornais impressos, solicitando mudanças nas matérias elaboradas, principalmente, quando relacionadas às políticas do governo do então presidente. Muitos jornais oposicionistas deixaram de circular devido aos golpes publicitários aplicados pelo governo. Enquanto isso, muitos canais televisivos, por exemplo, passaram a apoiar o regime de Fujimori, graças a quantias milionárias pagas aos proprietários.

O governo do ditador civil chegou ao fim quando dois políticos liberaram aos jornalistas uma fita de vídeo que continha o “assessor presidencial Vladimiro Montesinos entregando 25 mil dólares ao congressista Alberto Kouri em recompensa a sua troca para o lado de Fujimori.” (GARGUREVICH, 2012).

As cenas do escândalo político desencadearam uma reação gigantesca na população, o que obrigou o presidente Fujimori a renunciar ao cargo por “incapacidade moral”, de acordo com Gargurevich.

Os meios de comunicação encontravam-se extremamente enfraquecidos no cenário pós-Fujimori, caracterizados por uma televisão desprestigiada e jornais diários sensacionalistas.

Com os novos governos, surgiram mudanças consideráveis em todos os setores. Na comunicação, os principais proprietários televisivos foram processados e condenados a prisão por corrupção. Muito se discutiu a respeito

da criação de uma nova lei de rádio e televisão e outras telecomunicações, o que não agradou a alguns empresários do meio que argumentavam, dizendo que, para a liberdade de expressão, não deve existir lei. Qualquer lei criada para regular os meios de comunicação era vista como censura.

Foi criado, durante a década de 2000, o conselho consultivo de rádio e televisão para estudar e analisar os meios audiovisuais.

Com relação aos veículos impressos, poucas foram as mudanças. Na internet, por sua vez, crescia o número de publicações online, sendo criados os primeiros jornais digitais do país. Atualmente, acredita-se não haver publicação jornalística sem sua página na web.

O que muito preocupa os peruanos, assim como os brasileiros, é a concentração de controle dos meios de comunicação. A revista Poder realizou, em 2009, uma análise da influência política e econômica do Peru, de acordo com Gargurevich (2012).

A concentração tem deixado o mercado da imprensa peruana em poder da família Miró Quesada (Grupo ECO), da família Mohme (Grupo La República), da família Agois Banchemo (Grupo Epena) e de Manuel Delgado Parker (Grupo RPP). Para diversos analistas existem hoje jornalistas ligados a estes grupos que exercem discretamente o poder por trás do poder. (PODER, 2009, p. 69-74, tradução nossa).

O autor explica que a publicação da revista demonstrou que a diversidade de jornais presentes nas bancas peruanas não significa a existência de diversidade de opiniões, já que são sempre as mesmas empresas por trás de todas as publicações. A existência de jornais independentes é escassa.

Em rotas distintas seguem as estações de rádio que, devido à política de concessão criada pelo governo peruano, não permitiu a oligopolização dos meios.

4 REPORTAGEM

Na intenção de provocar o debate sobre os desafios que os jornalistas enfrentam nos dois lugares escolhidos para o nosso estudo, decidimos acompanhá-los durante a produção de uma ou mais reportagens para o jornal em que trabalham. Desta forma, acreditamos que, devido ao acompanhamento diário do jornalista em atividade, poderemos captar detalhes importantes de suas tarefas, assim como analisar a distinção entre os dois objetos estudados de acordo com suas localidades.

Acreditamos também que este acompanhamento nos permitirá uma noção mais próxima e abrangente das atividades que exercem, conduzindo-nos a elaboração de novos questionamentos que certamente surgirão no decorrer do nosso projeto.

Para a compreensão da atividade proposta acima, faz-se necessário um breve estudo sobre reportagem, que será tratado no próximo capítulo.

Ricardo Kotscho inicia seu livro “A Prática da Reportagem” (2009) com o primeiro capítulo titulado ‘Uma opção de vida’. Neste capítulo inicial, o autor reflete sobre o ‘ser’ repórter e o jornalismo como profissão escolhida, que, sem dúvida, interferem na produção de reportagens no dia a dia.

Para ele, o jornalismo não se trata apenas de uma escolha profissional, mas sim, de uma opção de vida, em que o profissional mantém-se antenado dia e noite e procura empenhar-se ao máximo na criação de novas reportagens, mesmo com a escassez de pauta existente na redação.

Em seguida, ele explica que os jornalistas devem fugir de toda e qualquer fórmula criada para a escrita jornalística.

Não basta, porém, saber – ou pensar que sabe – escrever. Ser repórter é bem mais do que simplesmente cultivar belas-letas, se o profissional entender que sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula “científica”, mas é a arte de informar para transformar. (KOTSCHO, 2009).

Ele enfatiza que o jornalismo em nada se relaciona com uma ciência exata, afinal, o jornalismo é a “a arte de informar para transformar” e, para que isso aconteça, o profissional precisa ter dentro de si bem esclarecido os

motivos pelos quais escolheu essa profissão.

4.1 REPORTAGEM COMO GÊNERO JORNALÍSTICO

Buscaremos aqui trazer uma breve explicação dos gêneros jornalísticos, ainda que precisamente incertos, de acordo com diversos autores. Teremos como base os estudos e divisão de José Marques de Melo, para que possamos contextualizar o assunto, facilitando, assim, a compreensão dos possíveis leitores. Não buscaremos, porém, trazer explicações aprofundadas sobre a definição de gênero.

O jornalismo e as definições de gênero jornalístico são das mais diversas e variam conforme o tempo, a localidade onde a atividade é praticada e o surgimento de novas tecnologias.

Conceição Kindermann (2003) explica em sua obra que, enquanto nos Estados Unidos o jornalismo divide-se entre *comments* e *story*, o jornalismo latino americano possui mais de dois gêneros.

Essa divisão básica de gêneros surgiu como uma necessidade de diferenciar na prática os fatos (jornalismo informativo) das opiniões sobre os fatos (jornalismo opinativo).

De acordo com Kindermann (2009), Melo (1985) propõe-se a definir os gêneros jornalísticos baseado em diversos estudiosos, os quais, por sua vez, basearam-se no estilo da escrita dos textos divulgados ao público.

Melo (1985) explica por meio de outros autores que a diferenciação entre os gêneros surge, muitas vezes, como resultado da combinação do estilo pessoal do jornalista com o gosto dos leitores. Ele acrescenta, porém, que o estilo na produção jornalística deve ser secundário e que o jornalista deve buscar, primeiramente, informar a comunidade para a qual trabalha.

De acordo com Melo (1985, apud KINDERMANN, 2003), por mais que as instituições jornalísticas assumam uma dimensão transnacional em sua estrutura operativa, continuam existindo ainda especificidades nacionais e regionais que direcionam o processo de recodificação das mensagens importadas.

Dando sequência aos seus estudos, Melo baseia-se na classificação

criada por Beltrão, que se divide em três categorias, para criar a sua própria.

A classificação de Beltrão:

Jornalismo Informativo

- 1) Notícia
- 2) Reportagem
- 3) História de interesse humano
- 4) Informação pela imagem

Jornalismo Interpretativo

- 5) Reportagem em profundidade

Jornalismo Opinativo

- 6) Editorial
- 7) Artigo
- 8) Crônica
- 9) Opinião Ilustrada
- 10) Opinião do leitor

Melo acredita, porém, que Beltrão equivocou-se ao criar as classificações, acreditando que algumas delas são partes de outras, como é o caso da imagem, e da história de interesse humano, ambas, quase que essenciais na reportagem, por exemplo, no jornalismo atual.

Com base neste pensamento, Melo apresentou sua divisão de gêneros em duas categorias:

Jornalismo Informativo

- 1) Nota
- 2) Notícia
- 3) Reportagem
- 4) Entrevista

Jornalismo Opinativo

- 5) Editorial
- 6) Comentário
- 7) Artigo
- 8) Resenha
- 9) Coluna

- 10) Crônica
- 11) Caricatura
- 12) Carta

Buscaremos em nosso trabalho, porém, o detalhamento apenas do gênero reportagem, que Melo (1985) define como “[...] relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações”. A definição de reportagem, no entanto, passa por diversas mudanças quando lidas nos manuais de redações de diferentes jornais, por exemplo.

O Manual da Folha de S. Paulo define reportagem como “o relato de acontecimento importante feito pelo jornalista que tenha estado no local em que o fato ocorreu ou tenha apurado as informações relativas a ele. A reportagem é o produto fundamental da atividade jornalística” (p. 42).

O Manual de Redação das Organizações Globo, por sua vez, define reportagem, de acordo com Kindermann (2003), como “tipo de texto, podendo ser tanto a cobertura de um fato do dia que cause impacto como também a abordagem exaustiva de um tema sem ligação direta com o dia da edição.”

O gênero reportagem, explicado acima, será utilizado pelos jornalistas que acompanharemos durante a produção do nosso documentário.

Abaixo, o detalhamento da produção de uma reportagem, que deve-se a nossa necessidade de melhor compreensão deste gênero, para que possamos levantar questionamentos coerentes para os profissionais em atividade, que algumas vezes contrariam teorias.

4.2 PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE REPORTAGEM

4.2.1 PAUTA

Processo inicial de quase todas as reportagens, as pautas surgiram para organizar o dia-a-dia de todos os jornais diários e redações que cresciam cada vez mais, de acordo com Ricardo Kotscho.

Ele explica em sua obra que a pauta é “o principal elo de ligação entre a produção e a edição de matérias” (KOTSCHO, 2009). No entanto, ele critica a dependência que os repórteres atuais criaram da pauta, em que tais

profissionais tornaram-se acomodados e meramente passivos ao processo de produção da reportagem.

No processo de produção das redações, os pauteiros ou chefes de reportagem elaboram a pauta do dia para os repórteres do jornal que, na maioria das vezes, pouco interferem na elaboração da mesma.

Consequentemente, o processo criativo tornou-se escasso no meio jornalístico. Kotscho (2009), porém, apresenta, além do problema, uma solução em sua obra. Ele diz, “a melhor solução é garimpar bons assuntos, cultivando suas fontes e mantendo as antenas ligadas dia e noite, onde estiver”.

Vale acrescentar o conteúdo normalmente presente em uma pauta de reportagem. De acordo com Kildermann (2003), “a pauta da reportagem, deve indicar a maneira como o assunto vai ser abordado, o tipo e a quantidade de ilustrações, o tempo de apuração, o tamanho e estilo da matéria, os deslocamentos da equipe”.

O modelo acima, no entanto, varia bastante de acordo com a localidade, o tempo e a individualidade de cada redação.

4.2.2 REPÓRTER DE RUA

Como Kotscho (2003) mesmo diz, “com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua”.

Para ele, a inexistência de pauta não deve incapacitar o repórter de produzir matérias em um dia ruim. A capacidade de observação, com olhar atento sobre os acontecimentos diários e às vezes imperceptíveis ao olhar comum permite aos jornalistas a elaboração de textos incríveis, com possíveis ganchos para histórias futuras.

Criticando o jornalista da atualidade, Jose Maria Mayrink, em sua obra “Vida de Repórter” interpreta a fala de Kotscho (2002), “lugar de repórter é na rua”, como uma advertência aos novos jornalistas tão dependentes da internet e do telefone para fornecimento de fontes. Uma dependência que anula o contato do jornalista com a comunidade de classe baixa, por exemplo, maioria no Brasil, prejudicando a noção de realidade dos profissionais da informação e criando, assim, um início de “aburguesamento da imprensa brasileira”.

4.2.3 PRODUTO FINAL

A maioria dos jornais existentes no Brasil possuem seus respectivos manuais de redação que dão aos jornalistas predefinições a respeito da escrita do jornal e, algumas vezes, até mesmo do estilo das reportagens.

De acordo com Jacira Rodrigues, os manuais de redação “sistemizam as orientações estilísticas de cada empresa”. Ela explica que esses manuais surgiram de uma importação do jornalismo americano, com o intuito “das empresas exercerem um controle sobre os produtos”, neste caso, as notícias.

Usaremos aqui manuais para facilitar ao leitor a compreensão do processo de produção de uma reportagem.

O Manual de Redação das Organizações Globo (2011), por exemplo, diz que “na apuração, edição e publicação de uma reportagem, seja ela factual ou analítica, os diversos ângulos que cercam os acontecimentos que ela busca retratar ou analisar devem ser abordados.”

Com base neste manual, percebem-se os passos básicos de produção de uma reportagem, que incluem normalmente a apuração dos fatos, com entrevistados, coleta de dados e visita de campo; a elaboração do texto, organizando todas as informações coletadas, levando em consideração o estilo da redação e do jornalista, seguida pela edição do texto pelo próprio autor e finalmente editor do caderno e/ou editor chefe, que precedem a publicação da matéria no jornal do dia seguinte.

O Manual de Redação da Folha de S. Paulo possui um trecho onde se encontram recomendações a respeito da redação da reportagem. De acordo com Rodrigues (2003), “entre as recomendações, está a de apresentar um lide que responda às principais questões sobre o acontecimento e possibilite atrair a atenção do leitor.” Ela completa esse trecho com uma citação do manual de redação da Folha:

Toda reportagem deve ser iniciada com a informação que mais interessa o leitor e ao debate público (lide), devendo, ainda, contextualizar os fatos e expô-los, objetiva e criticamente, com exatidão, clareza, concisão, didatismo, e uso correto da língua. (MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO, 2001).

Existe uma grande semelhança entre os manuais de redação de diferentes jornais diários, que seguem estruturas básicas de produção de uma reportagem conhecidos por quase todos os profissionais, desde o início de escolarização jornalística nos primeiros anos de universidade. No entanto, cada redação possui sua particularidade, criando estilos próprios e até mesmo escolhas ideológicas que caracterizam diferentes jornais e os tornam identificáveis aos seus leitores.

5 TEORIAS DO JORNALISMO

As teorias do jornalismo foram criadas para estabelecer regras e guiar os jornalistas. Elas tentam definir porque as notícias são como são e o que faz dela uma notícia que vai interessar ao público. Falaremos sobre as teorias do *gatekeeper*, *newsmaking* e da *agenda setting*, essencial para o desenvolvimento do trabalho.

O *gatekeeper* foi a primeira teoria que surgiu na literatura acadêmica em jornalismo, em 1950, por David Manning White. Assim se originou uma das tradições mais prolíferas e persistentes na pesquisa sobre notícias. *Gatekeeper* significa “portões”, seria aquela pessoa que toma diversas decisões numa sequência. Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, portões, que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não (TRAQUINA, 2005). Normalmente o *gatekeeper* é o próprio jornalista, ou o editor do jornal. Se a notícia passar pelo portão, é porque ela será publicada. Fica claro que as referências de seleção do grupo de profissionais prevalecem na hora de escolher uma notícia.

A teoria do *newsmaking* veio para analisar a rotina de produção das notícias. Um observador pode ficar na redação pesquisando as formas de fazer notícia que os jornalistas usam e seus critérios. Qual a imagem do mundo que os jornais passam, e como essa imagem se correlaciona com as exigências cotidianas da produção de notícias nas organizações? Essas perguntas definem o âmbito e descrevem os problemas com os quais se ocupa a abordagem de *newsmaking*. Este se articula principalmente em dois binários: a cultura profissional dos jornalistas; a organização do trabalho e dos processos de produção. As conexões e as relações entre os dois aspectos constituem o ponto central desse tipo de pesquisa (WOLF, 2005). Os critérios analisados são muitos, mas entre eles estão: noticiabilidade, valores/notícia e a relação com as fontes.

A noticiabilidade é um conjunto de fatores que determina o que vai virar notícia, entre tudo o que está acontecendo no momento e permite realizar

cotidianamente a cobertura informativa. Sendo que, por causa do tempo corrido das redações, o contexto em que está ligado o acontecimento não é aprofundado e a notícia acaba por ter uma distorção involuntária durante a cobertura informativa. Altheide observa que a noticiabilidade de um evento “encontra-se, em geral, sujeita à divergência, mas depende sempre dos interesses e das necessidades do aparato informativo e dos jornalistas”. (WOLF, 2005). Ou seja, os critérios são flexíveis e variam conforme os interesses dos profissionais. Os critérios valores/notícias estão presentes durante todo o processo de produção da notícia. Ele determina o que é considerado interessante, significativo e relevante para ser transformado em notícia.

Sendo assim, os valores/notícia devem permitir uma seleção do material, feita apressadamente, de modo quase “automático”, caracterizada por um certo grau de flexibilidade e de comparação, que seja defensável post-mortem e, sobretudo, que não seja suscetível de muitos obstáculos (WOLF, 2005). O critério deve ser prático e que permita a repetitividade no processo de produção de notícia, tornando a rotina das organizações mais rápidas.

O procedimento da produção de notícia tem três fases: a coleta, a seleção e a apresentação. Em certa época, era o jornalista quem buscava as notícias, agora são as notícias que “buscam” ele, segundo Wolf (2005). Na maioria dos casos, os materiais chegam prontos, produzidos por agências, onde o jornalista só tem que adaptar conforme os valores/notícias da organização.

A fase da coleta dos materiais necessários para formar um noticiário tem um componente essencial: as fontes. As fontes são as pessoas que o jornalista observa ou entrevista e que fornecem apenas as informações de base ou ocasiões para uma notícia (WOLF, 2005, apud GANS, 1979). São várias as possíveis categorias para fontes, como as institucionais, as noticiosas, as estáveis, provisórias, ativas, passivas e outras mais. Nem todas elas são iguais e relevantes. Neste trabalho não nos interessa saber como cada fonte funciona, mas estaremos atentos para explicar mais à frente o tipo de fonte que for encontrada durante a análise. O relacionamento do jornalista com cada categoria de fontes também é diferente. Os estudos sobre o *newsmaking*

tornaram esse ponto suficientemente claro e incontrovertível: a rede de fontes que os aparatos de informação estabilizam como instrumento essencial para o seu funcionamento reflete, de um lado, a estrutura social e de poder existente e, de outro, organiza-se na base das exigências colocadas pelos procedimentos de produção (WOLF, 2005). Ou seja, as fontes são de extrema importância para o jornalismo porque são elas que passam as informações necessárias para a produção de uma notícia. É por isso que Wolf afirma que elas são a base da notícia. Gans (1979) cita que a relação entre fontes e jornalistas assemelha-se a uma dança, com as fontes que buscam acesso aos jornalistas e estes que buscam chegar às fontes, e que Wolf (2005) complementa que podemos observar, quem conduz a dança são as fontes, na maioria das vezes.

A teoria do agendamento, ou *agenda setting*, pressupõe que o público considera os assuntos que veiculam através das mídias como de extrema importância e que, os veículos de comunicação dizem o que as pessoas devem pensar e como tratar os fatos noticiados. De acordo com Pena (2010), a mídia diz sobre o que nós devemos falar e pauta os relacionamentos. De modo resumido, a teoria acredita que a população agenda os assuntos a serem discutidos, de acordo com o que a mídia veicula. Segundo a teoria, as pessoas excluem e incluem os próprios conhecimentos de acordo com o que a mídia exclui e inclui no conteúdo veiculado diariamente. A realidade social é estruturada para o público de acordo com aquilo que a mídia transmite, formando opinião. Parte-se do pressuposto de que as agendas individuais são construídas a partir de uma agenda pública. Segundo Miranda (2010), a agenda-setting não está só presente na determinação do que as pessoas conversam, mas também no que as pensam sobre determinado assunto.

6 DOCUMENTÁRIO

6.1 HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO NO BRASIL

O gênero documental surgiu juntamente com o cinema. As primeiras imagens foram registradas por Afonso Segreto, que retornou ao Brasil de uma viagem à Europa em julho de 1898 e captou imagens da Bahia de Guanabara. Afonso e seu irmão, Paschoal, iniciaram então os registros de fatos relacionados à elite carioca e acontecimentos políticos.

A partir daí passam a registrar regularmente os acontecimentos cívicos e os personagens no poder. Cerimônias, festas públicas, acontecimentos excepcionais e aspectos da cidade são filmados pelos irmãos num momento crucial de transformações, tornando-se praticamente os únicos produtores de cinema no país até 1903. (RAMOS, 1987).

A capacidade e facilidade de captar cenas rotineiras transformaram o cinema no novo queridinho, então, as novas máquinas se espalharam em todo o território nacional. Tanto que, em 1909, o espanhol Ramón de Baños produziu um documentário em Belém e, a partir de então, não parou mais. Em 1912, realizou cine-jornais quinzenais, que abordavam temas que passam pela moda até os eventos político-sociais.

A arte de documentar foi difundida em todo o território nacional, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. Os registros estavam ligados a histórias de crimes ou apenas aos cartões postais das cidades. Segundo Monte-Mór (2004), eles eram etnográficos e tinham como finalidade levar às populações urbanas a dimensão do Brasil e do interior. Nesse contexto, está enquadrada a Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, a Comissão Rondon que, durante a sua expedição, realizou uma série de filmes.

Pouco se conhecia sobre os índios nessa época, com isso, Silvino Santos, um português, foi responsável por registrar essa cultura. Com o passar do tempo, Silvino aprofundou o olhar sobre a região amazônica e construiu importantes registros antropológicos da região.

Entre os clássicos desse período, conhecido como mudo, estão *São Paulo, a sinfonia da metrópole*, de 1929, dirigido por Rudolf Rex Lustige Adalberto Kemeny, que retrata como é um dia na cidade, e *Lampião, Rei do Cangaço*, dirigido pelo fotógrafo Benjamim Abrahão, em 1936.

Ainda em 1936 foi criado o INCE – Instituto Nacional de Cinema Educativo, fruto do trabalho de Roquette-Pinto que, pouco depois, foi essencial para a inserção do rádio no Brasil. O INCE tinha a intenção de democratizar o conhecimento, mostrando uma imagem positivista do país. O principal diretor do instituto foi, por 30 anos, o cineasta Humberto Mauro, que realizou cerca de 150 filmes educativos e, como destaque das obras, em 1945, iniciou uma série de documentários conhecidos como *Brasilianas*, que registrou, em sete curtas-metragem, canções do folclore brasileiro.

Muito embora desconsiderada, a temática dos filmes documentários por ele dirigidos encaixa-se plenamente na proposta varguista. Não há questionamentos com relação ao apuro estético do cineasta, mas sua realização encontrava-se plenamente inserida na discussão ideológica do momento histórico em que se desenvolve sua filmografia. (MACIEL, 2003, p.251).

As produções do INCE tinham caráter educativo, porém, possuíam também o intuito de divulgar os ideais do governo. Os temas estavam ligados a cultura popular e eventos políticos e patrióticos. Em 1947, Roquette-Pinto deixou o INCE e os filmes já tinham outro propósito. Os assuntos abordados estavam relacionados a economia e desenvolvimento.

6.1.2 CINEMA NOVO

Para a história do documentário, a grande revolução ocorre com o advento do som. Além de inovar a linguagem, o som também trouxe transformações no modo de fazer cinema. O momento político vivido pelo país proporciona a produção de vários documentários. Esses produtos têm como foco o interior do país, buscando a valorização regional, e são voltados à religiosidade e às manifestações culturais.

O pontapé inicial da difusão da nova maneira de se fazer documentário foi dado com “Garrincha, alegria do povo”, em 1962, do documentarista Joaquim Pedro de Andrade.

Graças ao gravador portátil, Nagra, o Rio de Janeiro ganhou destaque nessa fase do cinema. Entretanto, com a vinda dos gravadores, esperava-se que tudo se modernizaria rapidamente, porém, o conhecido “som direto” tornou-se um problema técnico não resolvido, já que os resultados obtidos não são os desejados.

Entre as inovações do Cinema Novo, está a edição. A montagem passa a ser não apenas a organização de imagens, mas agora ela, com o som, incita o telespectador a refletir, já que, segundo Nichols (2005), o documentário não é uma reprodução da realidade, mas sim, a representação do mundo em que vivemos. “Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares”. (NICHOLS, 2005).

A visão que os realizadores do cinema novo tinham do mundo passou então a representar a realidade do país. Os cineastas não colocavam a tecnologia como prioridade, a busca pela realidade era o alvo.

No início do Cinema Novo, buscava-se discutir a realidade social do país, mostrar o desconhecido, e trazer à tona problemas até então não abordados. Todavia, em plena ascensão do cinema, o Brasil estava prestes a sofrer o Golpe Militar. Foi então que, em março de 1964, iniciou-se o regime ditatorial, que permaneceu por longos vinte anos. A censura atingiu as produções cinematográficas, mas, mesmo assim, depois do golpe, houve um engajamento político. A intensão dos cineastas era fazer um cinema que acabasse com a alienação da população diante da política e da realidade brasileira.

Já no final dos anos 60, a TV se firmou como uma importante fonte de massas no Brasil, assim, surgiu outro motivo para as produções documentais migrarem das telas do cinema para os programas televisivos, já que era o canal disponível para a veiculação dos produtos no momento. Os produtores procuravam, ao veicular as produções na televisão, expor a realidade que o regime militar escondia. Foi então que surgiram programas como “A hora da

notícia”, da TV Cultura, que procurava mostrar o Brasil que realmente existia, e não o criado pelo governo militar. E o “Globo Repórter”, da Rede Globo de Televisão, que contou com a participação de jovens cineastas e experientes documentaristas, como Eduardo Coutinho e Hermano Penna. O “Globo Repórter”, que derivou de uma série de dez documentários chamada “Globo Shell Especial”, tinha o intuito de revelar um Brasil desconhecido, com uma linguagem inovadora. A equipe composta por documentaristas seguiu até 1983, quando foi substituída por repórteres.

6.1.3 CINEMA CONTEMPORÂNEO

Durante a década de 1980, documentários que foram barrados pela censura voltaram a ser produzidos, em função de um novo clima social e político. A Produção de Eduardo Coutinho, “Cabra Marcado para morrer”, foi interrompida em 1964 e, com o fim do regime militar, finalizada e lançada em 1984.

Porém, as produções pós-ditadura, recomeçadas no final da década de 80, tiveram pouco fôlego e não era possível definir o gênero ou a linguagem. Além disso, o gênero documentário sofreu com as ações do governo, quando, em 16 de março de 1990, o então presidente Fernando Collor de Mello extinguiu a Embrafilmes, uma estatal brasileira produtora e distribuidora de filmes, fazendo com que as produções cinematográficas nacionais chegassem ao fim.

A saída encontrada por produtores e documentaristas foi, novamente, a televisão. Foram realizadas adaptações da linguagem televisiva ao universo do documentário, com produções inovadoras, de qualidade e que buscavam retratar como realmente era o Brasil dos brasileiros. Ainda nos anos 90, houve a introdução da televisão a cabo em território nacional, que contava com canais específicos para documentário, o que, de certa maneira, valorizava e tornava visível o trabalho dos profissionais. Nome como Nelson Pereira dos Santos realizou produções específicas para os canais pagos, entre eles, “Casa Grande e Senzala”, de 2000, uma série com apenas quatro episódios sobre a obra de Gilberto Freire.

Na década de 90, houve ainda uma renovação do documentário que, segundo MONTE-MÓR (2004), ampliou o público, levando mais em consideração a pesquisa, o que, conseqüentemente, aprimorou a linguagem.

Em 1995, sob a presidência de Itamar Franco, houve a renovação das Leis de Incentivo, o que abriu novas portas para o gênero documental. Foi então que nomes como José Padilha surgiram no novo cenário brasileiro. As temáticas eram mais abrangentes, não tinham um único enfoque, as produções abordavam temas científicos, mas também o musical. Foi a fase em que os documentários voltavam às salas de cinema, não apenas em circuitos de festivais, mas também, em salas comerciais.

A partir dos anos 2000, o documentário ganhou prestígio do público com produções como “Ônibus 174” (2004), dirigido por Padilha, que usou imagens de arquivo para analisar o sequestro do ônibus ocorrido no Rio de Janeiro, que contou com a onipresença da mídia. “Ônibus 174” ganhou prêmios nacionais e internacionais, como o *Emmy Awards*.

A evolução da tecnologia proporcionou o aumento das produções, aliado à diminuição do preço dos equipamentos. A redução do tamanho dos equipamentos facilitou o transporte e, conseqüentemente, a diminuição do número de pessoas nas equipes. Isso proporcionou o aumento das produções gravadas em primeira pessoa.

Em 2003, a Secretaria de Audiovisual do Ministério da Cultura firmou um convenio com a TV Cultura (SP) e a ABEPEC, com o apoio da Associação Brasileira de Documentaristas, e lançou um programa de fomento da produção e teledifusão do documentário, nomeado de DOCTV, que tem a finalidade de aumentar a regionalização da produção de documentários.

As produções atuais ainda apresentam uma diversificação de linguagens e argumentos, permitindo dissonantes vozes, que permeiam o real.

7 PRE-PRODUÇÃO

Muito se indagou no princípio deste projeto o porquê da escolha do tema: “Os desafios dos jornalistas na América Latina: um comparativo Brasil, e Peru”. Como Alan Rosenthal diz em sua obra, “*Writing, directing and producing documentar films and vídeos*”, nós não tínhamos outra escolha. A obsessão com o tema, e o questionamento constante, desde o início de nosso curso de jornalismo, a respeito da nossa profissão, e os desafios enfrentados pelos profissionais em nosso país, e se si diferem de outros a nosso redor, e o quanto a colonização influenciou o jornalismo atual e a dúvida em querer ou não seguir está carreira, nos motivaram a escolher e permanecer com este tema, e projeto, por mais desafiador que possa parecer a princípio.

De acordo com Rosenthal, esta ânsia é a melhor forma de começar um documentário:

Eu sinto, fortemente, que é desta forma que os melhores filmes surgem. Eles são gerados de uma paixão fervorosa para dizer algo interessante, vital, e comovente sobre a condição humana. As vezes, eles buscam levantar e discutir ideias. (ROSENTHAL, 2002).

Dando continuidade ao processo de escolha do tema, Rosenthal (2002) enfatiza a necessidade de percepção sobre a existência de uma boa história a ser contada no tema definido.

Ele diz, “em geral, uma boa história é um elemento vital para um documentário bem sucedido”.

Tendo definido o tópico a ser trabalhado e se convencido da importância dessas histórias a ser contadas, Rosenthal explica que outros questionamentos importantes devem surgir, como:

Este documentário é prático e viável? Possui personagens interessantes que possam carregar a história do filme? Seria um documentário de baixo ou alto orçamento? Este tema possui uma vasta ou pequena audiência? Que abordagem poderíamos dar a este assunto? Desta forma verificaremos se a primeira ideia é promissora o suficiente para ser desenvolvida. Se a ideia for boa, deve-se então seguir em frente, porém, sem antes se perguntar: Podemos vender esta

ideia brilhante? E caso a resposta seja sim, como? (ROSENTHAL, 2002).

É a partir da confirmação absoluta da existência de um excelente projeto, que se inicia a procura por financiadores que viabilizaram o documentário, como explicamos a seguir.

8 FINANCIAMENTO

Em diversos livros sobre produção de documentário ressaltase a importância da existência de um financiador do projeto cinematográfico, uma empresa que viabilize o desenvolvimento de qualquer filme-documentário. O que não se aplica ao nosso caso. Uma vez que produziremos nosso primeiro produto com o nosso próprio dinheiro.

No entanto, se faz necessário uma breve explicação deste processo de busca de suporte financeiro, para que possamos compreender o funcionamento da produção de um documentário desde seu início.

Sérgio J. Puccini Soares explica em sua obra 'Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção a pós-produção' a importância da existência de um patrocinador: "No principio de toda produção está a necessidade de se conseguir um suporte financeiro que a viabilize. Com raras exceções, documentários nascem da parceria entre documentaristas (realizador) e produtor (patrocinador)."

No entanto, para que esta parceria exista, se faz necessária a elaboração de uma proposta detalhada, que convença os possíveis financiadores do projeto, como explica Soares.

Em sendo um texto de apresentação, o proponente deverá saber atrair o interesse para o projeto, bem como chamar a atenção para a sua importância, se valendo de poucas páginas de texto escrito. Essa recomendação leva em conta que esses avaliadores não costumam perder muito tempo com leituras extensas. O desafio maior é justamente o de, através de um texto enxuto e objetivo, demonstrar domínio sobre o assunto abordado. (PUCCINI, 2007)

Soares usa em sua obra o guia de produção de Barry Hampe, onde ele adiciona que não para convencer o financiador, jamais deve-se ausentar a 'justificativa para a realização do documentário, assim como demonstrar domínio sobre o tipo de documentário usado para abordar o assunto escolhido, além de deixar claro a capacidade da equipe por trás da produção do filme.

9 PESQUISA

A pesquisa deve existir antes da produção de qualquer roteiro, já que é fundamental na elaboração do mesmo.

De acordo com Soares, a pesquisa pode ser dividida em duas etapas. A primeira etapa na intenção de garantir a escrita de uma proposta coerente e convincente. Assim que esta for apresentada a financiadores, e aprovada, uma pesquisa mais aprofundada – o que de acordo com Rosenthal inclui, material impresso, material de arquivo, entrevistas, e pesquisa de campo nas locações de filmagem - deve ser realizada pelo roteiristas em buscas de informações que providenciem um conhecimento amplo sobre o assunto e permitam o uso criativo do material disponível.

O documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível, dentro dos limites de tempo disponíveis para a produção, referente ao assunto escolhido; fazer um exaustivo levantamento de material arquivo, entre fotos, filmes e arquivos sonoros, buscando garantir permissão para uso no filme; fazer pré-entrevistas com todas as pessoas que possam estar envolvidas com o tema; além de visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço físico e com as pessoas que o habitam (PUCCINI, 2007).

Rosenthal explica que a pesquisa do roteirista normalmente é guiada pelas hipóteses criadas na elaboração da proposta vendida ao financiador. Ele acrescenta que de acordo com o tema criado, o escritor deve buscar por qualquer coisa que seja dramática, interessante e intrigante, mas que deve manter o foco na questão central do assunto escolhido, evitando assim perda de tempo com pontos irrelevantes.

Quanto mais leitura e pesquisa forem realizadas pelo escritor, mais conhecedor do assunto ele fica e conseqüentemente mais capacitado para criar um roteiro e produzir um documentário excelente.

10 ROTEIRO

Uma das principais diferenças na pré-produção entre um filme-documentário e um filme-ficção é a elaboração de um roteiro. O filme-ficção é caracterizado pela produção de um roteiro completo, com cenas e falas definidas e detalhadas do começo ao fim da produção cinematográfica, enquanto que o filme-documentário impossibilita a elaboração de um roteiro semelhante a este.

Documentários de arquivo, históricos ou bibliográficos, que tratam de eventos passados, podem muito bem ser “escritos” antes do início das filmagens. O mesmo já não ocorre se a abordagem do assunto exigir o registro de um evento que não esteja necessariamente vinculado a vontade de produção do filme, como documentários que exploram o corpo-a-corpo com o real, aspecto que define a estilística do documentário direto. (PUCCINI, 2007).

As possíveis e esperadas mudanças na produção de um documentário, devido a inexistência de um roteiro absoluto, exigem do documentarista bastante flexibilidade durante as filmagens e edição do filme.

Rosenthal em sua obra explica que o roteiro não é extremamente necessário na produção de um documentário, tanto que ele exemplifica nomeando diversos documentários excelentes que não tiveram uma produção narrativa bem definida, muito menos detalhada, onde o trabalho do escritor foi reduzido ao mínimo.

Curtas anotações foram provavelmente feitas, e longas discussões buscando definir a sequência de filmagem, mas nada semelhante a longos roteiros pré-produzidos, com sugestões visuais, ou comentários em cima de sequências. (ROSENTHAL, 2002).

Porém ele logo adiciona que, apesar de possível realizar documentários sem roteiros, é importante saber criar este tipo de narrativa, uma vez que trabalhos comissionados para televisões exigem a produção de um roteiro detalhado,

Já que existe a possibilidade de produzir documentários sem a elaboração de um roteiro, porque, então, desperdiçar diversas horas escrevendo?

Rosenthal acredita que a existência de um roteiro é como um projeto de arquitetura, que facilita aos profissionais produzirem seus projetos de forma organizada e lógica.

Barry Hampe por sua vez, em sua obra "*Making Documentary Films and Reality Videos*", acredita que boas imagens não aparecem do nada, que um bom roteiro é fundamental na produção de um excelente documentário. Ele ainda enfatiza a necessidade do escritor do roteiro elaborar uma pesquisa aprofundada antes de qualquer rascunho produzido.

Usaremos aqui a explicação do autor Rosenthal em como o roteiro auxilia na produção de um documentário:

1. O roteiro é uma ferramenta organizacional e estrutural, uma referência, um guia que auxilia a todos envolvidos no projeto
2. O roteiro comunica a ideia do filme a todos preocupados com a produção, e procura fazer isso com clareza, simplicidade e imaginação. O roteiro ajuda todos a compreenderem o que se trata o documentário e qual a sua proposta. O roteiro é fundamental para o financiador do projeto, ou editor de TV.
3. O roteiro é também essencial para o câmera e diretor.
4. O roteiro é também um item essencial para o restante da equipe, uma vez que ajuda a todos a responder diversas questões, como:
 - Qual o orçamento apropriado para este filme?
 - Quantos locais e dias serão necessários para a filmagem?
 - Qual iluminação será necessária?
 - Será necessário efeitos especiais?
 - Será necessário qualquer arquivo?
 - Necessita-se de lentes ou câmeras especiais para uma cena em específico?
5. O roteiro também auxilia o editor mostrando a estrutura proposta, onde as sequências devem ser encaixadas. (ROSENTHAL, 2002).

O roteiro, como dito antes, representa um guia a todos produtores do documentário, no entanto, o preparo para o inevitável deve sempre existir. Rosenthal explica que na ação de filmagem o roteiro pode e acontece muitas vezes de ser adaptado, devido a diversas variáveis, como um entrevistado não colaborativo, ou até mesmo o surgimento de novas fontes, assim como novas possibilidades de imagem.

Ele adiciona ainda que um roteiro excelente, muitas vezes não significa um filme excelente, e é preciso paciência e flexibilidade para realizar os cortes,

e adendos necessários ao documentário durante a edição, também. Para que no fim exista um filme bem produzido e cativante.

Hampe explica que um bom roteiro deve conter informações básicas como todas as respostas do lead, 'o quem, o que, o quando, o como e o porque, assim como possíveis entrevistados, lugares e eventos a serem filmados.

Existe ainda, dentro da pré-produção do documentário a fase de tratamento, de acordo com Hampe. Ele explica que essa parte é extremamente importante para o planejamento do documentário, pois é aqui que informações como entrevistados, locais, coisas e eventos devem ser incluídos. Este processo enfatiza na organização do produto. É onde, junto com o roteiro, (quando existente) será elaborado o primeiro esboço do documentário.

O autor adiciona que o tratamento pode até mesmo substituir o roteiro quando o documentário tratar sobre comportamento, já que não existe narrativa pronta, muito menos diálogos em se tratando do comportamento dos homens ou dos animais.

O tratamento deve avançar na discussão do tipo de trilha sonora que poderá ser utilizada, o tipo de iluminação, o "o clima" (mood) do filme, o estilo de edição a ser utilizado, e assim por diante. Pode-se também, incluir uma lista de tomadas a serem realizadas. O tratamento também pode incluir itens da pós-produção do documentário. (HAMPE, 1997).

Rosenthal completa (ROSENTHAL apud PUCCINI, 2011) dizendo que a função do tratamento é esclarecer:

1. Como a história do documentário irá desenvolver sua tese e conflito.
2. As sequencias principais.
3. Quais os personagens principais.
4. As situações em que eles estão envolvidos.
5. As ações que empreendem e os resultados para eles ou para a sociedade.
6. O foco de interesse no inicio e no final.
7. Os principais momentos de ações, confrontações e resoluções.

8. Uma noção de toda construção dramática e ritmo.

O tratamento serve como um guia para a produção do documentário e assemelha-se muito com um roteiro aberto, pelo que foi visto até então.

Auxilia os profissionais envolvidos no trabalho, a enxergarem um produto final, mesmo que nada tenha sido filmado ainda. É com o tratamento, que os documentaristas sem roteiro encontram direcionamento durante as filmagens e a edição.

11 FILMAGEM

O processo de filmagem de um documentário alicerça-se e é facilitado com a existência de um roteiro detalhado e bem estruturado que oferece uma sequência de planos com possíveis situações de coleta de imagens.

Sergio Puccini, em sua obra 'Roteiro de documentário', explica, porém, que os documentaristas certamente enfrentam situações distintas durante o processo de filmagem:

Entre entrevistas filmadas em estúdios e filmagens de eventos autônomos em externas, cada uma dessas situações possíveis exige diferentes métodos de planejamento, que vão desde o trabalho guiado por um roteiro técnico fechado, com todas as descrições dos planos a serem filmados, a filmagem aberta, sem roteiro previamente definido, guiada por orientações gerais do diretor e pela sensibilidade do operador de câmera na situação de filmagem. (PUCCINI, 2011).

Rosenthal, contudo, começa seu capítulo sobre filmagem focando inteiramente no papel do diretor durante as filmagens, papel existente em nosso projeto, porém acumulado a outras funções exercidas por duas pessoas apenas.

Ele agrega dizendo que o papel do diretor é fundamental durante as filmagens, uma vez que é ele o responsável pela ausência de erros no período de gravações, principalmente quando se tratando de eventos ocorridos apenas uma vez.

Não buscaremos aprofundar sobre o papel do diretor, devido a inexistência deste cargo especificamente em nosso projeto.

Ao longo do processo de gravação das entrevistas existem importantes informações a serem anotadas.

Em se tratando de entrevistas em ambientes internos, em estúdios, residências, existe um controle do *câmera-man*, ou diretor, sobre o cenário, o que possibilita ao profissional liberdade de escolhas. Tanto referente aos enquadramentos, como plano médio, primeiro plano, e close-up, assim como aos participantes (pessoas e objetos) na cena, como explica Puccini.

Rosenthal acredita que parte do processo de filmagem da entrevista começa antes mesmo do ligar da câmera em frente ao entrevistado. Ele ressalta a importância de uma entrevista prévia com as possíveis fontes para explicar a natureza das entrevistas assim como a forma que as filmagens serão conduzidas.

Há diversos objetivos para esta reunião. A mais óbvia é conhecer melhor os entrevistados e explicar, sem toda a pressão da câmera, o que você espera da entrevista. É, também, uma oportunidade das fontes conhecerem melhor você e perguntarem sobre o filme e a entrevista. Em suma, é o momento para construir confiança entre os dois. (ROSENTHAL, 2002)

Puccini explica que as escolhas de enquadramentos influenciam bastante o dinamismo do documentário, e que os diferentes planos implicam diferentes sensações na audiência.

Close-ups, por exemplo, são utilizados em momentos intimistas e delicados, enquanto que o plano médio, normalmente, é usado no início das entrevistas para estabelecer uma relação de conhecimento da audiência para com o entrevistado.

Rosenthal explica, também, que existe três diferentes escolhas quanto ao olhar do entrevistado e que causam distintas reações em quem assiste o documentário.

O olhar direto do entrevistado para a câmera durante a entrevista provoca certa autoridade para ele. Como Rosenthal explica, esta é a mesma tática utilizada por políticos durante suas propagandas quando tentam criar um laço de amizade e confiança com o eleitorado.

A segunda opção refere-se a um posicionamento mais oblíquo do entrevistado, onde ele se encontra olhando para um entrevistador inexistente, uma vez que o último não se encontra no enquadramento. Esta opção cria uma relação mais informal e amigável com audiência, segundo Rosenthal.

A terceira e última, refere-se a entrevistas onde tanto o entrevistado, quanto o entrevistador estão presentes no enquadramento. Para Rosenthal esta opção é normalmente utilizada em noticiários ou documentários com entrevistadores famosos. E provocam uma sensação de confronto entre os

dois, como utilizado no documentário de 2013 *Dirty Wars*, dirigido por Rick Rowley mas 'protagonizado' pelo jornalista Jeremy Scahill.

Puccini adiciona que a escolha da localidade da entrevista influencia o comportamento do entrevistado.

Em um estúdio, cercado de uma parafernália técnica estranha ao entrevistado, o depoimento pode perder espontaneidade, tornar-se mais frio e contido do que em um ambiente de convívio diário, como a casa ou o local de trabalho, por exemplo. No entanto, a filmagem em estúdio facilita o trabalho de iluminação e captação de som. Portanto, é bem mais cômoda para a equipe técnica do filme. O estúdio cria um ambiente neutro, que pode ser explorado pelo documentarista para igualar as condições de todos os entrevistados e dar tratamento visual igualitário as entrevistas. (PUCCINI, 2011).

Portanto, são diversas as escolhas a serem feitas pelo câmera, e/ou pelo diretor do documentário, como diz Rosenthal, "A lição é simples. Sua entrevista causará uma boa impressão não meramente pelo o que é dito nela, mas também, pelas técnicas de filmagem utilizadas."

Quando se tratando de eventos autônomos, exige-se um cuidado e atenção a filmagem ainda maior.

Diferente da ficção, no documentário o câmera não exerce controle total do cenário em que se encontra para a filmagem. Ele depara-se com um espaço real, onde deve saber lidar com a imprevisibilidade, de acordo com Puccini.

O espaço de mundo é soberano e a câmera, muitas vezes, apenas reage as manifestações que dele provém. Essa relação de submissão entre a câmera e o espaço de mundo influencia também o repertório expressivo de filmagem. A primeira consequência dessa situação de filmagem é valorização do plano-sequência como principal recurso de tomada. Em uma tomada longa, feita em plano-sequência e em situação de mundo, as exigências da técnica de filmagem, como correção do foco, composição do quadro e iluminação, ficam submetidas as necessidades do registro. (PUCCINI, 2011).

Rosenthal acrescenta que o processo de filmagem externo inclui importantes decisões por parte do câmera e/ou do diretor do documentário. Durante a coleta de vídeos é importante ter em mente as emoções que o documentário pretende causar, sempre relacionando o tema as imagens

escolhidas. Ele continua exemplificando com um documentário sobre uma prisão onde homens são esquecidos pela sociedade, mal tratados e acabam por perder suas vidas, literal e metaforicamente.

Obviamente, você procurará transmitir um sentimento de separação, isolamento, e opressão, assim, necessitará de várias imagens de baixo ângulo. Enfatizar as duras linhas das paredes do presídio. Filmar o arame farpado nas paredes. Marcar a silhueta do guarda segurando com rifle. Pelo contraste, filmar os prisioneiros de cima a longa distancia tornando-os mínimos perante o sombrio quintal de exercícios nas cadeias. (ROSENTHAL, 2002, tradução nossa).

O autor acima oferece diversas opções de filmagem relacionadas ao tema proposto por ele e acrescenta que o documentarista deve manter em mente o processo de edição, se perguntando constantemente se existe imagem suficiente para preencher o seu filme-documentário.

Durante os eventos autônomos, onde não existe roteiro, Puccini adiciona que o documentarista deve saber improvisar seu trabalho de câmera, e usar sua sensibilidade artística para saber o que filmar durante um evento inesperado.

Puccini explica ainda que uma boa pesquisa e um bom roteiro facilitam o trabalho do câmera durante as filmagens, uma vez que no roteiro existe uma relação variada de lugares e eventos a serem filmados, e a programação e detalhes de cada um deles.

Em conclusão, quanto maior o leque de imagens filmadas, mais fácil o trabalho do editor durante o processo final de montagem do documentário, como detalharemos abaixo.

12 EDIÇÃO

O processo de edição, ou montagem, de todo documentário, inicia-se com a análise e seleção do material recolhido durante o processo de pesquisa e filmagem, o que inclui imagens e sons captados, de acordo com Puccini.

A inexistência de um roteiro fechado, como no filme de ficção, dificulta esse processo, uma vez que não existe um detalhamento de cenas e a quantidade de imagens é muito maior e variada. Puccini (2011) explica:

No processo de seleção do material para o documentário, o diretor pode se deparar com três tipos de sequência: de entrevistas, de ação, de material de arquivo. A esses três tipos, podem se acrescentar sequências formadas por animações gráficas, que incluem cartelas de textos, e imagens em still, como fotográficas e documentos. (PUCCINI, 2011).

Rosenthal acrescenta que antes mesmo da seleção é preciso um trabalho de sincronização de som e imagem e organização de todo material existente, nomeando arquivos e separando-os conforme a conveniência do editor.

A seleção é feita com a eliminação de todo material com falhas técnicas, onde nada pode-se aproveitar.

Puccini acredita que a transcrição das entrevistas é também fundamental para o processo de edição, uma vez que, tendo as entrevistas em papel facilita-se o processo de reestruturação do filme com base nas respostas recebidas.

Com o material organizado inicia-se o processo de montagem do documentário. Neste momento o editor normalmente deve contar com a existência de um roteiro que indique pelo menos início, meio e fim, ou até mesmo notas do diretor que guiem o editor durante a edição. Isto reduzirá, e muito, o tempo de edição de acordo com Rosenthal.

E por organização, Rosenthal compreende a separação do melhor material recolhido colocado em ordem de acordo com o roteiro elaborado no início.

Porém, segundo o autor, caso não exista um roteiro, cabe ao editor escrever o documentário, descobrindo a história presente nas filmagens, os principais personagens, o foco do documentário, os conflitos existentes, além de simplificar ao máximo o filme, excluindo o material desnecessário.

Tendo em vista um cenário, onde exista um roteiro para o filme-documentário, vamos desenvolver a partir daqui o processo de edição ideal de acordo com os autores utilizados.

Para Puccini a elaboração da estrutura do documentário é extremamente importante: “ela será montada por meio de blocos temáticos claramente divididos, pela mistura de vozes e entrevistas, pelo respeito a uma ordem cronológica? Qual será sua abertura? Como será desenvolvido o tema? Qual será a sua resolução?” (PUCCINI, 2011).

A escolha por ordem cronológica é típica em documentários de viagens, e turnês, de acordo com Puccini, e até mesmo para outros temas, escolha que facilita até mesmo o processo de edição, no entanto não permite a “exploração de recursos narrativos como surpresa e suspense”. (PUCCINI, 2011).

Rosenthal adiciona:

A partir de agora você está começando a falar sobre uma apropriada estrutura, clímax, andamento, e ritmo. Você está procurando por uma relação perfeita entre sequencias e ordem de imagens mais efetivas. Você analisa se a história do documentário está clara e fascinante, se os personagens estão bem desenvolvidos, e se o filme causa impacto. (ROSENTHAL, 2002).

O autor ressalta a preocupação que deve existir sobre o início e o fim do filme e a efetividade destes momentos. Assim como existe foco e uma sensação crescente de interesse no documentário.

Neste momento, o documentarista deve deixar de lado todos os seus ideias e concentrar na análise produto friamente buscando perceber se o produto o esta intrigante, interessante o suficiente.

Durante este momento da montagem, o editor passa a ‘limpar’ o documentário eliminando qualquer informação desnecessária que não acrescente ao tema central do produto. Além disso, mudanças começam a

surgir, onde sequencias são refeitas de acordo com a análise do editor e/ou diretor do filme documentário buscando um melhor produto final.

Sem dúvida, de acordo com Rosenthal, o editor já deve continuar analisando se os cortes funcionam perfeitamente, se as cenas transmitem a mensagem desejada e se o documentário possui um ritmo envolvente. Por fim, deve verificar se o produto final tem entre cinquenta e sessenta minutos.

Um método de reorganização e edição do filme é proposto por Rosenthal:

Um dos melhores métodos é fazer uma edição no papel, do filme. Escreva cada sequencia em cartões mostrando brevemente os principais pontos a serem colocados. Então, coloque os cartões em uma parede seguindo a ordem do roteiro inicial. Conforme o desenvolvimento do filme no processo de edição, certamente mudanças surgirão. Então, reorganize os cartões conforme a nova edição pretendida. Assim, apesar do roteiro estar desatualizado, os cartões mostrarão onde você está na edição do documentário. (ROSENTHAL, 2002).

Dentro do processo de edição inclui-se também a construção de uma narrativa. De acordo com Rosenthal, essa narrativa elaborada durante a edição, mesmo que simples, colabora na construção da história do documentário, uma vez que estabelece um caminho a ser seguido.

Para o autor, apesar do dilema existente, onde muitos questionam se é favorável a construção de uma narrativa com base nas imagens ou a montagem de imagens com base em uma narrativa, ele argumenta: “Ritmo visual e fluxo devem ser as primeiras partes a serem consideradas”.

No entanto, ele adiciona que nem sempre é possível criar narrativas com base em imagens, principalmente em documentários tratando de politica ou assuntos complexos, onde a edição de imagens precisa ser feita em cima de certas palavras.

Puccini, ainda, adiciona que as narrativas são veemente combatidas por documentaristas contemporâneos por remeterem a um produto típico do inicio.

O próprio autor cita Rosenthal como referência ao dizer que a narrativa, ou comentário (voz over) proporciona uma impressão de autoridade do narrador sobre os personagens e até mesmo audiência.

Porém, Puccini explica que a narrativa (quando bem elaborada) tem sim benefícios para alguns documentários, uma vez que proporciona informações sintetizadas que não tinham como ser incluídas de outra forma, como pelas imagens.

Outra parte dentro do processo de edição de um documentário é a presença ou não de uma trilha sonora. Rosenthal (2002) explica:

Seu filme pode ou não ter música. Em filmes de destaque, todos esperam música em todo momento, e normalmente as reclamações são a respeito do exagero. A música normalmente provoca emoções antecedendo os acontecimentos a seguir, para que não aja surpresas. Filmes-documentários tendem a usar menos música, já que (a música) pode romper a ilusão da realidade. No entanto, quando usada bem, a música levanta o filme tremendamente. (ROSENTHAL, 2002).

Muitos documentaristas usam trilhas sonoras em momentos históricos no filme buscando ambientar a audiência para a época demonstrada. Assim como outros documentaristas utilizam da música para intensificar as emoções transmitidas no momento, como uma sequência de momentos alegres, ou até mesmo de profunda tristeza, de acordo com o autor.

Ele alerta que é necessário pensar sobre a trilha sonora, do meio para o fim do processo de edição, considerando que alguns editores mexem no ritmo conforme a batida da música escolhida.

Rosenthal adiciona ainda que o ideal seria a produção de uma trilha sonora específica para o seu documentário, para que assim exista um produto unitário, o que normalmente não ocorre com a existência de músicas aleatórias.

Muito importante também é a exibição do produto semi-pronto para patrocinadores e críticos, isto proporcionará um retorno de críticas essenciais para a melhora do documentário.

Tendo tudo isso em mente, e realizado todo o processo acima, inicia-se a finalização do documentário, onde o editor e o diretor incluem e finalizam trilha-sonora, narrativa, imagens, e efeitos, e analisam detalhadamente, apesar

da exaustão, se o filme funciona como um documentário contando a história de forma clara e intrigante, se o início e o final realmente funcionam, e se responde todas as perguntas levantadas.

13 VEICULAÇÃO

13.1 INTERNET

Intimamente ligada à guerra, a história da internet começa surgir com a competição entre Estados Unidos e URSS para ver quem tinha mais segurança nas informações militares. A internet surgiu em 1969, no auge da Guerra Fria, dentro do Departamento de Defesa norte-americano, segundo Ferrari (2010). A pesquisa tinha como foco a área de informações militares, para que houvesse garantia de comunicação emergencial caso o país fosse atacado pela União Soviética ou outros países.

Uma rede de computadores montada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) em setembro de 1969, deu origem a internet, com a Arpanet. Criada em 1958, a ARPA era um órgão do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, que tinha como objetivo angariar recursos para pesquisas acadêmicas, com a finalidade de obter tecnologia militar superior ao da URSS. O objetivo desse departamento era estimular a pesquisa em computação interativa e isso foi definido por Joseph Licklider, psicólogo e cientista da computação.

Em 1975 a Arpanet foi transferida para a *Defense Communication Agency* (DCA) e, em 1983, o Departamento de Defesa criou a MILNET, um órgão de conexões militares. Então a Arpanet passou a ser utilizada apenas para pesquisas e, em 1990 foi tirada de operação.

No início da década de 1990 muitos provedores de serviço da internet montaram suas próprias redes e estabeleceram suas próprias portas de comunicação em bases comerciais. A partir de então, a internet cresceu rapidamente como uma rede global de rede de computadores (CASTELLS, 2003).

13.2 TELEVISÃO DIGITAL

Normalmente há a modernização dos meios, com a televisão não seria diferente. Entrando em uma nova era, a digital. Mesmo se falando muito sobre o fim da televisão, já que ela se tornará desnecessária com as possibilidades

disponíveis *online*, Cannito (2010), afirma que o veículo terá mais audiência que qualquer outro tipo de conteúdo audiovisual e qualquer outra mídia. Ele justifica a afirmação da seguinte maneira: a televisão visa atingir as grandes audiências genéricas, enquanto internet e celular visam conteúdo segmentado. Para Bolaño e Brittos (2007), a televisão digital apresenta-se como uma plataforma tecnológica capaz de realizar a convergência de inúmeros serviços de comunicação. Além disso, ainda segundo os autores, as fronteiras entre as indústrias culturais podem ser reduzidas.

Operando oficialmente no Brasil desde 2007, através do decreto 4.901, após muitos obstáculos, como é comum em qualquer implantação de nova tecnologia, a TV digital nada mais é do que a transmissão digital de sinais audiovisuais. Com qualidade superior ao da TV convencional, nesse modelo de transmissão, os sinais de imagem e som são representados por bits e não mais por ondas eletromagnéticas. As interferências, como chuviscos e sombras na imagem deixaram de existir. Mas, por ser uma nova tecnologia, o custo não é dos mais baratos, o que faz com que a maioria da população ainda não usufrua da nova modalidade.

O padrão internacional de televisão digital são: ATSC, *Advanced Television Systems Committee*, adotado nos Estados Unidos, DVB, *Digital Video Broadcasting*, adotado na Europa, e ISDB, *Integrated Services Digital Broadcasting*, adotado no Japão. O padrão ATSC, dos Estados Unidos, foi elaborado para atender as necessidades das HDTV, que são de alta definição, mas o custo do aparelho é elevado, sendo assim, houve baixa adesão. Já o modelo DVB, adotado pela Europa, segundo Brennand e Lemos (2007), tem como objetivo especificar uma família de padrões mundiais para sistemas de televisão digital interativa, incluindo a transmissão do sinal e serviços de dados associados. Nesse modelo há também o suporte para sistemas móveis. No Brasil, o sistema escolhido foi o japonês, ISDB, que proporciona mobilidade e alta definição. As principais alterações em relação ao modelo original estão ligadas ao tipo de compressão de arquivos e ao desenvolvimento de um sistema de próprio de interatividade. O modelo antigo, o analógico, só terá a transmissão suspensa a partir de 29 de junho de 2016.

No decreto que instituiu o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), o 4.901, no artigo 1º, inciso I, consta: promover a inclusão social, a diversidade cultural do País e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia digital, visando à democratização da informação. Já no inciso seguinte, decreta-se que a implantação irá propiciar a criação de uma rede universal de educação à distância. Sendo assim, o decreto institui não só o SBTVD, mas também promove a inclusão social e acesso à educação.

Já no artigo 13 do decreto fica instituído que a União também poderá explorar essa nova ferramenta. Desse modo, há a possibilidade de criação de quatro canais: o Canal do Poder Executivo, onde haverá a transmissão dos atos e sessões ligadas ao Poder Executivo, o Canal de Cidadania, com transmissão de comunidades locais, e transmissão de sessões do governo federal, estadual e municipal, o Canal de Educação, onde haverá a educação a distância para aprimoramento de alunos e capacitação de professores e, finalmente, o Canal de Cultura, que se destina à produções regionais.

Por essas características de cunho social e educativo, vimos na televisão digital um meio de exibir o trabalho. A veiculação no Canal de Cultura é uma grande possibilidade, já que a produção é regional, por se tratar de uma cidade específica do Brasil, Bauru. Tendo em vista que o gênero documentário tem veiculação pouco frequente em canais abertos, por conta disso e, por se tratar de um produto elaborado em âmbito acadêmico, essa é a melhor possibilidade de exibição. Além, claro, de tvs educativas, já que nos grandes meios há maior interesse voltado para o factual.

14 RELATÓRIO DO PRODUTO PRONTO

Ao estudar as diferentes disciplinas no curso, e produzir material de diferentes vertentes, cada aluno se identifica com um segmento específico, seja por conta de um professor empolgante, ou por uma paixão já previamente existente, ou até mesmo por uma identificação e conforto com a plataforma e/ou assunto.

Essa identificação sem dúvida reflete na escolha do assunto a ser pesquisado e da plataforma (quando produto) utilizada na elaboração do TCC.

Não há dúvida que a escolha do tema e da plataforma para o trabalho final seja uma das decisões mais difíceis durante os anos de estudo na universidade.

Porém, para facilitar essa escolha, buscou-se, na criação deste produto, levar em consideração qual o caminho profissional que pretende seguir, qual a necessidade do meio acadêmico e, principalmente, da comunidade local, e qual assunto despertava maior curiosidade.

Devido ao intercâmbio de um dos alunos da dupla, houve a possibilidade destes dois estudantes produzirem o trabalho de conclusão de curso juntos, mesmo sendo de turmas distintas, e nunca terem produzido nada em equipe antes. Ambos trocaram informações e se mantiveram em contato por um bom tempo antes de concretizarem a decisão. E por conta dos interesses e curiosidades semelhantes, e da identificação com a plataforma, optaram por produzir um documentário sobre qualquer tema socialmente relevante.

A escolha de um tema socialmente relevante foi mais difícil do que o esperado, tanto pela amplitude de assuntos a serem abordados, quanto pela saturação de pesquisas e produtos sobre estes temas.

Depois de muitas discussões, orientações de profissionais do meio, e bastante pesquisa, decidiu-se pela elaboração de um documentário que retratasse a realidade jornalística, e que levantasse questionamentos importantes para a situação do jornalismo na atualidade, e, se possível, respondesse as dúvidas criadas durante os anos de estudo. No entanto, procurou-se produzir algo que fosse além da comunidade local e que pudesse

trazer realidades e culturas distintas do habitual para assim enriquecer ainda mais o documentário em informações, opiniões e diversidade.

Tendo isso em mente, bastava escolher qual cidade brasileira agregaria ao nosso documentário. No entanto, decidiu-se ir além, e optar por outro país, onde a diversidade cultural seria maior, a situação econômica distinta, o contexto histórico e atual diferentes, e talvez a realidade jornalística também.

A escolha do outro país a ser filmado foi feita criteriosamente. Buscou-se afinar a escolha para países mais próximos, mas que ainda apresentassem os elementos citados no parágrafo acima. Foi então que, há poucas semanas do início do semestre, buscando na internet sobre jornalismo nos países latino-americanos, foi possível encontrar um anúncio sobre o XII congresso ALAIC (Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação) realizado entre 6 e 8 de 2014 na cidade de Lima, Peru.

Depois de bastante pesquisa sobre o jornalismo Peruano, foi possível constatar que este foi o primeiro país a receber a imprensa na América do Sul, e que, apesar de estar entre os cinco países mais populosos no continente, possui pouquíssimos artigos e produtos em jornalismo realizados no país por brasileiros. Por essa razão e um interesse enorme em desbravar uma nova cultura e trazer novas informações ao meio acadêmico optou-se por produzir o documentário em uma cidade peruana com uma quantidade populacional semelhante a cidade local dos estudantes.

Bauru, no estado de São Paulo, segundo o IBGE, possui uma população estimada em 364.562 habitantes, enquanto que Cusco, no Peru, segundo o IPEI (Instituto Peruano de Estatísticas e Informática), possui uma população estimada em 435,114 habitantes, e encontra-se como um dos maiores centros turísticos do país. Além da semelhança populacional, optamos por Cusco por ser uma cidade mais acessível e uma das mais antigas no Peru.

Definidos os locais de filmagem, e apresentada a proposta a nossa orientadora, “Os desafios dos jornalistas na América Latina: Bauru e Cusco”, deu-se início ao processo de pesquisa histórica, estudo aprofundado do jornalismo nos dois países, leituras sobre reportagem, o ser jornalista, veiculação, além de uma exaustiva pesquisa sobre documentários, tanto na

parte teórica, quando na prática, e sem dúvida foi dado início aos contatos com os possíveis entrevistados.

Nesta etapa procurou-se, também, assistir a maior quantidade possível dos melhores documentários produzidos nos últimos dois anos, como “*20 Feet from Stardom*” e “*Dirty Wars*”, onde foi possível encontrar inspiração e além disso, analisar detalhadamente o roteiro estabelecido por eles, as edições realizadas e as técnicas utilizadas.

Todo este processo de pesquisa e análise de outros produtos serviria como uma ‘luz’ para que fosse possível ter mais certeza sobre o tema proposto, porém a certeza falhou em aparecer. A dúvida, a insegurança, e até mesmo a frustração, devido a falta de apoio de algumas pessoas, eram constantes durante esta etapa.

Desde a primeira semana de orientação o grupo começou a produzir a parte escrita do projeto, encontrando ai infinita fonte de conhecimento. Assim, com todo o conhecimento adquirido durante a pesquisa, foi possível imaginar o formato que talvez o documentário teria, porém, este formato ainda era incerto, uma vez que não havia a confirmação de nenhuma das fontes peruanas.

Depois de praticamente toda a fundamentação teórica pronta, a dupla se sentou para elaborar o roteiro, ou tratamento (guia), como foi resolvido nomear, uma vez que tinha-se em mente que elaborar um roteiro completo, com uma sequência de imagens e entrevistas, seria perda de tempo, já que os acontecimentos durante a filmagem de um documentário, principalmente quando se tratando de uma cultura e realidade extremamente distinta da dos estudantes, seriam completamente imprevisíveis.

Abaixo, o tratamento (guia) elaborado:

EQUIPAMENTOS:

- Câmera DSLR
- Tripé
- Gravador de áudio
- Câmera auxiliar
- Laptop

- Iluminação
- Microfone
- Fone de ouvido
- Bloco de notas
- cabo USB
- lentes para câmera
- Carregador de câmera e laptop
- Caneta
- HD Externo
- 2 Cartões de memória

ENTREVISTADOS:

- 2 Jornalistas (Personagens principais Peruano/Brasileiro)
- Editor
- Editor-chefe
- 4 Professores de universidade de jornalismo (2 de cada país)
- 4 Estudantes de jornalismo (2 de cada país)
- População em geral
- Familiares do jornalista

EXTRAS:

- Cartão de apresentação
- Autorização de imagem

IMAGENS:

- Pontos turísticos
- Do jornal: Fachada/Redação (O Todo/Corredor/Mesa/Sala de reuniões/Sala do editor/Gráfica/Pauta/Jornal pronto/sala de cafezinho/equipamentos do jornalista)
 - Universidade (Biblioteca/sala de aula/entrada)
 - Banca de jornal
 - Onde o repórter for (Locais de matéria)

- *TimeLapse* da cidade dentro do carro
- Vídeos no aeroporto e/ou de dentro do avião
- Imagens do dia do jornalista (tomando café da manhã/se arrumando/saindo de casa/pegando ônibus ou saindo de carro/voltando pra casa)

Jornalista

- 1) NOME, IDADE, PROFISSÃO?
- 2) QUANDO VOCE DECIDIU QUE SERIA JORNALISTA?
PORQUE?
- 3) COMO É DIVIDIDO O ENSINO DE JORNALISMO NAS UNIVERSIDADES AQUI?
- 4) COMO VOCE ANALISA A SUA FORMAÇÃO ACADEMICA EM VISTA DA REALIDADE JORNALISTICA NO SEU PAIS?
- 4) COMO É SUA ROTINA DE TRABALHO?
- 5) NA SUA ROTINA, QUAIS OS DESAFIOS QUE ENCONTRADOS PARA EXERCER A PROFISSAO?
- 6) PORQUE VOCE OPTOU PELO JORNALISMO IMPRESSO?
- 7) COMO VOCE VÊ O JORNALISMO PRATICADO POR VOCES?
MAIS VOLTADO PRO INTERESSE DA COMUNIDADE OU INSTITUCIONAL?
- 8) QUAIS SAO AS LIMITACOES INSTITUIDAS PELA EMPRESA?
- 9) VOCE ESCOLHERIA OUTRA PROFISSÃO? QUAL? E PORQUE?
- 10) SUA FAMILIA APOIOU SUA ESCOLHA?
- 11) VOCE ACHA O JORNALISMO DESVALORIZADO?
- 12) EXISTE CUMPLICIDADE ENTRE OS JORNALISTAS TANTO NA MESMA EMPRESA, QUANTO DE EMPRESAS CONCORRENTES?
- 13) COMO VOCE VE O JORNALISMO IMPRESSO NO FUTURO?
- 14) AS NOVAS TECNOLOGIAS, COMO A INTERNET, AUXILIARAM A PROFISSAO, COMO?
- 15) COMO VOCE CONCILIA SUA VIDA PROFISSIONAL COM A PESSOAL?
- 16) QUAIS SAO AS PESSOAS QUE MAIS TE INFLUENCIARAM NA CARREIRA E PORQUE?

17) FAÇA UMA COMPARAÇÃO DE VOCE ENTRANDO NA UNIVERSIDADE, DE VOCE SAINDO DA UNIVERSIDADE, E DE VOCE HOJE? COMPARANDO SONHOS, OPINIOES...)

18) QUAL CONSELHO VOCE DARIA PARA VOCE COM 20 ANOS?

19) QUAL A CREDIBILIDADE DO JORNALISMO IMPRESSO NA COMUNIDADE?

20) O QUE VOCE MELHORARIA NA EMPRESA QUE VOCE TRABALHA?

21) EM UMA FRASE, COMO VOCE DEFINIRIA O JORNALISMO?

22) QUAIS AS CARACTERISTICAS QUE UMA PESSOA PRECISA TER PARA SER JORNALISTA?

23) VOCE JA PUBLICOU ALGUMA NOTICIA E DEPOIS DESCOBRIU QUE A FONTE HAVIA MENTIDO?

24) PORQUE, MESMO COM TANTAS DIFICULDADES, VOCE OPTOU POR SER JORNALISTA?

Professores

1) O QUE OS ALUNOS NAO PODEM SAIR DA FACULDADE SEM APRENDER

2) COMO VOCE ANALISA O ENSINO/PREPARO NAS UNIVERSIDADES EM GERAL?

3) QUAIS OS DESAFIOS DOS JORNALISTAS DE IMPRESSO NA ATUALIDADE?

4) QUAL A CREDIBILIDADE DOS JORNAIS?

5) QUAL A DIFERENÇA DOS PERFIS DOS ALUNOS DE VINTE ANOS ATRAS E DE HOJE?

6) PORQUE VOCE OPTOU PELA VIDA ACADEMICA?

7) EM UMA FRASE, COMO VOCE DEFINIRIA O JORNALISMO?

8) COMO VOCE VE O FUTURO DA PROFISSAO?

9) COMO VOCE ANALISA O JORNALISMO PRATICADO HOJE? MAIS VOLTADO PRO INTERESSE DA COMUNIDADE OU INSTITUCIONAL?

10) QUAL A IMPORTANCIA DE ESTUDAR JORNALISMO?

11) QUAIS AS CARACTERISTICAS QUE UMA PESSOA PRECISA

TER PARA SER JORNALISTA?

12) QUAL O PISO SALARIAL?

Estudante iniciante

1) O QUE VOCE ESPERA DA PROFISSAO?

2) PORQUE VOCE ESCOLHEU JORNALISMO?

3) NOME, IDADE?

4) COMO VOCE ACHA QUE A UNIVERSIDADE VAI TE PREPARAR PRO MERCADO DE TRABALHO?

5) QUAIS AS CARACTERISTICAS QUE UMA PESSOA PRECISA TER PARA SER JORNALISTA?

6) VOCE ACREDITA EM TUDO QUE O JORNAL PUBLICA?

7) O QUANTO VOCE ACREDITA NO PODER DO JORNALISMO DE INFLUENCIA NA SOCIEDADE?

8) EM UMA FRASE, COMO VOCE DEFINIRIA O JORNALISMO?

Estudante formando

1) QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE UMA PESSOA PRECISA TER PARA SER JORNALISTA?

2) O QUANTO MUDOU SEU CONCEITO DE JORNALISMO DO INICIO DA FACULDADE ATE HOJE?

3) EM UMA FRASE COMO VOCE DEFINIRIA O JORNALISMO?

4) COMO A UNIVERSIDADE TE PREPAROU PARA O MERCADO DE TRABALHO?

5) QUAIS AS SUAS EXPECTATIVAS A PARTIR DE ENTÃO?

6) QUAIS OS SEUS OBJETIVOS PROFISSIONAIS?

7) VOCE ACREDITA EM TUDO QUE O JORNAL PUBLICA?

8) NOME, IDADE?

9) PORQUE JORNALISMO?

Editor

1) QUAIS AS CARACTERÍSTICAS QUE UMA PESSOA PRECISA

TER PARA SER JORNALISTA?

- 2) EM UMA FRASE COMO VOCE DEFINIRIA O JORNALISMO?
- 3) QUAL CONSELHO VOCE DARIA PARA OS NOVOS JORNALISTAS?
- 4) O QUE NAO PODE FALTAR EM UMA REPORTAGEM?
- 5) COMO VOCE ACREDITA QUE A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISTA ESTA SENDO EXERCIDA?
- 6) ESTATÍSTICAS GERAIS: TIRAGEM/MEDIA DE VENDA/RECEITA?
- 7) QUAL A LINHA EDITORIAL DO JORNAL?
- 8) VOCE ACREDITA NA CREDIBILIDADE DO SEU JORNAL?
- 9) PORQUE VOCE ACHA QUE AS PESSOAS NAO ACREDITAM INTEIRAMENTE NOS JORNAIS?
- 10) QUAL O FUTURO DO JORNALISMO IMPRESSO?
- 11) COMO VOCE O PROFISSIONAL DE HOJE EM RELACAO AO ONTEM?
- 12) COMO VOCES ABORDAM ASSUNTOS POLEMICOS?
- 13) PORQUE VOCE ESCOLHEU JORNALISMO?
- 14) NOME, IDADE, E TEMPO DE PROFISSAO?

População

- 1) VOCE ACREDITA EM TUDO QUE O JORNAL PUBLICA?
- 2) COMO VOCE ACHA QUE E O TRABALHO DE UM JORNALISTA?
- 3) QUANTAS VEZES POR SEMANA VOCE LE O JORNAL?
- 4) NOME, IDADE E PROFISSÃO?

Familiares

- 1) COMO VOCE ANALISA A ROTINA DO JORNALISTA?
- 2) VOCE APOIOU A ESCOLHA DESDE O INICIO?
- 3) O QUANTO VOCE ACHA QUE O TRABALHO DELE MUDA A VIDA DAS PESSOAS?
- 4) VOCE ACREDITA EM TUDO QUE O JORNAL PUBLICA?

- 5) ELE CONVERSA BASTANTE SOBRE A PROFISSÃO?
- 6) VOCE TEME PELA SEGURANÇA DELE?
- 7) NOME, IDADE E RELACAO FAMILIAR?

Com o tratamento revisado pela orientadora, e toda equipagem em mala, com exceção da câmera auxiliar, do material de iluminação, e do microfone da câmera, um dos estudantes viajou para a cidade de Cusco com uma responsabilidade enorme sabendo que não teria a oportunidade, nem tempo, de retornar ao país para refazer qualquer coisa e sem nenhuma confirmação das fontes constatadas. Havia apenas agendado, por telefone, uma visita à um dos jornais locais, Diário El Sol, para tentar falar com um dos jornalistas e explicar sobre a produção do documentário.

No entanto, a reunião marcada para o segundo dia de viagem do estudante não foi realizada devido a ausência de todos os jornalistas do diário. Situação que trouxe uma frustração e insegurança ainda maior para a dupla.

Quatro dias mais tarde, um dos membros do grupo, após visita a Universidade Nacional de Cusco, conseguiu contato pessoalmente com duas jornalistas Peruanas, que se encontravam na Universidade.

Após conversa breve, explicando a proposta e o tema do documentário, as duas jornalistas aceitaram que o estudante as acompanhassem durante uma manhã de trabalho, e, apesar da dificuldade dele em manusear câmera, microfone, e perguntas para o entrevistado ao mesmo tempo, foi possível filmar o trabalho das duas profissionais enquanto participavam de diferentes entrevistas coletivas e realizar algumas perguntas.

Neste mesmo dia, conforme o objetivo definido pela dupla em usar apenas um personagem principal em cada país, o estudante decidiu focar sua atenção em uma das jornalistas, Gladys Pantoja, sem abandonar a outra personagem, que, sem dúvida, agregaria muito ao documentário. O foco foi definido conforme o carisma e atenção dada até aquele momento. No fim da tarde, foi realizada uma visita a edição do diário da personagem principal, onde permitiu que o estudante conhecesse o ambiente interno de trabalho da jornalista, realizasse imagens, e até mesmo entrevistasse o editor do jornal na cidade de Cusco.

No dia seguinte, foi possível entrevistar o professor representante do curso de jornalismo da Universidade Nacional, e as duas jornalistas, individualmente, além de acompanhá-las em mais um dia de trabalho no período da manhã e início da tarde e realizar, neste meio tempo, mais uma entrevista com um jornalista, amigo de Gladys.

No começo da semana seguinte, o estudante teve a oportunidade de retornar a Universidade, a convite do professor, para entrevistar dois alunos de jornalismo do terceiro ano, que sem dúvida adicionaram um ponto de vista diferente ao documentário.

Com todas as entrevistas realizadas, coube ao estudante filmar imagens de cobertura, como pontos turísticos, bancas de jornal, prédios públicos, entre outras coisas.

No fim da viagem, havia um sentimento de satisfação, levando em conta as circunstâncias como ausência de equipamento completo e de uma equipe de trabalho presente, e ao mesmo tempo, preocupação com a possibilidade de não ter produzido uma quantidade suficiente de material para o documentário.

Vale ressaltar que durante a viagem em Cusco, os estudantes resolveram não entrevistar mais de dois universitários, e eliminar as entrevistas com a população local, acreditando que estas entrevistas não tivessem o mesmo peso que as entrevistas com jornalistas e educadores, por exemplo.

Os entrevistados Bauruenses, assim como as imagens na cidade local, foram deixadas por último, já que os estudantes tinham maior flexibilidade e até mesmo, facilidade para seguir uma linha de pensamento conforme a que foi exercida em Cusco.

Logo na semana seguinte a volta do estudante de Cusco, a dupla buscou realizar todas as entrevistas e imagens necessárias em Bauru. Com os contatos agendados e confirmados, o trabalho dos universitários foi facilitado, permitindo uma programação mais exata.

No primeiro dia de imagens com o jornalista bauruense o processo foi diferente do de Cusco. A entrevista foi realizada primeiro e, somente depois, foi feito o acompanhamento da rotina do entrevistado. A rotina se limitou a redação no primeiro dia, impossibilitando a coleta de imagens externas do trabalho do jornalista.

No dia seguinte foi possível acompanhá-lo externamente na elaboração de uma das matérias. Neste mesmo dia, foi feita a entrevista com o editor do jornal da cidade de Bauru e as imagens da empresa em que trabalhavam.

Com o material em mãos, foi dado início ao processo de edição onde, a principio, não contava com um roteiro pronto ainda, já que os estudantes optaram por analisar tudo que haviam filmado para elaborá-lo.

Como ainda necessitavam realizar duas entrevistas, com a coordenadora do curso de jornalismo da Universidade Sagrado Coração, e com um estudante do curso, buscaram então sincronizar áudio/imagem e eliminar o material que acreditavam que não iriam utilizar.

Importante dizer que para o processo de edição foi utilizado *Final Cut Pro*, e que os estudantes optaram por aprender a editar.

Enquanto não eram realizadas as entrevistas restantes, agendadas para a semana seguinte, foi optado por elaborar, mais ou menos, a ordem para os acontecimentos. Neste momento o documentário passou a ter um formato mais nítido, mesmo que ainda no papel.

Com as imagens colocadas em ordem, a dupla efetuou as duas entrevistas que faltavam. Assim, com todo o material pronto, puderam realizar o roteiro.

Durante o processo de análise do material e criação do roteiro, se tinha em mente a necessidade de selecionar as sonoras mais coerentes e que trouxessem a tona o papel do jornalismo.

Foi possível perceber que grande parte dos jornalistas enfatizava o papel social do profissional, até mesmo em perguntas não relacionadas diretamente ao assunto, por conta disso, optou-se por elaborar um roteiro voltado para a função do jornalista na sociedade.

Tendo isto definido, a montagem do roteiro foi pensada da seguinte maneira: primeiro, era importante apresentar a problemática, no caso, as dificuldades de ser jornalista, ainda mais em uma sociedade que tem criticado constantemente a ética dos profissionais. Para isso, utilizamos uma fala marcante de uma das repórteres, enquanto a personagem principal do Peru caminhava em direção a uma coletiva de imprensa, técnica de edição inspirada no documentário vencedor do Oscar 2014, *20 Feet from Stardom*. Em seguida,

demonstrar a rotina dos repórteres nas duas cidades em que trabalhamos, com o intuito de apresentar aos leigos no assunto, como é o dia-a-dia de trabalho dos jornalistas, e conseqüentemente possibilitarem que o público construa uma comparação entre as duas realidades apresentadas e faça suas próprias conclusões.

Encontrou-se a partir daí a necessidade de introduzir os outros entrevistados ao público. Devido a isso, foram inseridos, após as rotinas dos jornalistas, quase todos os outros entrevistados falando quais características acreditavam que um jornalista necessitava ter. Acredita-se que a inserção das falas a respeito das características enriqueceu o documentário por possibilitar a todos uma compreensão um pouco mais detalhada sobre o que é ser jornalista.

Logo após preferiu-se realizar uma transição um pouco mais longa entre assuntos, demonstrando outros trechos do dia-a-dia do jornalista. Essa transição foi necessária para que não houvesse um choque muito grande com a mudança de assuntos. Pois, a partir deste momento, ficou definido que seria dado início a discussões mais aprofundadas sobre o ser jornalista, começando pelo papel social dele na comunidade e os entraves que enfrentam para de fato exercer este papel.

Mantendo a intercalação entre entrevistados brasileiros e peruanos – na busca de evitar a mesmice e trazer uma variedade de material ao público – foi utilizado neste assunto as sonoridades selecionadas conforme a coerência e o valor de agregação ao documentário.

Era de conhecimento da dupla, que um bom documentário possui também um gancho no momento de transição de assuntos, portanto, foi selecionada a fala do editor peruano, onde, em uma mesma sonora comenta sobre a função social, e a credibilidade do jornalista – esta tão questionada na atualidade tanto no Peru, quanto no Brasil, como foi possível analisar com a atitude da revista *Veja* durante o segundo turno das eleições presidenciais.

Depois de algumas imagens de transição para descansar por alguns segundos a mente do público, ainda relacionado a credibilidade, buscou-se tratar da influência da publicidade no meio jornalístico, o que, de acordo com o professor peruano Alberto Garcia, é um dos grandes desafios dos profissionais de comunicação.

Após a fala de quatro profissionais, dois peruanos, e dois brasileiros, com opiniões, as vezes, distintas sobre o assunto, deu-se início ao encerramento do documentário, que continha, depois de imagens das duas cidades, a fala de quase todos os jornalistas resumindo em uma frase o que achavam ou sentiam sobre o jornalismo de maneira pessoal, e geral.

E para o encerramento completo do documentário, foi a escolhida a sonora da personagem que iniciou o documentário, tanto pelo seu carisma, quanto pela sua vulnerabilidade ao tratar sobre o assunto, o que não foi encontrado com o jornalista brasileiro. Além disso, esta sonora, resumiu de forma interessante o que muitos profissionais justificam quando perguntados a respeito da insistência em uma profissão que não remunera bem e que consome praticamente todo o seu tempo.

O título, “Jornalismo: Um Compromisso com a Sociedade – Os desafios e responsabilidades da rotina dos jornalistas peruanos e brasileiros”, foi definido apenas após o fim do processo de montagem do documentário. Tinha-se em mente que somente depois de assistir o produto como um todo, fosse mais coerente nomeá-lo, indo de acordo com o conteúdo e a mensagem transmitida pelos próprios personagens envolvidos na história.

A escolha da trilha sonora foi feita após a análise de todo o material. Não havia a intenção de causar, ou direcionar o documentário para um estilo dramático, mas acredita-se que este foi o conteúdo de maneira geral do produto, principalmente devido as respostas dos entrevistados.

O documentário foi produzido em, quatro dias de filmagem em Cusco, três dias em Bauru, um dia para a produção do roteiro, e cerca de quatorze dias para a edição de todo material, incluindo legenda e trilha sonora.

Depois de ver e rever o documentário diversas vezes, realizar todas as correções possíveis em transições, legendas, som, e imagem de forma geral, conclui-se o produto com muito êxito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto desenvolvido não contou com equipe, nem equipamentos profissionais para a execução. Apesar disso, houve plena satisfação com o material obtido, já que as expectativas dos autores foram atingidas. Houve o questionamento aos profissionais e até a oportunidade de levar à uma autocrítica. Para que o trabalho fosse concluído com êxito, houve a resposta para três perguntas básicas nas quais os autores se propuseram a responder. Com o documentário em mãos é possível entender que a função primordial do jornalista vai além de informar, já que o profissional carrega os valores obtidos ao longo dos anos para transmitir as informações e, ainda, adequá-las ao público alvo. Houve a possibilidade de documentar o papel social desenvolvido pelo jornalista e, destaca-se também que os profissionais estão cientes do papel que desenvolvem. É notória também a diferença estrutural em que os profissionais usufruem para reportar as notícias nas duas cidades: em Cusco há escassez de profissionais na redação, apenas 5 que são responsáveis por texto, foto e diagramação das páginas que serão publicadas, já em Bauru, a redação conta com 50 profissionais com funções pré-determinadas, além de carros a disposição dos jornalistas e fotógrafos. E, como êxito final, os autores conseguiram obter esclarecimentos sobre o fato de os profissionais ainda exercer o jornalismo, apesar das dificuldades, desafios e desvalorização. Nos aproximadamente 24 minutos de documentário, fica claro para o público que jornalismo é paixão e vocação e que todos os profissionais, assim que saem da universidade, já entendem que a função da profissão é prestar serviço, é dar voz a população então, mesmo diante de fatores que levariam a desistência, a paixão transcende e encarar a profissão é apenas um desafio, e não um sufoco.

REFERÊNCIAS

- ALAIC, Brasil, **Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação**. Disponível em < <http://www.alaic.org/2014/xiicongresso/>>. Acesso em 22 ago. 2014.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo, SP: Editora Atlas S.A., 2010.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo, SP: Ática, 1990.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. **A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes**. São Paulo: Paulus, 2007.
- BRENNAND, Edna; LEMOS, Guido. **Televisão digital brasileira: reflexões, sistemas e padrões**. Vinhedo; São Paulo: Horizonte; Mackenzie, 2007.
- CANNITO, Newton. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: RoneideVenancioMajer – 8 ed. Paz e Terra, 2000.
- CHAPARRO, Manuel C. **Ideias para um novo jornalismo impresso**. Disponível em <www.oxisdaquestao.com.br. S/D>. Acesso em 2 set. 2014.
- Conceição Aparecida Kindermann, Santa Catarina, **A reportagem jornalística no jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero**. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/69876_Conceicao.pdf>. Acesso em 24 set. 2014.

COSTELLA, Antônio. **O controle da informação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1970.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2010.

G1, São Paulo, novembro 2007. **Seção tecnologia**. Disponível em: <g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL198289-6174,00-TIRE+SUAS+DUVIDAS+SOBRE+A+TV+DIGITAL.html>, Acesso em: 1 nov. 2014.

G1, São Paulo, **Princípios Editoriais das Organizações Globo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2014.

GARGUREVICH, J. **Aquellamuerte de Atahualpa**, 2006. Disponible en: <http://tiojuan>.

Juan Gargurevich, Peru, **Los médios masivos de informacion en el Perú**, 1980-2012. Disponível em <<http://departamento.pucp.edu.pe/comunicaciones/files/2012/11/Puede-descargar-aqu%C3%AD-el-libro-completo-en-formato-pdf.pdf>>. Acesso em 22 ago. 2014.

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**. Disponível em <<http://lsgasques.blogs.unipar.br/files/2008/05/escrevendo-um-documentario.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2007.

LEITE FILHO, Solidonio. **Comentários à Lei de Imprensa**. Rio de Janeiro: J. Leite, 1925.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MAYRINK, José Maria. **Vida de repórter**. Geração editorial, São Paulo, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus,

MONTE-MOR, Patrícia. **Tendências do documentário etnográfico**. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org.) **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. São Paulo: Summus, 2004

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

Alexandre Budaibes. **Origem e evolução do jornalismo colonial peruano no século XVIII: A Gazeta de Lima (1744)**. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/261/469>>. Acesso em 13 set. 2014.

PUCCINI, Sergio. **Roteiro de Documentário: Da pré-produção à pós-produção**. São Paulo: Papyrus, 2009.

RAMOS, Fernão. **Mas afinal...O que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

RODRIGUES, Jacira Werle. **Reportagem impressa, estilo e manuais de redação: a construção da autoria nos textos do jornalismo diário.** FACOS/UFMS, Santa Maria, 2003.

ROSENTHAL, Adan. **Writing, directing, and producing documentary films and videos.** Southern Illinois University Press, Carbondale and Edwardsville, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Mauad, 1994.

TEIXEIRA Francisco Elinaldo. **Introdução: cultura audiovisual e polifonia documental.** In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org.) Documentário no Brasil: tradição e transformação. São Paulo: Summus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2005.

ANEXOS

1. Herlinda (Entrevista)

Cual son las características que una persona necesita tener para ser periodista?

R: Tener vocación, conocimiento de todo, mas que todo cariño con lo trabajo que tu tienes. Acá en la Universidad San Antonio Abad, por ejemplo, salen muchas promociones, pero son pocos los que les gustan hacer periodismo, porque es sacrificado. En primer lugar la remuneración no es buenas, y también, el trabajo no es fácil, hay que estar en la calle buscando información. Nosotros, periodistas, no tenemos un horario, no tenemos día libre. No hay nada que decir poise que mañana hago esta cosa, o mañana hago otra cosa, porque la información se da en un momento, y ay tenemos que estar todos los periodistas trabajando, y después de trabajar todo el día, toda la mañana, en mi caso, tengo que redactar. Yo trabajo para un medio escrito, Comercio de Cusco, y también Radio Universal, y ay tenemos una pagina que tu lo puedes ver todos los días con la información del dia.

En una frase como definiría el periodismo?

R: Es una profesión muy noble, muy noble. Eso es la mejor frase que te puedo decir. Muy noble y que es la mejor de las cajeras en mi opinión.

Que consejo daría para una persona que esta empezando ahora?

R: Que le guste su profesión, que busque la información. Que, si se quiere dedicar-se a el periodismo, que empecé ya, porque no es necesario terminar estudiar, para empezar como periodista. Es mejor empezar y paralelamente estudiar, porque es necesario también ser profesional, tener un titulo, y decir que soy profesional y soy periodista.

Porque he escogido el periodismo?

R: En mi caso ha sido casual. Nunca pensé en ser periodista. Yo estudiaba primero educación, en un instituto superior. Yo decidí ser periodista porque en primero lugar, la carera era muy corta, pero después se incremento a los

créditos que se ofrecen en todas las facultades. salí como periodista, pero no sabia lo que hacer. Salí de la facultad y no sabia que hacer me di que ya a caminar por las calles y averiguar como era el periodismo y me llevo a gustar bastante, y ahora es mi pasión. No me arrepiento de ser periodista.

Cual es el futuro de periodismo en su opinión, con la internet creciendo. Que piensas que va a se pasar con el periodismo impreso?

R: Para mi, si tiene similitudes. En mi caso, perdona que te hable en mi caso, tiene similitudes. Porque yo siendo periodista en calle, periodista entrevistadora, reportera, escribo también, y el periodismo escrito es igual, solamente tiene que ampliar la información, mas explicativo, mas amplio. Para es igual, el periodismo radial, y escrito, porque yo no hago radio, por ejemplo, yo no soy locutora, pero si produzco. Todo los días produzco la información que se da en el día y en el momento.

Como su familia ves la profesión?

R: Mi familia, aun principio no le gustaba. Mi papa me decía que era una profesión muy noble, y que le daba pena que yo iba a ser periodista. Pero ahora se siente muy orgulloso, porque ser periodista es comprensión, te conoces todo el mundo, no pasas de incognito en ningún sitio y te respetan bastante, se tu haces un trabajo bueno, se no, no.

2. José Víctor Salcedo (Entrevista)

Mi nombre es José Víctor Salcedo, tengo 30 años y voy por el sexto año trabajando por el Diario la república.

Cual son las características que una persona necesita tener para ser periodista?

R: Creo que básicamente tres elementos son fundamentales: primero entender que el periodismo es un servicio hace a la sociedad y no es un medio para enriquecer-se, si no para contribuir a que las cosas marchen en embargo de la transparencia y la verdad en cualquier lugar. Segundo que tiene que tener una

formación sólida en y cuanto a valores éticos y morales. De modo que e, este a margen de cualquier echo de corrupción y de cualquier componenda con los poderes políticos fundamentalmente. Y tercero que trabaje en un medio y en este medio se le respete por la independencia que tiene que tener todos los periodistas, de modo que no este sujeto a los designios y mandatos de los propietarios o de quien es financia en los medios de comunicación.

En una frase como definiría en periodismo para ti?

R: Como un bien social y como una actividad de servicio a la población.

Como acreditas que la función social del periodista esta siendo ejercida hoy?

R: Creo que hay muchas deficiencias. Hay algunos factores que si contribuyen a decidir que hay un servicio social para la sociedad, que pasa fundamentalmente por vigilar y fiscalizar el uso de los recursos públicos. Creo que esa es la principal fortaleza de la comunicación en estos tiempos.

Porque he optado por periodismo?

Porque sentía yo que hay muchos sectores de la población que no podían tener acceso a los medios de comunicación. Y los medios de comunicaciones se habían convertido en una especie de medios para enriquecer a cierto grupo, para defender-los y no para dar-le voz a quien no tiene voz. Y por eso que yo decidí ser periodista para tratar de ayudar aquellos sectores que están relegados.

3. Juan Carlos (Entrevista)

Puedes decir-me tu nombre, tu edad, y a cuantos años trabajas como editor?

Hola, mi nombre es Juan Carlos Sequeiro, soy editor general del Diario Correo Cusco, vengo trabajando para la empresa aproximadamente a cinco años,

entre como fotógrafo, luego como redactor y ahora como editor. El diario en que trabajo pertenece a la corporación *Erensa*. Esa empresa periodística nacional que es la corporación, la segunda mas grande de todo el Perú, que tiene varias plataformas de información. Nosotros acá trabajamos para el diario impreso, que es el Correo Cusco, pero también enviamos notas para la web.

Cual son las características que una persona necesita tener para trabajar como periodista?

R: En este medio, primero necesita tener una experiencia no menor a un año en medio similares, en impresa escrita, de preferencia tener conocimiento de informática, manejo de redes sociales, auto nivel.

Lo que diría para un periodista que esta empezando ahora?

R: Que (periodismo) es una carera hermosa y que vale bastante lo que enseñan en las aulas pero no lo es todo, en las aulas nosotros optamos por comprender mas la teoría, nosotros nos llenamos de todo que deberíamos de saber, pero un periodista realmente se hace en la cancha, salir de la universidad. Es una carera bien bonita, pero la es sacrificada, y demanda demasiado esfuerzo.

Acreditas que la función social esta siendo hecha hoy?

R: La función social dentro de un diario es implícita, porque nosotros tenemos lectores que confían plenamente en que lo escribe. Claro, hay un mínimo porcentaje de personas que leen el diario y no le prestan la atención requerida, o leen solamente como una manera de mantenerse informados, pero en groso de la población creen en lo que los periodistas este hacen, creen en su trabajo, en profesionalismo, en la investigación que lo hacen antes de escribir. Y por eso nosotros tenemos un rol fundamental en la sociedad.

Cuantos periódicos son vendidos por día mas o menos?

Nosotros vendemos mil doscientos periódicos aquí en la ciudad, a veces mas a veces menos

Porque he optado por el periodismo?

He estudiado tres carreras. He estudiado derecho, he estudiado turismo y he estudiado comunicación. En ultimo me quede con comunicación porque entre básicamente por fotografía, luego hice policiales, y ahora ocupo el cargo de editor. Pero esto es como una tarea que me gusta por estar en mano de una equipo.

4. Gladys Pantoja (Entrevista en la calle)

En el diario hago cinco noticias. Pero lo que me exigen en el diario es extraer una nota de las cinco, una nota que sea, digamos, impactante, o el mas importante de todas.

Puede hacer las noticias que quieres o hay una pauta donde te dicen que tiene que hacer esto y esto y esto?

Pasa de las dos formas, por ejemplo yo puedo salir y buscar mis notas. Yo voy y visito educación, salud, o cualquier otra institución, pero también el editor del diario nos dice "ha pasado esto, quiero que vayas a tal institución, quiero que le entreviste a tal persona sobre este tema, entonces yo voy. Pero, en la mayoría de las veces, los (nosotros) periodistas hacemos las notas por nuestra cuenta. O sea, salimos y buscamos, y lo que encontramos, llevamos. Pero también, lo que hacen muy pocos periodistas es visitar el ministerio publico, el poder judicial para le seguimiento a las denuncias, digamos. En el Cusco, casi no hay periodismo de investigación, casi no hay. Muy poco, porque primero se necesita dinero, tiempo, sobretodo tiempo.

Pero, hay cosas para investigar?

Claro que si. Por ejemplo, digamos que hay un problema que no necesariamente se presenta aquí, como en otra provincia, en otros lugares, y tu si quieres investigar tienes que viajar y necesitas tiempo, y como el diario sale todo los días, no te das tiempo para estar viajando, investigar, tener las declaraciones de varias partes, de varios actores. Entonces, es muy difícil aca, no hay este prensa, investigación.

Como son los periódicos aquí, son parte de una gran empresa que controla todo, o no, son independientes?

En el Cusco, generalmente, es dependiente. Hay cinco medios escritos, de los cuales, tres los propietarios son de aquí Cusco, esos diarios son regionales, solo aquí en Cusco. Pero hay dos medios, por ejemplo el Correo y la Republica, que dependen a nivel nacional, son diarios nacionales. Pero los otros medios si, son de aquí. No hay así concentración de medio, en Cusco no, pero en Lima si, bastante, los medios escritos, televisivos.

La política aquí no controla los periódicos?

No, no. Pero en alguna medida puede ser en el Correo y en la Republica. Si, tiene su política, por ejemplo, se nota el apoyo a un gobierno, pero en los medios nacionales.

5. Gladys Pantoja (entrevista)

Puedes decir su nombre, cuantos años tienes. ha cuantos años trabajas y en cual diario trabajas, por favor?

R: Ya. Bueno, mi nombre es Gladys Pantoja, hago periodismo desde hace mas o menos seis años, comencé en un diario local, el Diario del Sol, y ahora estoy en un diario nacional, el Diario Correo.

Como decidió que se tornaría periodista?

R: En realidad cuando salí de la universidad no tenia decidido a que rama seguir, porque hay varias ramas no, periodismo, relaciones públicas y todo eso. Bueno, yo decidí que quería experimentar, quería experimentar como era el periodismo, pero en el dos días que llegué a el diario del Sol, no me sentí tan cómoda, los días no me gusto, no me gusto, porque no conocía a las autoridades, no conocía, y dije no, el periodismo no. Y luego dije no, lo voy a tomar como un reto. Y he seguido, he seguido perseverante y con lo transcurrir de los días, me llego a gustar, y ahora te puedo decir que el periodismo es una de mis pasiones, lo vivo en cada noticia todo los días.

Como es su rutina de trabajo?

R: Bueno, mi rutina de trabajo comienza mas o menos a las nueve de la mañana. En el diario, el editor te puede encargar que tu vayas hacer una entrevista de un terminado tema, pero al mismo tiempo tiene la libertad de ir hacer tus propias notas, sin que te diga en editor, pero si, hay casos donde el editor te dice, quiero esta entrevista, quiero este tema, y tienes que hacer.

Hay limitaciones en la empresa en que trabajas?

R: En alguna medida si, porque los medios de comunicación los deben a publicidad, y en alguna medida si te pueden limitar en sacar información, con las instituciones que ponen, no, su publicidad en lo medio de comunicación. Pero, a nivel de cusco, te puedo decir que el diario Correo, apesar digamos de tener publicidad de algunas empresas, instituciones publicas, siempre trata de informar.

Tu familia apoyo su escolla cuando decidió ser periodista?

R: Al principio para presentarme la carrera no, no estaban de acuerdo. Pero, igual yo, yo quería estudiar otra carrera, turismo, pero para ingresar esta carrera, las notas eran muy elevadas, yo no alcanzaba, y comunicación era mas fácil el ingreso, y ingrese a comunicación.

Pero hoy se arrepiente de su decisión?

R: A mi me encanta el periodismo, a pesar digamos de que los medios de comunicaciones no tengan una buena remuneración. No hay una buena remuneración, pero, a pesar disto, a mi me gusta, y no me arrepiento, ahora te digo que no me arrepiento de haber seguido comunicación, porque es bonito, sale, y no como en otras profisiones que tu tienes que encerrar entre cuatro paredes en una oficina de tal hora a tal hora. Con el periodismo yo me siento libre, libre porque camino de un lado para otro, y me gusta.

En una frase como definiría el periodismo para ti?

R: Para mi actualmente en mi pasión. Es una profesión noble pero que se debe actuar con mucha responsabilidad, porque en los medios de comunicaciones

tenemos lectores, televidentes, radioyentes, lo principal actual con mucha responsabilidad.

Como hace para conciliar tu vida profesional con la personal?

R: Yo te digo que yo tengo un hijito de cuatro años, y si, me doy ese tiempo. Me tengo que levantarme un poquito antes para atender-lo, alista-lo y lleva-lo a el jardín. Lo llevo a jardín, y luego me dedico a hacer mis cosas de periodista, y me quedo hasta las seis de la tarde y luego ya me encuentro con mi hijo nuevamente, porque al medio día no puedo estar con el, no puedo porque como ingreso una y media de la tarde me quedo descorrido, desde que salgo de mi casa, hasta el prensa me quedo descorrido hasta la seis.

Lo que cambiaria en la situación del periodismo hoy?

R: Yo pienso que eso debería tambien de partir de los propietarios de los medios de comunicación, que muchas veces no son profesionales y te limitan, como te decía antes por la publicidad. No conocen del periodismo y simplemente ellos, yo veo aquí estén quieren lucrar. Son muy pocos los medios donde actúan con responsabilidad.

Entonces para la función mas importante del periodismo es la función social?

R: Función social sobretodo, función social. Información...tratar de ser imparcial cuando hacer la información, enfocar la educación.

El periodismo te sustenta, es suficiente financieramente?

R: No, de verdad que no, yo podría hacer otras cosas, ganar mas, mas dinero que me pagan en el diario, pero me gusta el periodismo, porque me gusta tal vez esto, no lo tomo tanto en cuenta el dinero, no, porque es muy bajo, pero la satisfacción que tengo que me gusta, y puedo contribuir aun que sea poquito, con un granito de arena con la sociedad, tratando de informar de manera imparcial.

6. Entrevista Profesor Alberto

Puede decir tu nombre, edad y la profesión por favor?

R: Ya, yo soy Alberto García Campana, tengo cincuenta y seis años, tengo el grado de magisterio en comunicación y desarrollo y ejerzo la docencia en la Universidad Nacional San Antonio Abad del Cusco desde hace veinte años en la especialidad de periodismo.

Que los estudiantes no pueden salir de la Universidad sin saber?

R: Yo creo que aquí el fundamento básico es no solamente la parte técnica de la redacción, de la locución, se no, sobretodo, el compromiso que tiene que existir entre la prensa y la sociedad, a partir de un manejo responsable. Nosotros tratamos de incorporar el tema de la comunicación para desarrollo también en los contenidos periodísticos. Nosotros aquí en la facultad de comunicación social, no concebimos un ejercicio periodístico divorciado de la sociedad y de sus problemas. Se no, creemos que el periodismo debe estar a servicio de la sociedad, a partir de un manejo mas ético, responsable y sobretodo, muy respetoso de las personas.

Cuales son desafíos que los periodistas enfrentan hoy en la sociedad?

R: Creo que el principal desafío es aquel que de establece marcar una clara diferencia entre lo que es la noticia, entre lo que es la propaganda, y entre los que son los avisos comerciales. Hay una tendencia muy creciente, sospecho que al nivel del todo el mundo en que los contenidos propagandísticos están invadiendo los espacios informativos. Entonces el lector, el oyente , el televidente, no sabe que cosa es noticia, y que cosa es propaganda. Eso es por un lado, y por otro lado, los intereses de los grandes grupos empresariales que controlan los medios de comunicación. La tan mentada independencia no existe en la practica en los medios de comunicación, porque los periodistas terminan siendo empleados de los empresarios, que si tienen intereses económicos, políticos, y ellos son los que finalmente determinan el rumbo que debe seguir una publicación. Entonces en gran desafío que yo veo, en los periodistas actuales, es marcar claramente la diferencia entre lo que es la

noticia y lo que es la propaganda. Y aquí yo quiero recordar esa frase que decía este enorme periodista, Ryszard Kapuscinski: “Cuando la noticia se convirtió en mercadería, la verdad dejó de ser importante.”

Pensando en esto, como se pasa la credibilidad del periodismo aquí en Perú?

R: O no, esta en cuestionamiento. La credibilidad esta muy cuestionada por parte de la población que asiste constantemente a expresiones muy impúdicas, muy descaradas, de cómo un medio un día esta a favor de un candidato, y se ese candidato deja de pagarle, entonces se convierte en el opositor. Y porque, este candidato que el periodistas hablan tan mal ayer decían que era tan bueno? Es que ayer les pagaba, y hoy ya no les paga. Ese es nuestra preocupación, ese es nuestro gran temor, de que a veces el aspecto económico esta condicionando el ejercicio del periodismo.

Porque he optado por la vida académica?

R: Y por eso, porque todavía hay un poquito, hay un resquicio, hay un poco de esperanza de que las cosas pueden cambiar. A veces también a mi me cuestionan, “Se tu estas tan decepcionado del periodismo, pero, son tus productos?”, yo digo, si, son mis productos pero ha ocurrido, algo esta pasando en el transito desde aquí de nuestra universidad, a el ejercicio profesional. Aquí todos los días discursamos sobre principios, sobre valores, sobre fundamentos y la dimensión ética del periodismo, pero ellos mismos, estos jóvenes que discursan, que gritan, se levantan, cuestionan esta forma inmoral de hacer periodismo, cuando salen a la actividad, hacen exactamente lo contrario lo que habían planteado ellos. O sea, es decir, algo esta pasando que no es responsabilidad de la universidad, si no de la sociedad. Ustedes conocen muy bien aquello, no?! “El hombre nasce sano, la sociedad no corrompe.”

En una frase, como definiría el periodismo?

R: Creo que es un apostolado. Es un apostolado en la medida de que basa en sus principios y en sus convicciones, pero cuando el periodista actúa en función de intereses económicos, se convierte en un terrible negocio. Es lo que

decía también otro gran periodista peruano, Luis Miguel Quesada, “El periodismo, según como se ejerza, puede ser la más noble de las profesiones o el más vil de los oficios. “

Cual son las características que una persona necesita tener para ser un periodista?

R: Ser integro, ser respetoso de su función en la sociedad, pero sobretodo ser ético, se respetar para ser respetado. Y lo otro, se el periodista cree que con su profesión va construir un palacio con piscina, esta totalmente equivocado. A lo que debe aspirar el periodista es tener el reconocimiento y el cariño del pueblo. Eso es el mayor patrimonio que debe tener, y sobretodo tener un buen nombre. Que la gente no le tema, si no que la respete.

Creas que es necesario estudiar periodismo para ser periodista? Porque creo que hay periodistas que no han estudiado.

R: Nosotros en Perú tenemos un gran problema, y el gran problema es que a nivel del congreso la república, en época atroz de una dictadura corrupta, como la del señor Fujimori, se aprobó una ley, la llamada ley Torres y Torres Lara. Carlos Torres y Torres Lara era un congresista oficialista que promovió que para ejercer el periodismo no se necesita haber titulo profesional, entonces cualquier podría ejercer el periodismo. Hay ay un grande problema. Es verdad que la constitución peruana consagra el derecho a la libre expresión, pero hay universidades que están formando periodistas, es terrible. Como yo por ejemplo, que soy colegiado en un colegio de periodistas, como podía yo, irme a colegiarme en un colegio medico? Me dirían, “pos tu no, no sirves para esto, ándalo tuyo y hace el periodismo. Entonces aquí, porque yo considero que es fundamental en la formación académica, porque junto con los conocimientos teóricos, con los principios de la redacción, de la locución, de los enfoques, junto con eso, se da muy fuerte en tema formación ética, o sea, los valores, los principios. El marco ético de lo ejercicio de lo periodismo, esto es que no hay en los llegan de otras partes a un medio de comunicación. Pueden saber entrevistar, pueden saber redactar, pueden saber opinar, pueden saber comentar, pero lo que saben es el tratamiento ético de la noticia. Eso es la gran

diferencia entre nosotros, que tenemos formación académica, y los nosotros que son los que llegan improvisamente a los medios de comunicación.

7. Carlos M. Arias (entrevista)

Cual son las características que una persona necesita tener para ser periodista?

R: Para mi, desde mi punto de vista y según los hablan en la universidad, nos dicen que no existe en el periodismo la objetividad pura. Lo que se existe es la sinceridad y la honradez. En función disto, puedo decir que una de las características que debería tener todo periodista es ser sincero y ser honrado.

Que espera de la profesión?

R: Yo, en todas las cosas que hago, no solo soy estudiante pero también deportista, una de mis metas, o uno de los principios personales que yo tengo es que no quiero ser uno mas del mundo, por cuanto, se yo voy ejercer la carera de periodismo, quiero ser diferente, quiero tal ves que las otras generaciones que lo siguen, que van a estudiar periodismo digan, “yo quiero ser como Carlos Montes en algún momento”. Por cuanto una de mis pasiones es escribir, escribir para periodismo pero también escribir poesías, novelas y libros. Entonces, quiero ser un periodista reconocido por mi capacidad, y no tal ves por casos ilícitos que puede acometer un periodista como sucede en muchos casos en la actualidad.

Y porque periodismo?

R: Mi primera vocación era psicología, sin embargo, me di cuenta que en un futuro podría hacer psicología y que se complementa casi perfectamente con ciencias de la comunicación. Porque podría hacer un estudio social, un estudio de las personas, un estudio general de una organización y demás oportunidades, pero a medida que fue estudiando, a medida que fue cursando los semestres me di cuenta que es un oficio y una profesión muy hermosos siempre y cuando se lleva de la mejor manera, que se puede tocar el cielo. Tal vez especialmente en Perú, o en Cusco en mi Ciudad, no es una profesión con

la cual te puede hacer rico, pero se lo llevas de una manera ejemplar puedes tocar el cielo, ganando reconocimiento de las personas.

En una frase como definiría el periodismo para usted?

R: Con el periodismo se puede tocar el cielo siempre y cuando lo llevas de la mejor manera, porque el mejor premio que puedes tener como periodista es el reconocimiento y lo respecto de los demás.

8. Thiago Navarro (entrevista)

Fala assim, nome, idade e profissão:

Thiago Navarro, 25 anos, jornalista

Quando você decidiu que seria jornalista, e porque você decidiu isso?

R: Eu decidi que seria jornalista em 2005, no final de 2004, (começo de) 2005. Eu estava no primeiro, pro segundo colegial, já cheguei no final do ensino médio com a decisão de querer ser jornalista mesmo, prestei o vestibular bem convicto. E eu acredito que foi muito porque, primeiro eu gostava de escrever, gostava de temas atuais, gerais, e uma coisa que me motivo muito no começo da faculdade era o rádio e o esporte, que foi a área que eu comecei a trabalhar e depois dentro do jornalismo eu acabei indo pra outros segmentos também.

Como você analisa sua formação acadêmica em vista da realidade jornalística do Brasil?

R: Olha, eu acho que a parte teórica pelo menos foi boa, eu tive um bom embasamento, bons professores, boas leituras na universidade. Claro que poderia ter algumas áreas com melhor aprofundamento, eu acredito que a universidade peca ainda em áreas como historia politica geral, geopolítica, esses são setores fundamentais para a formação de um jornalista hoje, e que eu acredito que as universidades ainda tem dificuldade. Na área prática, eu acho que tem mais deficiências que na área teórica, pelo menos onde eu estudei. Os laboratórios ainda estavam melhorando e algumas áreas como

telejornalismo, a gente teve uma formação um pouco fraca, em outros como impresso, rádio, web, a gente teve uma formação melhor. Mas a prática, a essência da prática, eu acredito que ainda é muito pouco valorizada, eles valorizam pouco isso, e o jornalista muitas vezes chega despreparado em algumas funções no mercado de trabalho, e isso compromete a qualidade da formação.

A gente vai acompanhar, mas explica como é a sua rotina de trabalho, como você começa o dia e como ele se desenvolve

R: Então, na verdade, eu começo o dia por volta...eu geralmente entro no jornal por volta da uma e meia, duas da tarde, e fico até início da noite, as vezes até o meio da noite, dependendo do dia, que seria oito, nove horas da noite. Nos últimos meses eu estou na editoria de política, até por conta das eleições né. Eu era repórter do setor esportivo do jornal, ai depois eu vim pra política. E eu geralmente começo o dia discutindo pautas com o editor, com o outro repórter da editoria, e a partir daí passo a trabalhar estas pautas, vou fazer contato por telefone, algumas vezes por e-mail para marcar para ir pros lugares, para ir pra rua. Muita coisa eu resolvo por telefone, uma área que a gente tem essa disponibilidade de resolver bastante coisa por telefone, pela internet, mas muita coisa a gente tem que ir pra rua, tem que entrevistar as pessoas, tem que ter a percepção de fora da redação. Algumas vezes a gente ajuda em pautas de outras editorias, local, fazer algumas matérias pro domingo também, que você geralmente tem que ir pra rua, tem que captar matérias com um outro olhar, matérias que são mais trabalhadas, que tem uma ênfase maior, um folego maior de texto. Geralmente eu encerro o dia concluindo essas pautas, entregando para o editor para ele poder fechar o caderno, ou algumas pautas que são para outros dias, por exemplo, quando é uma pauta de domingo, ou uma pauta que eu estou trabalhando para daqui dois, três dias, eu pelo menos deixo ela adiantada para amanhã, ou depois, finalizar esta pauta e entregar no deadline. Então, na verdade, a gente tem que sempre estar seguindo um cronograma nosso, estipular um cronograma de trabalho e procurar seguir ele, sabendo que o jornalismo, também, tem mudanças. As vezes você programa algo para um dia e uma pauta pode cair, outra pode surgir, de repente tem

outras necessidades. A pauta, ela nunca esta fechada né, ela sempre está com possibilidade de entrar coisas novas, e alguma outra coisa sair, ou modificar a pauta inicial, e ir para outro caminho também.

Nessa rotina de trabalho que você descreveu quais dificuldades você encontra em exercer a profissão?

R: Eu acho que as vezes...não sei, eu acredito que aqui em Bauru, as pessoas tenham uma boa, um bom entendimento do jornalista, do profissional, e o que é fazer o jornalismo. O fato também de ser um veículo que tem uma boa penetração na sociedade, tanto de Bauru, quanto na região, é um fator que acaba sendo bom nesse aspecto. As pessoas sabem pra quem estão dando uma entrevista, pra quem estão falando, porque é um veículo que tem credibilidade e isso, eu acredito que ajude a abrir portas. Porém, vez ou outra, você vai lidar com pautas que alguém não quer falar alguma coisa, ou que as pessoas vão tentar segurar alguma informação, algumas pessoas podem não entender exatamente a sua função como repórter, que é sempre de questionar, de perguntar as coisas, de procurar saber mais, porque no final você tem que levar a informação. Você tem que questionar para conseguir essa informação, você tem que ter um olhar crítico. E algumas vezes as pessoas não entendem. Eu acredito que hoje, a cidade aqui, Bauru, pelo menos na área...na vida pública, política, tudo, eu acho que as pessoas que estão a frente dos cargos tem uma boa percepção do trabalho jornalístico, tem um bom acesso, as pessoas conseguem ser acessíveis.

Porque você escolheu o jornalismo impresso?

R: Na verdade eu escolhi o jornalismo. Inicialmente eu gostava muito de rádio, gosto até hoje, e eu comecei a trabalhar no rádio na parte de esporte. Eu trabalhei em dois veículos aqui em Bauru, depois eu sai para trabalhar na assessoria de imprensa, ainda na área de esporte. Trabalhei em dois locais, o último foi o Noroeste, onde eu fiquei mais tempo, fiquei um ano e meio lá. Na verdade o jornal acabou surgindo também, é uma área que eu também já gostava, e acho que a assessoria me ajudou muito nisso, porque você tem que aprimorar a sua escrita, e até fazia outras funções lá, foto, coisa que aqui no

jornal raramente eu faço. Eu estou sempre escrevendo, apuro e escrevo, foto é uma editoria a parte. E isso me ajudou, eu acredito. Depois acabou surgindo a oportunidade pro jornal e isso foi no finalzinho de 2012. Eu entrei aqui em dezembro de 2012, foi quando eu sai do Noroeste e vim para cá. E eu gostei muito, foi uma experiência muito legal. Eu nunca tinha trabalhado em um jornal impresso, como falei. Eu me adaptei rápido, é uma área que tem muita...com as mudanças da tecnologia, as pessoas acham que vai acabar e eu vejo de outra forma, acho que o jornalismo impresso está forte, há ainda espaço para jornalismo impresso. Claro que a convergência de mídias vai ser uma coisa cada vez mais natural, o próprio jornal tem um site que é muito visitado, outras plataformas como radio, televisão, cada vez vai ter mais convergência. Mas acho que o jornalismo impresso ele continua tendo seu papel na sociedade, tendo força, e é só ver os jornais do país e do mundo, os grandes jornais continuam tendo força no mundo inteiro, no Brasil não é diferente, continuam sendo canais da opinião publica, de grandes matérias, de grandes reportagens, de apuração, de levar o que a sociedade realmente precisa ter voz. Eu acho que o jornal cumpre ainda esse papel e vai cumprir por muito tempo na minha opinião, mas entendendo essa convergência de mídia ai que os veículos vão ter que saber trabalhar, claro.

E como você o jornalismo praticado aqui, no jornal, mais voltado para o interessa da comunidade ou mais institucional?

R: Olha, eu acho que o jornal, ele consegue atender os interesses da comunidade. Assim, a gente tem que entender que toda empresa, ela tem seus ideias, sua forma de ver o mundo e de trabalhar. Mas eu acredito que se o jornal não atendesse o anseios da comunidade, ele não existiria há 47 anos com a força que tem. Ele atende, acredito que dentro de um bom nível, os anseios da sociedade local, regional, que é o raio de atuação dele. É um jornal que consegue, eu acho, contemplar bem as pautas locais, tanto que o caderno de local, teoricamente, é o principal do jornal. As manchetes...se você pegar pelas manchetes do jornal, a maioria é de Bauru e região, ou seja, raramente o jornal vai dar uma manchete nacional, porque isso, os grandes jornais, os grandes portais já fazem. Mas o diferencial do jornal é ter uma cobertura de

Bauru e das cidades próximas daqui. Isso é o que traz uma diferença pro jornal. E eu acredito que o jornal consegue cobrir bem isso, na política, no dia-a-dia, no esporte, na cultura, eu acho que o jornal consegue dar uma vazão a todos estes setores da sociedade ou a boa parte dos setores da sociedade. Eu acho que ele cumpre seu papel nesse sentido.

Quais são as limitações instituídas pela empresa, um assunto, uma marca que não pode ser citada?

R: Não, questão de marca, de assuntos, não existe um tabu, claro que tudo é conversado, claro que os assuntos são conversados editorialmente aqui dentro, toda pauta é discutida, nenhuma pauta é proibida, eu acho que não existe isso. Mas existe, assim, caminhos a se seguir, e isso é discutido, isso não é uma decisão única do repórter, isso é uma coisa que passa pelo editor, que passa pelo jornal como um todo, o jornal não é um...o repórter não está sozinho, ele está ali subordinado a um editor, ele está junto de uma equipe, então, todas as decisões, elas são tomadas em conjunto e passam pelo crivo dos editores, mas...isso principalmente para saber que caminho uma matéria vai tomar, se é momento de se abordar um tema ou não, as vezes não é o momento, as vezes tem outros temas que são mais relevantes. Nós estamos vivendo agora um momento em que a crise hídrica esta sendo o assunto da cidade, mas não é o jornal que esta forçando a discussão, é o assunto do momento, o que o jornal ele propõe...ele traz a realidade e procura trazer também situações novas, soluções, debate, entre a câmara, a prefeitura, a sociedade civil, isso é uma função do jornal. Mas as pautas, elas são de maneira geral...a própria sociedade acaba encaminhando o que o jornal vai cobrir. Foi o que eu falei, uma crise como essa acaba demandando uma atenção, você pega tem duas, três paginas por dia falando disso. Vários dias a manchete é isso. E quando outros estão fervilhando, também, como foi a crise da saúde há um ano, Bauru tinha dezenas, centenas de pessoas que estavam esperando por uma internação no hospital de base, estadual...elas estavam em uma maca lá, no pronto socorro. Isso foi um assunto que dominou a imprensa de maneira geral, isso é agenda setting, isso existe no jornalismo, isso não é uma invenção de faculdade, e que muitas vezes não é culpa do jornalismo, mas porque o

assunto em si, ele ganha uma dimensão muito grande e que ele precisa ser abordado em varias frentes e acaba tendo essa necessidade. E a imprensa também, claro que as vezes ela acaba podendo ir para um caminho errado também. Não estou dizendo que a imprensa, de uma maneira geral, esta sempre certa, não. Mas o agenda setting é uma coisa que não vai acabar nunca no jornalismo, e o jornal ele se insere dentro do jornalismo, o jornal aqui, ele não esta isolado do mundo, ele não esta isolado da cidade.

A sua família apoiou sua decisão?

R: Apoiou, meus pais desde o começo quando eu falei que ia fazer jornalismo eles apoiaram, quando eu fui prestar vestibular, também, eu prestei para jornalismo e eles acharam legal, acharam que era uma boa. Meu pai e minha mãe sempre falaram, “você tem que fazer uma coisa que você, primeiramente, gosta, porque sua profissão não pode ser um fardo para você, não pode ser uma coisa que você vai fazer na marra,” porque trabalhar já uma obrigação, eu penso assim. Você tem obrigação de trabalhar porque você tem suas contas para pagar, seus afazeres, você tem seus compromissos, então que você trabalhe em alguém que você goste, pelo menos. Meus pais falavam isso e acho que eles estão certos, já que você vai ter que trabalhar, que você trabalhe em uma área que você sinta prazer pelo menos, que você sinta realização também, né?! Porque a vida profissional faz parte da sua vida, então, acho que nada pior do que uma pessoa que trabalha com uma coisa que ela não gosta.

Você acha que o jornalismo esta desvalorizado?

R: Eu acho que está, mas eu vejo muito a culpa dos jornalistas nisso. Porque, por exemplo, a categoria não é muito unida, isso é nítido, poucos são sindicalizados, e reivindicam melhores salários, também há uma situação onde os jornalistas estão tendo dificuldades para entender as novas mídias, como isso vai impactar, e essas mídias normalmente pagam mal. Internet, por exemplo, tem agencia que faz noticia para iphone, tablet, não acredito que paguem bem. Mas ai é muita culpa do jornalista, e eu falo porque que é culpa do jornalista. Porque a maioria acaba trabalhando nessas coisas como freelancer, e ao invés dele cobrar um valor digno, para tentar driblar a

concorrência ele cobra um valor baixo, e nesse valor baixo que ele cobra, ele tá matando a própria categoria, porque ao invés de cobrar X, ele cobra metade de X, quem vai pagar, não vai querer pagar X, vai querer pagar meio X para todo mundo. Então, a própria categoria precisa rever seus conceitos, se ela quer ter uma valorização profissional melhor, os profissionais precisam se dar o valor primeiramente. Falar, não, nós vamos trabalhar por tanto. Não estou falando que o pessoal tem que enriquecer, não é isso, mas tem que cobrar um valor digno para se ter uma vida digna. E eu acho que principalmente nesse aspecto...porque hoje, a maioria dos jornalistas não está trabalhando nos veículos tradicionais, está trabalhando como freelancer, com assessoria de imprensa, mas muitas vezes ele tem a sua própria empresa de assessoria, geralmente são uma, duas, três pessoas trabalhando, mas tem que cobrar valores compatíveis com a realidade e que possam dar uma dignidade pro trabalho, porque se é um valor muito abaixo é complicado.

Como você vê o jornalismo impresso no futuro?

R: Olha, eu acho que no futuro o jornalismo impresso vai ter que mudar sua forma de trabalhar. Eu não acredito que o jornalismo impresso vai acabar a médio prazo, a longo prazo é difícil dizer, a gente não sabe nem se vai ter rádio e televisão daqui a oitenta anos, sessenta anos, mas pensando nos próximos trinta, quarenta anos até, que a gente pode dizer que o jornalismo impresso vai continuar existindo, só que ele vai ter que ser cada vez mais analítico, e as matérias vão ter um tom de maior embasamento e crítico também, porque a sociedade vai esperar, eu acredito isso, dos veículos impressos, jornais, revistas, e as revistas não acabaram, pelo contrário, tem muita revista aí, e o jornal impresso também. Só que o jornal e a revista vão ter esse trabalho, de analisar a sociedade, de analisar acontecimentos, porque dificilmente eles vão trazer um fato exatamente novo, algumas vezes podem até trazer, claro, mas em suma eles não vão trazer fatos novos, mas eles vão trazer fatos que estão se consolidando, e eles vão ter que trazer uma abordagem mais analítica em cima disso, uma análise, um texto com maior embasamento de dados históricos, e aí que entra uma formação acadêmica do jornalista que vai ter que

ser bem feita. Porque um jornalista mal formado, mal preparado, vai ter muita dificuldade.

Como você concilia a sua vida pessoal com a profissional?

R: Ah, eu procuro limitar muito os meus horários. Quando eu estou fora do jornal...é claro que tem vezes que uma fonte te ligar por exemplo, para te passar uma informação, ou que você vê uma situação...mas, geral, é uma fonte te ligar para passar alguma coisa, acontece comigo algumas vezes, o que é normal você é jornalista sempre. Mas quando eu estou fora do jornal, quando eu encerrei meu expediente por exemplo, estou de folga, eu procuro ter minha vida normal, com a família, com os amigos, vou fazer minhas coisas. Por exemplo, fim de semana que eu não trabalho, eu leio o jornal só, mas eu não mexo em nada do jornalismo, vou me divertir, vou sair, vou jogar bola, vou fazer as coisas. Levo uma vida normal fora daqui, da para conciliar bem.

Agora faz uma comparação de você entrando na universidade, saindo da universidade, e hoje.

R: Eu acho que entrando na universidade eu tinha uma boa bagagem de conhecimento de colegial, mas eu acho que faltava muito de um conhecimento mais específico, e uma bagagem teórica mais aprofundada, e eu acho que a universidade me ajudou nisso daí. Eu sai mais preparado da universidade e até pelo fato de eu já ter trabalho durante dois anos e meio, que eu estava na faculdade, me ajudou na parte de prática também, eu sai com uma certa preparação, longe do ideal, claro, mas com uma preparação razoável de pratica também. E eu acho que hoje, eu me sinto mais confiante, mais preparado para enfrentar uma pauta, para enfrentar uma entrevista, uma situação adversa, porque já tenho mais tempo no mercado, mais tempo trabalhando em veículos diferentes, em plataformas diferentes, como eu te falei, rádio, assessoria, agora o jornal impresso, e eu fiquei pelo menos dois anos em cada. Então eu acho que eu me sinto mais preparado para chegar mesmo em uma entrevista, para encarar uma situação de uma forma mais tranquila. É claro que a emoção da apuração, aquilo eu acho que sempre existe, e é bom que tenha, mas a confiança é o principal, assim, e eu acho que isso eu consigo ter melhor hoje do que há três, quatros anos.

Qual a credibilidade do jornalismo impresso na comunidade?

R: Eu acho que é uma boa credibilidade, não sei mensurar o tamanho, difícil, mas eu acho que é uma das plataformas que as pessoas mais confiam ainda. É o que eu disse, eu acredito que vão continuar confiando por um bom tempo porque há uma tradição já, o jornalismo impresso, ele existe há muito tempo, e as pessoas sentem uma confiança nos jornais, tanto que as pessoas costumam falar, “ah, você viu tal coisa, saiu no jornal, você viu não sei o que, deu no jornal”, eu acho que jornal tem essa força muito grande, e é o grande lastro do jornal impresso, é o grande trunfo do jornal impresso é isso, essa grande confiança que a sociedade tem sobre ele, porque realmente ele traz alguns assuntos mais aprofundados do que algumas outras mídias muitas vezes, até pela sua essência, pela forma de ser do jornal impresso, e isso é o grande ponto a favor do jornalismo impresso.

O que você melhoraria na empresa em que trabalha?

R: Olha, talvez a comunicação interna mesmo, acho que o pessoal ter um dialogo melhor dentro da redação, as vezes eu sinto que o pessoal tem um pouco de dificuldade. É engraçado né, trabalha com comunicação mas as vezes tem dificuldade de lidar com quem está junto. Talvez isso dai poderia melhorar um pouco, essa logística interna, mas isso é uma coisa que demandaria da própria redação mesmo. O jornal tem uma boa estrutura, tem uma boa equipe. Talvez afinar alguns detalhes nisso, poderia ter mais eficiência, claro.

Em uma frase, como você definiria o jornalismo?

R: Jornalismo é a busca pela verdade, mas uma verdade que é quase inatingível. Ele busca a verdade numa objetividade que não existe.

E o que é o jornalismo para você?

R: Para mim o jornalismo é poder servir a comunidade, na minha visão. Você tem que ter uma visão geral das coisas e trazer um panorama de mundo para as pessoas.

Na sua opinião quais as características que uma pessoa precisa ter para ser jornalista?

R: A primeira é curiosidade né, jornalista tem que ser curioso, jornalista que não é curioso esta na profissão errada; escrever bem, independente da plataforma que vá trabalhar, acho que a escrita...claro que em um jornal impresso, num site, isso pesa mais ainda, você vai escrever o tempo todo, e o que você escrever é o que vai sair, mas rádio e televisão tem texto também, enfim, acho que escrever bem; e ter uma boa bagagem cultural, acho que o jornalista precisa ter um bom repertório, porque ele tem que chegar em uma pauta e mesmo um assunto que ele nunca fez, ele tem que ter um mínimo de noção e pelo menos não se embananar ali né, não ter problema.

Quando a gente escolhe jornalismo, as pessoas vem e dizem assim: “Meu, você escolheu jornalismo, você vai ser pobre pro resto da vida.” Você acha que o piso salarial é baixo?

É um pouco, poderia ser melhor. Mas essa é uma percepção que a maioria dos profissionais tem, em qualquer área. Eu acredito que o jornalista poderia, pela função que ele exerce dentro da sociedade...volta no que eu falei também, da categoria não se valorizar tanto, mas ele deveria ser melhor remunerado pela função que ele tem. O jornalista ele pode...uma informação que ele dá pode mudar muita coisa, uma noticia que ele traz pode ter um impacto na vida econômica de uma cidade, de um país, na vida social, na vida política, o papel do jornalista é extremamente importante, o jornalista ele trabalha com informação, e hoje nós estamos na era da informação, tudo é informação. Então, ele sim deveria, pela função que ele exerce, naturalmente ser melhor remunerado.

Porque mesmo com tanta dificuldade para exercer a profissão, você ainda continua sendo jornalista?

R: Eu vejo que na verdade é uma realização até pessoal, mais do que profissional. Quando você consegue fazer uma boa pauta, uma boa matéria, isso é...te satisfaz também, é uma coisa boa, você tem uma realização própria muito bacana. Eu acho que o jornalista, acima de tudo, ele tem que ser

apaixonado pelo que ele faz, ele tem que gostar muito do que ele faz. Na verdade qualquer profissional deve gostar muito do que faz. Mas tem certas profissões que se a pessoa não gosta muito do que faz, da profissão que ela esta exercendo, ela não vai fazer. Eu acho que o jornalismo é isso, se ele não gostar do que esta fazendo, se ele não se sentir envolvido no que ele tem que fazer, apurar, ele não faz, ou ele vai fazer mal. Então eu acho que o jornalismo é isso, ele tem que ter um envolvimento muito grande com a profissão dele, ele tem que ver a profissão dele como uma parte muito importante da vida dele.

9. Vitor Oshiro (Entrevista)

Fala para a gente, seu nome, idade e tempo de profissão.

Vitor: Meu nome é Vitor Oshiro, eu tenho 27 anos e há 5 sou jornalista.

Convivendo com o jornalismo há algum tempo, quais as características que a pessoa precisa, que é essencial para ser jornalista?

V: Olha, eu acho que a pessoa tem que ter muita força de vontade, parece clichê, mas tem que gostar muito da profissão, por que não é fácil a profissão, é difícil. Então você tem que gostar muito e ter certeza que é aquilo que você quer fazer. Apesar de terem outras áreas do jornalismo, eu tenho experiência mais com o jornalismo diário, que é algo que se você não tiver essa força de vontade, essa certeza que aquilo que você esta fazendo é aquilo mesmo, você acaba deixando muitas lacunas, e isso é... não da nem para se pensar que um trabalho assim seja feito. Por que você lida com pessoas, lida com vida de pessoas, e se você faz algo com lacunas, você está deixando lacunas para essas pessoas. Para essas pessoas que você noticia e uma informação mal apurada, ela pode determinar, estragar a vida de uma pessoa, como a gente ja tem vários casos ai, ate não tão antigos, recentes, de jornalismo que foi mal apurado e causou uma devastação na vida da pessoa, que depois uma errata muitas vezes não resolve. Aquele problema para aquela pessoa já foi instalada e não tem o que resolva isso, você pode dar varias erratas depois, mostrar que não foi bem aquilo, mas ha um pré-julgamento e isso vai seguir a vida da

pessoa. Então você tem que gostar muito do que você faz, independente da área, mais no jornalismo diário, mas em qualquer área que você esteja, seja no jornalismo cultural, seja no jornalismo científico, seja no jornalismo policial, você tem que ter essa questão de saber muito bem apurar e saber que você está lidando com essa responsabilidade muito grande.

Para você, como você resumiria o jornalismo em uma frase?

V: Olha, eu tenho uma frase que não é tão usual, assim, a gente, usa mais no jornalismo diário, que é: tanto os problemas, quanto as glórias do jornalismo nosso diário, você pode carregar ele até as dez horas da manhã do dia seguinte, quando você dá um baita de um furo, algo sensacional, isso morre nas dez horas da manhã do dia seguinte. Quando você comete um puta de um erro, come uma barriga muito grande, também, dez horas da manhã do dia seguinte. Você não pode ficar carregando isso, você tem que melhorar no dia seguinte para não cometer esse erro de novo, tentar consertar esse erro que você cometeu. Então é isso, algo muito dinâmico, então a gente pode fazer algo grandiosíssimo, que dez horas do dia seguinte você tem que esquecer isso e tem que tocar para a frente porque começa um novo dia, começa um novo jornal.

Qual conselho você daria para os novos jornalistas? Para a galera que está saindo agora da faculdade, começando na profissão.

V: Olha, acho que é exatamente ter certeza de que é isso que você quer fazer, porque assim, quando você sabe o que você está fazendo meu, você se apaixona, por que é um vício, impressionante. Por mais que você tenha condições de largar isso aqui, é muito difícil você largar. Você tira folga daqui, a pessoa que gosta do que está fazendo, que eu acho que esse profissional que consegue se destacar, no mercado inclusive, quando você está de folga, você está o dia inteiro no celular, olhando o jornal, para saber o que está acontecendo, se tem um caso grande, a pessoa que gosta ela não fala assim: nossa, graças a Deus que eu não estou lá. Não, você fica arrependido de não ter vindo trabalhar. Você pensa: nossa, como eu queria estar lá, sentir isso. Então eu acho que esse sentimento é o que a pessoa tem que ter, senão, você

acaba empurrando, ah legal fazer mas tem dia que eu não estou a fim, é isso, é você gostar muito. E, como eu disse, não é fácil, é bem complicado. Se você não gosta muito, essas complicações vão sendo cada dia piores assim, cada dia piores para você, porque você não tem muito horário, no jornalismo diário, você não tem horário para sair, muitas vezes quando você esta saindo acontece algum acidente e você tem que ir para lá, As vezes você marca compromisso e você perde o compromisso que você marcou por conta disso. Então o jornalismo ele consome a sua vida. Eu sempre ouvi na faculdade que você é jornalista 24 horas por dia e não acreditava muito nisso, e é muito verdade, você vive em função do seu trabalho. É meio que você acaba que se tornando quase um refém disso, porque você gosta mesmo, então as pessoas que não gostam, elas sentem isso, elas sentem o peso disso, se você não sente esse peso, você prazer de fazer isso.

O que não pode faltar em uma boa reportagem?

V: Apuração. Acho que o essencial na reportagem é a apuração. A pessoa tem que ter, logico, um dom para escrever, o dom para entrevistar e tudo mais, mas apuração é fundamental. Por que é onde separa um boato da verdade, é onde você consegue impor o que é jornalismo de verdade. A gente tem caso da pessoa que não tem muita facilidade para escrever, mas tem uma apuração tao boa que compensa. Compensa de uma forma totalmente desigual, essa dificuldade que ela tem de escrever ela vai compensando ao longo da experiência, porque ela compensou isso com a apuração. A apuração ela entra muito com essa força de vontade, você te essa dedicação. Não adianta você ligar para uma fonte e falar que isso já basta para a minha matéria. Sempre tem que estar atrás e confirmar aquilo que você já tem, por que o jornalismo não sai da sua cabeça própria, não sai do seu pensamento, isso vai com base nessas apurações, isso determina você ter essa distinção entre o que eu publiquei foi boato e amanhã mil pessoas ligam: o que você está falando? Essa noticia está errada. Faz distinção entre isso e você publicar uma baita de uma reportagem, com uma denuncia, qualquer coisa do tipo.

Como você acredita que a função social do jornalista está sendo exercida?

V: Seria hipocrisia dizer que nós não temos vários entraves, que a gente não trabalha em uma empresa. A gente trabalha em uma empresa. Uma empresa jornalística é uma empresa jornalística. Só que eu acho que o papel social do jornalismo é muito importante. Muita gente fica um pouco decepcionado quando sai da faculdade, muita parte teórica e nem para o mercado de trabalho, mas isso com passar do tempo acaba não acontecendo. A função social do jornalismo é exercida todo dia, todo dia. Por mais que você causou um impeachment de um presidente, ou seja uma notícia que você deu de uma família pobre que desabou a casa na chuva e está precisando de alimentos e consegue uma baita doação para essa família. Então, esse é o papel social do jornalista. Sempre falo para os meus repórteres que não existe notícia pequena. As vezes o repórter fica desanimado: ah, peguei essa noticinha de cobrir um buraco na rua, um buraco que está atrapalhando os moradores. Meu, o buraco está lá atrapalhando os moradores, caiu carro lá dentro, então não existe notícia pequena, tudo o que você faz tem essa questão de você mexer com a realidade, tentar melhorar a realidade. Acho que esse é o papel social do jornalista. Tentar cobrar e melhorar a realidade. Por que quando você faz isso, independente que seja um buraco na rua, ou se você derrubou o prefeito da sua cidade, acho que esse é o papel social do jornalismo que, bem apurado, você sempre consegue fazer.

Aqui no jornal, qual a tiragem diária? Tem diferença durante a semana e o final de semana?

V: Tem diferença. Acho que passa da casa dos trinta mil exemplares diários, e no final de semana não sei te dizer. Mas a gente pode olhar, pegar e olhar um.

Qual a linha editorial do jornal?

V: todo jornais tem uma linha editorial, a gente aqui não tem uma diretriz fixa de você não pode falar de tal pessoa, isso não existe. Mas há uma série de discussões que a gente checa ate por questões estratégicas. A gente nunca teve um obstáculo de que a verdade não seja dita. A gente nunca teve um obstáculo desse tipo, assim. As vezes a gente pondera muito o peso a dar em uma matéria ou não, por uma serie de questões, mas a gente nunca teve uma

questão assim: olha, aconteceu esse baita desse escândalo, mas é amigo... não vamos dar. Isso nunca houve aqui no jornal no período que eu estou aqui e mais há uma serie de discussões editoriais. A gente faz varias reuniões por dia para discutir, inclusive tem uma agora no fim da noite que é para ver tudo o que foi apurado, tudo o que virou matéria e ver qual o peso que cada um tem no jornal, se vai ser cabeça de pagina, se vai ser pé, o que vai ser manchete, o que não vai ser. Então essa discussão, são varias discussões que a gente faz, mas não é uma linha editorial que definem que não falamos sobre tal pessoa, ou não falam de tal partido. Não, é sempre ponderado e pesado.

Você acredita na credibilidade do Jornal da Cidade?

V: Acredito sim, até pela, hoje eu acredito mais na credibilidade do jornal, do que quando eu estava fora do jornal. Acredito ate pela repercussão que tem as nossas noticias aqui. Muitas vezes, ate pelos erros você consegue medir isso. As vezes você comete um errinho simples, numa programação do cinema, é incrível o tanto de gente que liga para reclamar. O telefone toca o dia todo para isso. Então, muitas das coisas que a gente fala aqui, as pessoas tomam como verdade absoluta, que eu acho as vezes prejudicial. As pessoas tinham que desenvolver um pouco mais esse senso critico, para saber qual, procurar outras fontes. Acho que em Bauru nós estamos carentes de, acho que principalmente jornal impresso, hoje em dia a gente tem nosso concorrente, mas a gente sente uma carência disso. E acho que por isso acaba tendo essa singularidade. Mas eu acredito sim, o jornal da cidade, tanto para a região também, ele é bem repercutido, bem lido e as informações dele são tidas com credibilidade.

Tem gente que não acredita no que esta no jornal, acha que tudo o que ela esta lendo, tem uma mentirinha. O que você acha que fez as pessoas acharem isso?

V: acho que, exatamente isso de as pessoas não conseguirem ter a noção de que a imprensa é uma empresa que tem seus, que precisa sobreviver. Então as pessoas acham que tudo o que esta no jornal, realmente tem gente, que acredita que tudo o que está no jornal é para atender o interesse de alguma

peessoa. E as pessoas acabam elevando isso a um grau quase que paranoico disso, por que não é tudo que é assim, não é assim. Eu, na Universidade, estudei muito semiótica, e as pessoas parecem que veem semiótica em tudo, pegam o produto pronto e veem semiótica naquilo. E muitas vezes não é, a pessoa pergunta: porque vocês não colocaram sobrenome do acusado no titulo? Não foi por que a gente não colocou, foi porque não cabia o sobrenome no titulo. Eu já tive discussões dessa, fiz especialização, já estava aqui no jornal. Que as pessoas pegavam o jornal e fazia análises incríveis e eu falava: gente, não teve nada desse jogo de interesse, dessa conspiração que as pessoas veem. Então, eu acho que isso, que tem uma parte da imprensa que, ao longo dos anos, houve escândalos, de ter sido estratégico, de ter adotado estratégia, a gente esta em vésperas de um debate decisivo da globo e a gente sabe que houve um problema com a Globo em um debate decisivo para a presidente, que foi decisivo para a eleição. Então eu acho que essas noticias vão carregando isso nas pessoas, que querem acreditar nisso, mas como eu disse, eu acho que o jornal tem muita credibilidade, não só o jornal da cidade, mas o jornalismo como um todo, tem muita credibilidade ainda, que bom.

Como você acredita que seja o futuro do jornalismo impresso?

V: Olha, isso é uma coisa muito polemica. Cada um tem um pouco de uma visão diferente, isso vai de profissional para profissional. Eu acho que o jornalismo impresso não vai morrer, eu não tenho essa impressão. Aqui a gente tem uma particularidade muito grande na nossa região, que eu acho que aqui ainda resiste mais ainda o jornalismo impresso. Eu acho que o futuro do jornalismo impresso, é uma opinião minha, é ser algo mais analítico, mais interpretativo do que factual. Por que hoje a gente tem uma concorrência interna aqui, nós do impresso com o site. A gente muitas vezes não sabe como lidar: isso vai dar no site, mas vai furar a gente no próprio jornal que vai sair de manchete amanhã. Então agente tem essa concorrência interna que a gente não sabe como lidar. Eu acho que o futuro do jornalismo impresso é algo mais analítico. Houve um acidente de transito: O acidente vai estar no site, vai estar na rádio, vai estar na tevê agora às sete horas da noite, em vários veículos. Mas amanhã o jornalismo impresso vai analisar: porque houve o acidente

naquele cruzamento? Quantos acidentes já houverem naquele cruzamento? Quantas pessoas morreram ali? Ah, o trânsito de Bauru está muito congestionado porque foi falta de vias. Então eu acho que o futuro é isso, assim. E o Jornal da Cidade sempre teve uma característica que, por isso acho que não sofreria tanto com isso, de tentar buscar um pouquinho mais. Olha, o acidente a gente já deu no site, vamos tentar falar um pouco da questão de quantos acidentes, vai lá e pede para a polícia um levantamento de quantas mortes já houveram. Então eu acho que o futuro é esse: ser mais analítico, ser mais interpretativo mesmo, mais pessoal.

Como você se vê quando você saiu da universidade e entrou no mercado de trabalho e hoje em dia, o que você concluiu? O que aprendeu? O que você fazia que antes que você nunca mais faria?

V: olha, a gente muda bastante, completamente. Até pela experiência que a gente adquire e por ver que muitas coisas que a gente vê na faculdade não se concretizam. Tanto para o lado bom, quanto para o lado ruim. Eu também tive uma análise que a gente fazia muitas vezes na faculdade que, tudo foi estratégia, tudo foi combinado, e não é bem assim. Tem muita coisa que você vai agregando a você mesmo. Eu, particularmente, tive uma mudança muito social. Do meu próprio modo de ver o mundo, assim. De visitar lugares que eu nunca tinha visitado. E não é a Europa não, não é lugares bons, é lugares completamente insalubres, conhecer famílias que vivem em uma sala menor que essa. Então, essa visão que você acaba tendo de mundo mesmo. Poxa existe que situações que eu nunca imaginei que existiam fora do meu mundinho de universidade. Então essa visão acaba fazendo você, para mim, foi muito importante para eu mudar a minha cabeça, muitos preconceitos que eu tinha e achava que não eram preconceito e eram preconceitos, isso para mim mudou muito, assim, foi mais internamente, mais socialmente mesmo.

E, como vocês abordam aqui no jornal um assunto muito polemico?

V: É, aqui, as questões muito polêmicas, ela tomam uma grande parte das nossas discussões, dessa serie de discussões. A gente sempre tenta, é regra, ouvir todos os lados. Não os dois, para tentar entender o que está acontecendo. A gente sabe que as questões polemicas, elas vendem mais, dão mais leitura e tudo mais, então a gente sempre tenta dar uma atenção muito grande para as questões polemicas. Por exemplo, estamos vivendo uma crise de água e isso, inclusive conversando com pessoas mais antigas do jornal e, ninguém se lembra de ter sido por sete dias manchete do jornal o mesmo tema. E foi, sete dias do jornal, o mesmo tema, a crise da água. Então é isso, algo polemico, é o que está ali, com todos os bauruenses tendo que lidar com isso e, a gente teve que dar o maior espaço possível, trabalhar as inúmeras vertentes possíveis, as vezes a gente não consegue dar isso em uma edição só e tenta consertar isso na outra. Vai buscando, buscando, buscando, ate conseguir dar essa amplitude. A gente acha que a gente deu uma amplitude muito boa. A gente falou desde pessoas procurando procurar poços irregulares em suas casas, até a questão do Rio Batalha, então é isso, a gente sempre tenta discutir ao máximo para saber a que ponto isso vai prejudicar a vida de uma pessoa sem que ela mereça, mas até que ponto ela tem que ser cobrada, até que ponto ela mereça ser cobrada, como foi o caso do Agostinho, do Rodrigo, que merece ser cobrado por tudo isso. Por que não adianta falar que não sabia, que estamos fazendo agora. Não, tinha que ter feito antes. Então a gente tem essa questão de: olha, vamos ponderar. Esta fazendo? Ótimo, está fazendo, as vamos cobrar do outro lado Então sempre muito discutido.

Por que você escolheu jornalismo?

V: Não tenho muita resposta para essa pergunta. Quando eu terminei o terceiro colegial eu prestei para Engenharia da Computação, nunca pensei em fazer jornalismo, durante o vestibular eu fui muito mal de exatas e muito bem de humanas. E pensei, poxa eu tenho que trocar um pouco minha área. Ai no cursinho eu já pensei em fazer jornalismo e, não tive uma explicação, nunca fui aquela pessoa que teve espelhos, que se espelharam e tal, e não me vejo hoje, fazendo nada que seja diferente, nem próximo do jornalismo. Não me vejo fazendo nada que não seja jornalismo. Principalmente jornalismo diário.

Consome assim meu dia completamente, mas não me vejo fora daqui, não me vejo fazendo outra coisa e não acho que eu seria bom fazendo outra coisa que não seja jornalismo.

Que momento nasceu a paixão pela profissão?

V: Acho que nasce no dia a dia. Tipo, não tem jeito, você é exatamente isso. A partir do momento que você vê que você começa a mudar a vida das pessoas, mesmo que seja um grupinho pequeno, que foi só para aquelas pessoas ali, ou algo que você fez que mudou a cidade, rumo da cidade. Estava sendo discutido por um lado, agora está sendo discutido por outro, por que houve um consenso que seria mais certo. Eu acho que vai nesse dia a dia, porque é meio que uma sensação de você poder melhorar as coisas. Não estariam ao seu alcance de outra maneira, aqui você pode, aqui a gente pode trabalhar para construir uma sociedade que seja mais justa, mais bem distribuída, mais igualitária e tudo mais. Então isso, isso é muito legal, muito apaixonante.

10. Daniela Bochembuzo (Entrevista)

O que os alunos não podem sair da faculdade sem aprender?

Os alunos não devem sair da faculdade sem aprender que jornalismo é uma prática que se faz na rua, que o repórter tem um acordo tácito estabelecido com o receptor da mensagem que é de ser olhos, ouvidos, pele, enfim de trazer todas as sensações e percepções dessa informação para a matéria. Ele deve entender também que o jornalismo não é imparcial, que ele não é isento... se algum desses itens for afirmado por um estudante, agora, um profissional da comunicação é porque ele se perdeu em algum momento do caminho.

Como você analisa o ensino, o preparo, na Universidade de um modo geral?

As universidades brasileiras no que tange ao ensino de Jornalismo tem 3 momentos, um primeiro momento quando ainda não há um estudo organizado do que é o Jornalismo, então ele é muito mais filosófico, muito mais humanista. Depois no 2º momento, a partir da década de 70 em que se avalia o que é mais importante é praticar e nem tanto as teorias. O jornalismo se faz mais na rua do

que propriamente dentro do ambiente de ensino. E o 3 momento, que nós estamos agora, que há uma variação de que o ensino deve ser um resultado de teoria e prática. É preciso refletir sobre as práticas jornalísticas e a partir dessa reflexão, praticá-lo. Então hoje a gente está em um momento muito mais evoluído do que é o ensino jornalístico, mesmo porque já temos mais de 50 anos de estudos de comunicação, de teorias do jornalismo e há uma percepção de que um bom jornalista é aquele que acima de tudo reflete sobre o que ele faz. A partir do momento em que ele ingressa no ensino de graduação e chega as redações. Ele nunca pode parar de refletir, é essa percepção critica que faz dele um bom profissional.

Quais os desafios dos jornalistas de impresso na atualidade?

Acredito que o principal desafio é justificar para o leitor e para os demais receptores que a informação impressa ainda tem valor. Hoje com o advento da internet, não hoje né... mas o fato da gente ter a internet muito próxima de nós, o móbille muito próximo de nós por meio dos celulares, dos tablets e dos pequenos computadores de mão , isso cria uma ilusão de que a informação pode ser acessada a qualquer momento mas na verdade é uma informação muito volátil, muito efêmera. E que nem sempre é uma informação que se torna documentada para sempre, como é o caso do impresso. Então hoje eu analiso que o grande desafio do profissional de impresso é falar: “olha o impresso ainda vale a pena e ele é muito importante em termos de profundidade de informação.” Mas pra isso os veículos precisam manter esse perfil de informação interpretativa, o que acontece é que a gente tem assistido muitos veículos sucumbirem ao formato de texto de internet que normalmente é um texto breve, é um texto linkado, com informações repetitivas... quando na verdade o impresso só sobrevive exatamente porque ele é muito interpretativo, muito aprofundado e isso permite que ele seja acessado a qualquer momento em várias épocas, tornando-se um documento importante para que a gente possa entender a realidade.

Na sua opinião, qual a credibilidade dos jornalistas?

A credibilidade dos jornalistas hoje está bastante em risco exatamente porque as pessoas hoje produzem o seu próprio conteúdo. Então não necessariamente elas precisam do jornalista como mediador de informação. Mas eu entendo que o papel do jornalista nunca vai acabar porque ele é uma pessoa, enquanto profissional, que seleciona esse conteúdo, que consegue interpretar e fazer uma filtragem do que é realmente importante para as pessoas saberem. Diferentemente da internet que muitas vezes as pessoas acessam conteúdos que elas sabem qual vai ser o viés informativo que vai estar lá, então ela não tem acesso ao contraditório, a informação contrária ao que ela sempre consome... então isso, para termos de sociedade isso é muito ruim, porque você acaba criando leitores, espectadores e consumidores de mídia que sempre vão ver um único viés de uma informação. E o jornalista, como a gente tem como função, está no nosso código de ética, ouvir todos os lados de uma informação, ele pode permitir o acesso de outros dados que não só aquele que muitas pessoas consideram como o mais importante. Mas pra isso nós precisamos explicar a existência da nossa função trabalhando com ética, trabalhando com responsabilidade, trabalhando o conteúdo que realmente faça a diferença. E pra isso é importante uma formação extremamente crítica, que envolva por parte do próprio jornalista um consumo de mídia, para que ele possa ter repertório para indicar o que é importante, o que não é importante, que ele possa ter conteúdo crítico para que ele possa fazer referências e inferências na matéria e que isso se refira no texto como uma marca pessoal, uma marca de que um profissional de jornalismo está ali escrevendo.

Porque você optou pela vida acadêmica?

Eu optei pela vida acadêmica depois de 15 anos em que eu atuava em redação e por perceber que naquele momento, eu seria mais útil como profissional de jornalismo auxiliando outros colegas a se formarem com esse viés crítico que eu praticava na redação, do que estando somente na redação. Então acredito que hoje contribuo mais para a redação proporcionando a redação profissionais mais completos.

Em uma frase como você definiria o jornalismo?

Para mim a frase que resume o jornalismo é paixão. Mas também é dedicação, também é transpiração e sobretudo crítica.

Como você vê o futuro da profissão?

Eu vejo o futuro da profissão com muita preocupação, por duas questões importantes: uma do lado das pessoas que chegam até a graduação, que são pessoas muitas delas que só estão preocupadas com o glamour da profissão sem estar preocupado com essa formação crítica, que envolve muita leitura, muito conteúdo e repertório cultural, e exercício do texto jornalístico. Por outro lado, na redação me preocupa a redução muito acentuada dos corpos redacionais em que você assiste muitos profissionais sem tempo para produzir uma matéria, sem a orientação adequada. Mas por outro lado é importante a gente notar que neste meio de campo há muitos alunos que são apaixonados pela profissão, que se veem nela, que querem interferir nessa realidade e que buscam desde o primeiro dia de aula fazer uma formação diferente. Participando de projetos de extensão, participando de projetos de iniciação científica, lendo muito, consumindo muita mídia. E também nas redações, a gente não pode analisar, mas há colegas que fazem a diferença e que estão lá, trabalhando, batalhando pra produzir um material que realmente faça a diferença na vida dessas pessoas que consomem conteúdo jornalístico. Eu avalio que a nossa responsabilidade, a nossa mudança só se dará num momento em que tanto o aluno de graduação em jornalismo quanto o profissional de jornalismo, perceber que nós vamos fazer a diferença quando nos atermos que a nossa profissão é uma profissão de texto, sobretudo. E que pra isso nos precisamos ter uma formação que nos propicie esse conteúdo textual.

Como você avalia o jornalismo praticado hoje, ele é mais voltado para os interesses da comunidade ou das empresas?

Não é possível hoje generalizar uma atuação do jornalista em campo. Porque a gente tem desde veículos de comunicação atrelados em interesse comercial e de marketing, como a gente tem veículos que realmente se preocupam com o interesse da comunidade e querem fazer a diferença. Esses veículos em geral

são veículos que tem entre os seu valor de noticia, seus critérios de noticiabilidade, o critério de ter algo que seja geograficamente interessante culturalmente e pertinente aquela comunidade. E além disso a gente tem algumas mídias sociais, grupos, em que você vê a pratica do jornalismo bem preocupada com esse viés da comunidade. O jornalismo precisa primeiro se preocupar com a comunidade que diretamente se direciona a ele pra depois se preocupar com a comunidade mais ampla, só assim fazendo essa interferência mais local as pessoas poderão perceber a importância desse profissional do jornalismo. Tem que estar na sociedade. Mergulhando, perpassando esses corpos sociais para que ele demonstre a importância que ele tem.

Qual a importância de estudar jornalismo?

Entendo que o jornalismo não se faz somente na pratica. Então estudar jornalismo é importante para você ter ideia da complexidade que é o exercício jornalístico, ter ideia dos ônus que essa profissão carrega, ter ideia dos bônus que essa profissão carrega e para fortalecer nesse estudando o porque dele estar fazendo jornalismo. Sobretudo o ensino do jornalismo se justifica quando nós nos deparamos com uma profissão que não é técnica e essa é uma grande confusão que as pessoas fazem, porque se ela fosse técnica ela seria um ensino técnico e não um ensino de graduação. Quanto mais nós nos aprimoramos, isso em qualquer que seja a profissão, melhor profissional nós nos tornamos. Então a tendência é de que quando isso começar a ser levado a contento realmente nós teremos melhores profissionais. Como eu acredito que isso venha acontecendo, ocorre é que a gente tem uma demanda crescente de pessoas que também procuram o jornalismo por outra coisa que não seja o texto. Mais por uma questão de vaidade, por aparecer nesse ou naquele veiculo, e o jornalismo é muito acima da vaidade. Porque quando um jornalista se preocupa com a comunidade nossas costas pesam muito e essas preocupações nos levam a nos tornar pessoas muito frias e muito céticas em relação a realidade.

Qual qualidade não pode faltar em um bom jornalista?

É criticidade e isso somente se dá com grande acesso a leitura das mais variadas fontes. Seja ela literatura, um conteúdo técnico-teórico e sobretudo pela prática dessa produção textual.

11. Loyce PolICASTRO

O que você espera da profissão?

R: O jornalismo, ele...ele me deixa, assim, com várias perspectivas na verdade, eu acho que o mais legal que é poder lidar com pessoas, ele abre vários caminhos. Eu espero poder atingir essas pessoas da melhor forma possível, e permitir que elas me façam esse bem todo. Pra mim, é você poder conectar pessoas, informar, fazer o bem, essa parte de prestação de serviço, eu espero isso, espero poder que a profissão me capacite de forma suficiente para poder fazer o bem cada vez mais e trazer a esperança, a realidade, a verdade...a veracidade de tudo, porque isso, as vezes, a população de forma geral se sente um pouco acuada, talvez até por um jornalismo do jeito que já está gasto né, e eu espero fazer a minha parte bem certinha para poder continuar sempre da melhor forma possível.

Porque você escolheu jornalismo?

R: As pessoas me encantam, eu escolhi porque, como eu falei, eu gosto de lidar com pessoas, a possibilidade de poder conversar e conhecer e crescer, e permitir de sempre ter um feedback ali, pau a pau, da mesma forma, foi o que mais me incentivou. E também são as características pessoais, então assim, querer sempre me expressar, principalmente verbalmente. A gente até conversou a pouco tempo com alguns outros alunos, e é engraçado porque as pessoas realmente se identificam por isso. Tem gente que gosta de jornalismo porque sabe ler e escrever, e eu acabei saindo, eu gosto do jornalismo porque eu gosto de falar, eu gosto de me comunicar, a comunicação de forma geral me encanta muito, essa foi a principal fonte de escolha.

Como você acha que a universidade vai te preparar para o mercado de trabalho?

R: Eu já acho que mesmo no primeiro ano a universidade já me prepara muito. Tratando da USC mesmo, eu acho que ela é uma universidade muito prática. Ela oferece toda a parte teórica, toda a base, eu encaro isso muito bem, eu acho que realmente a gente tem toda essa estrutura...a USC ela prepara assim, muito nessa parte prática. A gente tem a vivência com os meios de comunicação, com os veículos de comunicação. Você sendo do primeiro, do segundo, do terceiro, o tempo todo você pode participar, principalmente nas partes de extensão, na parte de pesquisa, e mesmo aluno de ensino que é o dentro de sala de aula, o tempo todo você está vivenciando. Então assim, eu espero realmente que isso fique cada vez mais a fundo, porque a minha primeira experiência nesse primeiro ano está sendo...eu realmente estou muito envolvida, então eu tenho perspectivas muito altas. Eu espero que a universidade supra tudo isso, mas eu acho que a forma que eles vão nos preparar é assim mesmo, na parte prática, incentivando o aluno a fazer, entendendo o porquê daquilo mas sabendo fazer.

Você acredita em tudo que o jornal publica?

R: Não. E isso se fortaleceu ainda mais agora. A gente consegue entender, dentro de sala de aula, o jornalismo bom, e correto, e o jornalismo ruim, intuitivo...intuitivo não, intencional, o jornalismo que leva muito a carga da mídia, da propaganda da publicidade, então eu não acredito em tudo, e esse é um dos objetivos que eu tenho, pelo menos o que eu puder fazer para levar o jornalismo que as pessoas esperam, com certeza.

Em uma frase como você definiria o jornalismo, para você?

R: Sonho, sonho, é...vocação, não tenho outra perspectiva de vida, e de modo geral eu acho que é uma coisa que toda pessoa precisa, informação, nada é possível se você não tem informação, assim que eu penso.

ROTEIRO

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Gladys andando de costas	0:01	(Herlinda) São poucos os que gostam de fazer jornalismo, porque é um trabalho sacrificado. Em primeiro lugar a remuneração não é boa, e também o trabalho não é fácil, tem que estar sempre na rua buscando informação.
Herlinda sentada no banco, de frente para a câmera.	0:30	Nós, jornalistas, não temos um horário definido de trabalho, nós não temos folga, não há como planejar nada, nem para o dia seguinte. Porque quando a notícia surge, nós, jornalistas, devemos estar presentes e, depois de trabalhar a manhã toda, no meu caso, a tarde tenho que escrever e editar.
Tela preta – Jornalismo: um compromisso com a sociedade	0:57	BG
Tela preta – Os desafios e responsabilidades da rotina dos jornalistas peruanos e brasileiros	1:10	BG
Aeroporto de Cusco – Peru	1:17	BG
Gladys em uma coletiva de imprensa	1:25	Meu nome é Gladys Pantoja, sou jornalista há mais ou menos seis anos. Comecei em um jornal local, o

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Gladys Pantoja, sentada em um banco, de frente para a câmera	1:43	Diário El Sol, e agora estou em um jornal nacional, o Diário Correo. Na verdade, quando sai da universidade, não tinha decidido que vertente trabalharia porque há várias opções, como jornalismo, relações públicas. Eu então decidi que queria experimentar. Queria experimentar como era o jornalismo, porém, nos dois primeiros dias trabalhados no Diário El Sol, não gostei da profissão, mas, em seguida, resolvi levar como um desafio e continuei. Continuei perseverante e com o decorrer dos dias passei a gostar da profissão. Agora posso dizer que jornalismo é uma das minhas paixões.
Brasil, visto de cima, do avião	2:30	Som ambiente
Avenida Duque de Caxias, Bauru - SP	2:37	Som da movimentação de carro
Avenida Duque de Caxias, Bauru - SP	2:42	Eu decidi que eu seria jornalista em 205, final de 2004, estava indo do primeiro para o segundo colegial. Já cheguei no final do ensino médio com a decisão
Thiago Navarro de costas no computador	2:50	De querer ser jornalista mesmo, eu prestei o vestibular muito convicto

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Thiago de frente para a câmera	3:00	E, eu acredito que, foi muito porque, primeiro eu gostava de escrever, Gostava de temas atuais, temas gerais. E uma coisa que me motivou muito no começo da faculdade era o rádio e o esporte. Foi a área que eu comecei a trabalhar e depois, dentro do jornalismo, eu acabei indo para outros segmentos também.
Ruas de Cusco/ Fachada do jornal Correo – Cusco	3:15	BG
Gladys sentada no banco, de frente para a câmera.	3:32	Minha rotina de trabalho começa, mais ou menos, as nove da manhã. No jornal, o editor pode te encarregar de fazer uma entrevista sobre um determinado tema. Porém, ao mesmo tempo, te dá a liberdade de sair e fazer suas próprias reportagens. Mas, sim, há casos onde o editor te diz: quero essa entrevista Quero esse tema, e então tem que fazer
Herlinda andando, de costas e Gladys	4:02	

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Praça de Cusco	4:09	Som ambiente
Coletiva de imprensa	4:12	Palestrante falando
Coletiva de imprensa	4:22	Ela é encarregada da área de prevenção de câncer da Direção Regional de Saúde de Cusco, e eles estão anunciando que vão realizar uma campanha para prevenir o câncer de mama
Gladys e Herlinda entrevistando	4:41	Som ambiente
Fachada Jornal da Cidade – Bauru	4:54	Som ambiente
Thiago Navarro sentado	4:57	Então, na verdade eu começo o dia por volta, eu geralmente entro do Jornal por volta da uma e meia, duas horas da tarde e fico até o início da noite, as vezes até o meio da noite, dependendo do dia
Mesa de trabalho do Thiago	5:09	E, geralmente, eu começo o dia discutindo pautas com o editor e com o outro repórter da editoria (politica), e a partir dai passo a trabalhar essas pautas, vou fazer contato por telefone, outras vezes por e-mail,

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Fachada do Cartório da 23 zona eleitoral	5:40	<p>Para marcar os lugares, para ir para a rua. Muita coisa eu resolvo por telefone, uma área que a gente tem essa disponibilidade de resolver por telefone, por internet. Mas muita coisa a gente tem que ir para a rua</p> <p>Entrevistar as pessoas, tem que ter a percepção de fora da redação</p>
Movimentação das aferições das urnas eletrônicas para o segundo turno das eleições presidenciais	5:45	<p>Na verdade é o seguinte, a gente marcou ontem, conversamos com o Dr. Gilmar Garmes, que é juiz eleitoral aqui de Bauru e ele explicou que hoje haveria uma aferição de urna. Uma pauta mais técnica, da área de eleição, que a gente vem cobrindo a parte eleitoral, que estavam aferindo as urnas, as ultimas urnas que vão lacrar para as sessões, a partir do final da semana. E a gente veio aqui no cartório, acompanhou o trabalho dos profissionais do cartório fazendo isso e é uma pauta que vamos usar tanto para o dia (da</p>

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Thiago Navarro sentado	6:36	<p>Eleição) e algumas coisas já para as matérias de domingo, que é uma matéria de serviço para o público que vai acompanhar a eleição também. Fragmentos da entrevista do Thiago com o Dr. Gilmar</p> <p>E, geralmente, eu concluo as pautas, encerro o dia concluindo as pautas, entrego para o editor para ele poder fechar o caderno ou, algumas pautas que são para outros dias, por exemplo, quando é uma pauta de domingo, ou para daqui dois ou três dias, eu deixo ela adiantada para, amanhã ou depois finalizar essa pauta e entregar no deadline.</p>
Pontos turísticos de Cusco	6:55	BG
Universidade Nacional San Antonio Abad de Cusco	7:09	BG
Carlos Airas – Estudante de jornalismo	7:14	Uma das características que todo jornalista deveria ter é ser sincero e ser honrado
Thiago Navarro	7:17	Tem que ser curioso, um jornalista

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Alberto Campana – Professor de Jornalismo da UNSAAC, Cusco	7:22	Que não é curioso está na profissão errada. Ser integro, ser respeitoso com a sua função na sociedade mas, sobretudo, ser ético
Daniela Bochembuzo – Coordenadora do curso de Jornalismo – USC, Bauru	7:31	É criticidade e isso somente se dá com grande acesso a leitura
Biblioteca central – Cusco – fachada e imagens internas	7:35	Das mais variadas fontes, seja ela literatura, seja um conteúdo técnico-teórico e, sobretudo, pela prática dessa produção textual
Vitor Oshiro – Editor do Jornal da Cidade, Bauru	7:46	Olha, eu acho que a pessoa tem que ter muita força de vontade, parece clichê mas, assim, tem que gostar muito da profissão. Até porque, não é fácil a profissão, é difícil, então você tem que gostar muito e ter certeza que é aquilo que você quer fazer
Herlinda sentada	8:01	Tem que ter vocação, conhecimento de tudo mas, acima de tudo, muito carinho pela profissão.

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Thiago Navarro	8:06	Escrever bem, independente da plataforma que vá trabalhar, acho que a escrita, claro que em um jornal impresso, num site, pesa mais ainda. Você vai escrever o tempo todo, o que você escrever é o que vai sair.
Entrevista, Cusco e ponto turístico	8:19	Primeiro entender que o jornalismo é um serviço social, e que não é uma forma de enriquecer, mas sim para contribuir que as coisas caminhem com total transparência e verdade em qualquer lugar. Em segundo lugar, é preciso ter uma formação sólida
Jose Victor Salcedo, jornalista do Diariola República, Cusco	8:40	Enquanto valores éticos e morais, para que não se envolva em qualquer ato de corrupção ou qualquer arranjo com os poderes políticos
Cartório eleitoral de Bauru / Dr. Gilmar Garmes explicando o procedimento de conferência do recibo emitido pela urna eletrônica testada	8:51	BG e fragmentos da explicação do juiz

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Gladyz e Herlinda entrevistando o diretor do Departamento Regional de Saúde de Cusco a respeito da greve dos médicos nos hospitais públicos	9:11	BG
Imagens internas do Jornal da Cidade Bauru	9:35	Olha, a gente tem muitos, seria hipocrisia dizer que a gente não tem vários entraves, que a gente não trabalha em uma empresa, em uma empresa jornalística. Só que eu acho que o papel social do jornalismo, ele é muito grande
Jose Victor Salcedo	9:56	Acredito que existem muitas deficiências, mas há alguns fatores que contribuem para dizer que existe um serviço voltado para a sociedade que passa, fundamentalmente, pela vigilância e fiscalização do uso dos recursos públicos. Creio que esta é a principal atividade da comunicação nos últimos anos
Gladys e Herlinda caminhando, de costas / Gladys sentada	10:17	Buscar ser imparcial ao transmitir a informação e tratar de focar em educação

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Cerimonia regional, Cusco	10:26	Som ambiente
Vitor Oshiro, Jornal da Cidade, Bauru	10:37	A função social do jornalismo é exercida todo dia, por mais que seja uma noticia que você causou o impeachment de um presidente, ou seja uma noticia que você deu de uma família pobre, que desabou a casa na chuva e está precisando de alimento e
Fachada de escola publica em Bauru	10:55	Consegue uma baita doação para essa família. Tudo o que você tem essa questão de você mexer com a realidade, tentar melhorar a realidade
Núcleo de Saúde Mary Dota	11:00	Acho que esse é o papel social do jornalismo, tentar cobrar e melhorar a realidade
Vitor Oshiro, Jornal da Cidade, Bauru	11:06	E quando você faz isso, mesmo que seja um burquinho na rua, ou você mexeu, derrubou o prefeito da sua cidade, acho que esse é o papel social do jornalismo que, bem apurado, você consegue sempre fazer

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Thiago Navarro sentado	11:13	Acho que o jornal consegue atender os interesse da comunidade. Assim, a gente tem que entender que toda empresa, ela tem seus ideais, sua forma de ver o mundo e de trabalhar. Mas acredito que se o jornal não atendesse os anseios da comunidade ele não existiria há 47 anos com a força que tem
Daniela Bochembuzo, Coordenadora do curso de Jornalismo, USC, Bauru	11:35	Não é possível generalizar uma formação, hoje, uma atuação do jornalismo em campo. Porque a gente tem desde veículos de comunicação, atrelados a interesses comerciais e de marketing, como a gente tem veículos que realmente se preocupam com o interesse da comunidade
Unidade de pronto atendimento / Prefeitura Municipal de Bauru	11:54	E querem fazer a diferença. Esses veículos, em geral, são veículos que tem entre os seus valores notícias, seus critérios de noticiabilidade,

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Daniela Bochembuzo	12:05	O critério de ter algo Que seja geograficamente interessante e culturalmente pertinente àquela comunidade
Universidade de Ciências da Comunicação, Cusco	12:11	Som ambiente / Nós aqui da faculdade de comunicação social, não aceitamos um exercício jornalístico divorciado da sociedade e de seus problemas
Alberto Campana	12:24	Mas sim, acreditamos que o jornalismo deve estar a serviço da sociedade a partir de um exercício mais ético, responsável e, sobretudo, com muito respeito a todas as pessoas
Banca de jornal, ruas de Cusco	12:32	A função social em um jornal é implícita, porque nós temos leitores
Juan Carlos Sequeiros, Editor Geral do Diário Correo, Cusco	12:40	Que confiam plenamente no que escrevemos. Claro, há uma porcentagem mínima de pessoas que leem o jornal, mas não prestam atenção necessária

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Imagem do jornalista	12:50	Mas a maioria da população acredita no trabalho que os jornalistas fazem
Juan Carlos em sua mesa de trabalho	12:55	Acreditam em seu profissionalismo e a investigação que fazem antes de escrever. E é por isso que nós temos uma papel fundamental na sociedade
Alberto Campana	13:08	A credibilidade está em questionamento, a credibilidade do jornalista tem sido bastante questionada
Banca de jornal, Cusco	13:13	Pela população que vê, constantemente, a expressões bastante impuras e descaradas de como um veículo de comunicação um dia está a favor de um candidato e, se esse candidato deixa de patrociná-lo, torna-se opositor dele
Vitor Oshiro, Jornal da Cidade	13:33	Hoje eu acredito mais na credibilidade do que quando eu estava fora do jornal. Acredito pela repercussão que tem as nossas notícias aqui. Muitas vezes, até pelos erros você consegue medir muito

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Thiago Navarro em sua mesa de trabalho	13:52	As vezes você comente um errinho simples, na programação do cinema
Redação do Jornal da Cidade, Bauru	13:57	É incrível o tanto de gente que liga para cobrar. O telefone toca o dia todo A credibilidade do jornalistas, hoje, ela está bastante em risco, exatamente porque as pessoas, hoje produzem o seu próprio conteúdo. Então, não necessariamente, precisam do jornalista como mediador de informação. Mas eu entendo que o papel jornalismo nunca vai acabar, porque ele é uma pessoa , quanto profissional
Daniela Bochembuzo, coordenadora do curso de Jornalismo da USC, Bauru	14:21	Que seleciona esse conteúdo, que consegue interpretar e fazer uma filtragem do que é realmente importante para as pessoas saberem. Diferentemente da internet, que muitas vezes as pessoas acessam conteúdos que elas sabem qual vai ser o viés informativo que vai estar lá. Então ela não tem acesso ao

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Vitor Oshiro, Jornal da Cidade, Bauru	14:57	<p>Contraditório, a informação contraria ao que ela sempre consome, então isso, em termos de sociedade é muito ruim, porque você acaba criando um leitor, expectadores e consumidores de mídia, que sempre vão ver um único viés de uma informação</p> <p>Muitas da coisas que a gente fala aqui, as pessoas lá fora tomam como verdade absoluta, que eu acho que as vezes é prejudicial, porque as pessoas tinham que desenvolver um pouco mais esse senso critico para saber, procurar outras fontes. Eu acho que eu em Bauru nós estamos carentes, principalmente de jornais impressos</p>
Banca de jornal, Bauru / salas de aula USC, Bauru	15:13	<p>Hoje em dia, a gente tem ai o nosso concorrente, mas a gente sente uma carência disso e, por isso, que acaba tendo essa singularidade</p>
Salas de aula USC, Bauru	15:26	<p>A gente consegue entender, dentro de sala de aula, o jornalismo bom e correto e o jornalismo ruim, o</p>

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Loyce Policastro, estudante de jornalismo, USC, Bauru	15:33	Jornalismo que leva muito a carga da mídia Da propaganda, da publicidade, então e não acredito em tudo. E esse é um dos objetivos que eu tenho, pelo menos o que eu puder fazer para levar o jornalismo que as pessoas esperam, com certeza
Calçadão, Bauru / Ferroviária abandonada/Pôr-do-sol	15:46	BG
Cusco	16:10	BG
Entrevista coletiva	16:21	Creio que o principal desafio do jornalista é estabelecer uma clara diferença entre o que é notícia e o que é propaganda
Alberto Campana	16:34	E o que são avisos comerciais. Há uma tendência muito crescente, suspeito que a nível mundial, onde os conteúdos propagandísticos estão invadindo os espaços informativos, então o leitor, o ouvinte, o telespectador, não sabe o que é

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Fachada jornal Correo, Cusco	16:57	<p>Noticia e o que é propaganda. Isso por um lado e por outro, o interesse dos grandes grupos empresariais</p> <p>Que controlam os meios de comunicação. A tão desejada independência na pratica não existe</p>
Jornalista trabalhando, de costas	17:04	<p>Porque os jornalistas acabam sendo empregados</p>
Alberto Campana	17:10	<p>Dos empresários que têm interesses econômicos e políticos. E são eles que no fim determinam o rumo de uma publicação</p>
Thiago Navarro	17:18	<p>A questão de marca, de assuntos, não existe um tabu, assim. Na verdade tudo é conversado, claro que os assuntos, eles são conversados editorialmente aqui dentro, toda pauta é discutida. Nenhuma pauta é proibida, não existe isso. Mas existe sim caminhos a se seguir</p>

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Gladys	17:40	Os meios de comunicação dependem de publicidade e, de certa forma, essas empresas podem limitar o nosso trabalho. Porém, o Diário Correo, da cidade de Cusco, apesar de ter publicidade de algumas empresas e instituições públicas, busca sempre informar
Propriedades do Jornal da Cidade, Bauru	18:13	Todos os jornais tem uma linha editorial, a gente aqui não tem uma diretriz fixa, assim, você não pode
Vitor Oshiro	18:21	Falar de tal pessoa, isso não existe, mas há uma serie de discussões, que a gente checa ate por questões estratégicas. Só que a gente nunca teve um obstáculo de que a verdade não seja dita, a gente nunca teve um obstáculo desse tipo
Desfile cívico, pontos turísticos e entrevista, Cusco	18:39	BG
Entrada, USC	19:14	BG

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Daniela Bochembuzo	19:17	A minha frase que resume jornalismo é paixão, mas também é dedicação, também é transpiração e, sobretudo, crítica
Alberto Campana	19:32	Acredito que seja um apostolado, porque baseia-se, principalmente, em princípios e convicções, porém, quando o jornalista atua em função de interesses econômicos, torna-se um terrível negócio. É o que diz um outro jornalista peruano, Don Miguel Quezada: “O jornalismo, quando exercido, pode ser o mais nobre das profissões ou o mais vil dos ofícios”
Thiago Navarro	19:55	O jornalismo é a busca pela verdade, mas uma verdade que é quase inatingível
Gladys	20:07	O jornalismo é, atualmente, uma das minhas paixões
Jornalistas na rua, trabalhando	20:11	É uma profissão muito nobre
Gladys	20:17	mas que se deve atuar com bastante responsabilidade

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Herlinda entrevistando	20:22	É uma profissão muito nobre, muito nobre. Essa é a melhor frase que posso dizer agora
Herlinda sentada em um banco	20:28	E que é a melhor das profissões, na minha opinião
Joyce Policastro	20:31	Sonho, sonho... é vocação, não tenho outra perspectiva de vida. E, de modo geral, é tudo o que as pessoas, toda pessoa precisa, informação. Nada é possível se você não tem informação
Juan Carlos	20:48	É uma profissão muito bonita, muito sacrificada, e exige bastante esforço por parte do profissional
Jose Victor Salcedo	20:55	É, para mim, um bem social, e uma atividade de serviço a população
Carlos Miras	20:59	Com o jornalismo pode se tocar o céu, sempre que praticá-lo da melhor maneira, porque o melhor prêmio, que pode conquistar como jornalista é o reconhecimento das pessoas

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
--

TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Vitor Oshiro	21:13	<p>Tanto os problemas, quanto as glórias do jornalismo nosso diário, você só pode carregar até as 10 horas da manhã do dia seguinte, quando você dá um baita de um furo, algo sensacional, isso morre nas 10 horas da manhã do dia seguinte, quanto você comete um puta de um erro, come uma barriga muito grande, também é 10 horas da manhã do dia seguinte, você não pode ficar carregando isso, tem que melhorar no dia seguinte para não cometer de novo, tentar consertar esse erro. Mas é isso, algo muito dinâmico, então a gente nunca pode.. pode fazer algo grandiosíssimo, que 10 horas do dia seguinte você tem que esquecer isso e tem que tocar para frente, porque começa um novo dia, começa um novo jornal</p> <p>BG</p>
Gladys dentro do carro	21:53	Não, não, na verdade não. Eu podia fazer outras coisa, ganhar mais, mas o
Gladys sentada	21:59	dinheiro que me pagam no jornal, mas eu gosto do jornalismo, eu gosto

JORNALISMO: UM COMPROMISSO COM A SOCIEDADE
TEMPO: 23M54S

Vídeo	Tempo	Áudio
Gladys trabalhando / na rua	22:20	Da profissão e não me importo com o dinheiro, porque é muito baixo no jornalismo. Porém, a satisfação que tenho em poder contribuir, nem que seja com um grão de areia, a sociedade, é o que gosto
Tela preta com informações	22:35	BG
Créditos	23:21	BG